

Lexicografia portuguesa bilingue Breve conspecto diacrónico

Telmo Verdelho (Universidade de Aveiro)

SUMÁRIO	Introdução
	Convívio interlinguístico europeu
	Contacto luso-espanhol
	Encontro com o inglês e o flamengo
	Pré-dicionarística bilingue
	Francês-português (século XVIII)
	Lexicografia prática e escolar: <i>Novo dicionário francês-português</i>
	Português- Francês
	Vieira Transtagano: Inglês-Português / Português-Inglês
	Italiano-português
	Síntese conclusiva sobre a lexicografia do século XVIII
	Dicionarística bilingue no século XIX
	Dicionários portáteis
	— Dicionários portáteis, parceria com a língua francesa
	— Dicionários portáteis, parceria com a língua inglesa
	— Os “Dicionários do Povo”
	Dicionários complementares
	— O <i>Novo dicionario</i> (1836) de Fonseca
	— O <i>Nouveau dictionnaire</i> (1841) de Inácio Roquete
	— Os dicionários de C. Freire (1879), D. de Azevedo (1887/1889) e de Valdez (1887)
	Dicionários complementares, parceria com a língua inglesa
	Dicionários bilingues parceria alemão, espanhol e italiano
	Dicionários políglotas e paralexiconografia bilingue
	Conclusão

Introdução

1. A lexicografia da língua portuguesa acompanhou, no início e ao longo da sua elaboração, a lexicografia europeia, com algum retardamento e geralmente com dimensão mais modesta, correspondente a um espaço linguístico periférico e com pequeno peso demográfico.

Os dicionários portugueses, como os da maior parte das línguas modernas, tiveram uma origem interlinguística. Desenvolveram-se num processo de interacção e de parceria, primeiro com o latim e depois em confronto com outras línguas vizinhas e contemporâneas.

Na história do convívio interlexicográfico, a língua portuguesa teve o privilégio de ser a primeira, entre as línguas europeias, a emparceirar com as línguas remotas do Oriente. O português levou o alfabeto latino à China e ao Japão e participou nas primeiras experiências lexicográficas trans-europeias.

Pelos anos de 1588 foi redigido, em Macau, o primeiro dicionário Português-Chinês, elaborado por iniciativa dos missionários jesuítas italianos Michele Ruggieri (1543-1607) e Matteo Ricci (1552-1610) (Witek 2001). A nomenclatura portuguesa é baseada, com pequenas adaptações, no *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum sermonem*, de Jerónimo Cardoso (primeira alfabetação impressa da língua portuguesa, publicada em Lisboa, por João Álvares, em 1562-1563).

O encontro com o japonês começou a meio do século XVI, foi exercitado em textos manuscritos, ao longo de quarenta anos, e tomou forma impressa em Nagasaki em 1595, com a publicação de uma versão do Calepino em que a nomenclatura latina é traduzida em português e japonês: *Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum ex Ambrosii Calepini*.

Poucos anos mais tarde, em 1603/4, publicava-se em Nagasaki um importante dicionário bilingue de japonês-português — *Vocabulario da lingoa de Iapam com a declaração em Portugues* — com cerca de 32.000 entradas de vocábulos japoneses transcritos no alfabeto latino, com as equivalências em português, “feito por alguns padres e irmãos da Companhia de Iesu” (Verdelho, 1998).

Como interlíngua de missão, a aventura do português manifestou-se também na Índia e no Brasil, desde o séc. XVI, com experiências lexicográficas originais e bem instruídas. São empreendimentos notáveis em que se pode observar a capacidade de mobilização e de aplicação prática do melhor da ciência metalinguística, que foi sendo elaborada e aperfeiçoada ao longo de uma estudiosa e recorrida tradição greco-latina.

Em todo o caso, a “lexicografia dos missionários” não teve, muito provavelmente, grande influência nem uma sensível repercussão no desenvolvimento da dicionarística portuguesa moderna, mesmo no respeitante aos dicionários bilingues. Mas foi no mesmo quadro da sabedoria linguística da gramática e das artes do discurso, aplicadas no ensino institucional do latim, que surgiu e se exercitou o encontro lexicográfico da língua portuguesa com as línguas europeias modernas.

Convívio interlinguístico europeu

2. A produção lexicográfica elaborada no âmbito do convívio da língua portuguesa com os idiomas europeus, especialmente com o francês e o inglês, constitui um testemunho linguístico e histórico com interesse para os estudos diacrónicos, para a história da língua e da cultura, para uma compreensão mais instruída do relacionamento externo de Portugal, e sobretudo para o estudo do léxico e para a elaboração lexicográfica.

A história desta interdicionarização do português na Europa não foi ainda objecto de estudo sistemático. Existem alguns breves apontamentos, parciais e ocasionais, mas não é possível fazer, actualmente, uma síntese informativa suficientemente documentada, capaz de dar conta dessa produção, medianamente abundante, que se estende ao longo de quatro séculos, com particular incidência a partir da segunda metade do séc. XVIII, e que incorpora algumas centenas de títulos. Procuraremos, em todo o caso, dar uma notícia geral e abrangente sobre as origens e os primeiros desenvolvimentos dessa lexicografia, até ao século XX. De lado fica, por agora, a lexicografia latino-portuguesa, a qual, embora modestamente estudada, é já sumariamente conhecida.

Tentaremos roteirar essa produção, fazendo o levantamento dos textos conhecidos e encontráveis, especialmente os que acederam à divulgação tipográfica, que registam a língua portuguesa nesse confronto interlexicográfico.

3. O convívio do português com as línguas europeias começou no final do século XVI (1598) com o intercâmbio plurilingue do *vade-mecum* de Berlaimont:

Colloquia et Dictionariolum octo Linguarum, Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Italicae, Anglicae, et Portugallicae. Liber omnibus linguarum studiosis domi ac fori apprime necessarius (Rossebastiano 1975: 31).

Nele se regista um “corpus” lexical muito elementar, com cerca de 1100 entradas subordinadas à ordem alfabética de uma das outras línguas. O universo de referência verbalizado limita-se praticamente às solicitações da comunicação de um viajante em terra estranha e ao diálogo comercial.

A língua portuguesa vem incluída em cerca de vinte edições, entre 1598 e 1692. Nas edições que foi possível consultar, o “corpus” português sofreu algumas interferências das línguas parceiras, especialmente do espanhol. (Gallina 1959, Rizza 1996, Rossebastiano 1984).

Em 1617 o português entra também no convívio interlinguístico europeu, de modo fragmentário, na obra do inglês John Minsheu (1560-1627) *Ductor in linguas*, num conjunto de onze idiomas.

Contacto luso-espanhol

4. A experiência plurilingue nos vocabulários de Berlaimont e de Minsheu não pode ser ignorada, mas é pouco significativa. O efectivo início do convívio linguístico do português com outra língua europeia, ocorreu, naturalmente dentro do espaço da Península Ibérica.

Um corpus trilingue latim, português e espanhol dicionariza-se no século XVII, no âmbito de uma lexicografia essencialmente latina, nas obras de Amaro Roboredo: *Raizes da lingua latina mostradas em hum tratado, e dictionario* (1621) (Verdelho, 1999); *“Centúrias” / Porta de linguas ou modo muito acomodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola. Agora acrescentada a Portuguesa com numeros interliniaes, pelos quaes possa entender sem mestre estas linguas o que as não sabe [...]* (1623); e de Bento Pereira: *Prosodia in Vocabularium Trilingue, Latinum, Lusitanicum, & Hispanicum digesta* (1634) (Verdelho, 1992). Trata-se todavia de uma anotação lexicográfica do castelhano assistemática, escassa e fragmentária especialmente nos dois textos caracterizadamente dicionarísticos. Vem integrada em artigos ordenados pelas entradas latinas, e não é referenciável pela ordem alfabética, nem do castelhano, nem do português. Amaro Roboredo, na “Advertencia” introdutória do seu “Calepino”, esclarece: “... faltando a castelhana, sabe que a mesma palavra sem nenhuma differença, he Portuguesa e Castelhana, ao menos quanto aas letras, e significação, posto que a pronunciação seja diversa”. Este mesmo critério, de informação exclusivamente contrastiva, parece ter sido aplicado por Bento Pereira.

Não temos dados sobre a recepção, a utilidade e a repercussão interlinguística destes registos lexicográficos. O dicionário de Amaro Roboredo não passou da primeira edição. Por sua vez, a *Prosodia* tornou-se simplesmente bilingue, a partir da reedição de 1697, abandonando toda a informação castelhana. De qualquer modo, esta intercomunicação das línguas peninsulares deverá merecer uma observação mais atenta e aprofundada. (V. infra: Vázquez, Ricós Vidal, Salas Quesada e Iriarte Sanromán).

Em 1721, Bluteau publica, anexado ao tomo 8º do seu monumental *Vocabulário*, um *Diccionario castelhano y portuguez* (189 páginas, “magno in quarto”) em que se ordenam alfabeticamente, de modo muito simplificado, as equivalências lexicográficas das duas línguas. No português-espanhol, regista-se um vocabulário básico de cerca de 1200 formas. O espanhol-português oferece uma nomenclatura bastante mais abundante (cerca de 22.000 entradas). Como nos dicionários anteriores, trata-se de uma sobreposição contrastiva do

“corpus” lexical das duas línguas, mas agora de maneira sistemática e com o acesso facilitado pela indexação alfabética das entradas nas duas línguas. No dicionário de espanhol português, quando a forma castelhana e a portuguesa coincidem (o que acontece em mais de 11.000 entradas) a equivalência é substituída simplesmente pela partícula *id.* O conteúdo lexicográfico, oferece, naturalmente, a sequência equativa e paratáctica das formas equivalentes, em cada uma das línguas, mas é também valorizado por elementos de informação semântica que transcendem o âmbito da intercomunicação bilingue.¹

Encontro com o inglês e o flamengo

5. Para além dos contactos com o espanhol, o encontro lexicográfico do português com outras línguas europeias, no âmbito de uma dicionarística bilingue que podemos considerar pré-moderna, inicia-se em Londres em 1701, e em Amsterdam, em 1714. Em Londres publica-se um dicionário de Inglês-português e português inglês, com o título: *A compleat account of the Portugueze language, being a copious dictionary*, assinado por um enigmático A. J. que foi, ao que parece sem base suficientemente comprovada, interpretado como Alexander Justice (Torre 1996).

A primeira parte — *Vocabularium Anglo-Lusitanicum* — ocupa 195 p. e a segunda — *Vocabularium Lusitano-Anglicum* — ocupa 181, n.numeradas. Não pudemos verificar a origem da nomenclatura inglesa. Ela pode ter sido recolhida do dicionário de John Bullokar, (*An English Expositor, or, Compleat dictionary: teaching the interpretation of the hardest words, and most useful terms of art, used in our language / first set forth by J.B.*) inicialmente publicado em 1616 e depois retomado ao longo do século XVII, com uma edição ainda em 1688. Mas também os dicionários de inglês latim, poderão ter sido utilizados como fonte de referência para a selecção das entradas da primeira parte, especialmente os dicionários de John Rider (1562-1632) e de Elisha Coles (1624-1680) que foram objecto de várias reedições na segunda metade do século XVII.

A nomenclatura portuguesa que se encontra na segunda parte, é integralmente transcrita do *Tesouro da lingua portuguesa* (1647). Consta de uma alfabetação do léxico português composta por cerca de 24.000 entradas.² A mesma nomenclatura foi literalmente transferida, com a retoma do próprio título, no *Tesouro dos Vocábulos Das duas Línguas Portuguêsa, e Belgica* publicado em Amsterdam, em 1714 por Abraham Alewyn e Joannes Collé.

Estes dicionários, tendo em conta o lugar da sua publicação (Inglaterra e Holanda), esperavam certamente como principais destinatários os falantes de inglês e de flamengo, e não tanto o público português que dificilmente lhes poderia aceder. De qualquer modo, em Portugal ou no estrangeiro, não foram reeditados e não fizeram tradição lexicográfica. Para a língua portuguesa, o mais interessante nestes dois monumentos bibliográficos, que marcam a emergência do encontro interlexical do português com as línguas europeias, é o testemunho

¹ O *Diccionario castelhano y portuguez* inclui cerca de 2.000 nomes próprios, topónimos (cidades, ilhas, reinos, rios, montes, etc.) e mais de 500 anotações de classificadores hiperónimos e de termos de especialidade, com a seguinte ordem de frequência até às 9 ocorrências: Ciudad (975), Termino (287), Villa (212), Region (210), Yerva (202), Rio (129), Pueblos (105), Medico (104), Isla (94), Ave (68), Reyno (60), Arbol (54), Monte (45), Provincia (43), Anatomico (34), Animal (32), Cavallo (29), Piedra (28), Mar (25), Pece (25), Pescado (24), Titulo (23), Astronomico (20), Moneda (20), Canto (19), India (19), Lugar (17), Planta (17), Fruto (16), Figura (15), Flor (15), Nautico (15), Trigo (14), Casa (13), Islas (13), Palabra (13), Tierra (12), Medida (11), Navio (11), Color (10), Dentes (10), Dignidad (10), Musica (10), Pequena (10), Aguas (9), Chimico (9), Constelacion (9), Cousa (9), Moço (9) (Salas Quesada, 2003).

² O texto foi objecto de registo digital, no âmbito do projecto do *Corpus Lexicográfico do Português* e pode ser consultado em <http://clp.dlc.ua.pt>.

diacrónico do “corpus” linguístico que parece ser muito abundante, acumulado no interior dos artigos, no dicionário de Inglês-Português.

Pré-dicionarística bilingue

6. O contacto activo em Portugal com as línguas centro-europeias começa ainda no século XVII com a elaboração de textos gramaticais. Na *Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado (t.III, p.343-344) encontram-se referidas uma *Arte de Grammatica Italiana* e uma *Arte de Grammatica Francesa* manuscritas, compostas cerca de 1640 por Manuel Pires de Almeida (1597-1655) actualmente perdidas.

Em 1679 publicou-se em Lisboa uma *Arte da lingua francesa para facilmente, e brevemente aprender a leer, escrever, & fallar essa Lingoa*, um pequeno volume (86, [2] p. 14 cm), composto por João da Costa, que marca o início de um convívio interlinguístico do português com a Europa, e que vai intensificar-se nas décadas iniciais e ao longo de todo o século XVIII, com a publicação de outros compêndios para o ensino do francês, do italiano, do flamengo, do inglês e do alemão, nos quais se integra, com espaço alargado, a informação sobre o vocabulário.

A componente lexical no confronto bilingue com as línguas europeias, desenvolveu-se, de forma pré-dicionarística, como um apêndice indispensável, nos manuais de tipo gramatical, orientados para o estudo do português no estrangeiro, ou para o ensino das línguas estrangeiras em Portugal.

Um dos mais antigos manuais em que se acrescentou essa parte especialmente dedicada ao vocabulário foi a *Grammatica Anglo-Lusitanica... With a Vocabulary of Useful Words in English and Portuguese*, publicada anónima, em Lisboa, em 1705. A publicação em Lisboa deve ter sido motivada pela procura do público português, e foi certamente para o público português que se valorizou esse vocabulário básico referenciado no próprio título, comum às duas línguas. Havia o dicionário já citado, *A compleat account of the Portuguese language*, publicado em Londres, quatro anos antes, mas ele não era facilmente acessível para os estudiosos de inglês ou de português que viviam em Portugal.

Importantes, pela sua informação lexical, são também os manuais de gramática de francês e de italiano publicados por Luís Caetano de Lima (1671-1757). A *Grammatica franceza, ou arte para aprender o francez por meio da lingua portugueza* teve primeira edição em 1710, foi retomada em 1733, logo seguida, em 1734 pela *Grammatica italiana e Arte para aprender a Lingua Italiana por meyo da Lingua Portugueza*, e foram depois várias vezes reeditadas.

Estas gramáticas oferecem já uma informação lexical bastante sistemática e relativamente abundante. Ao longo dos vários capítulos transcrevem copiosas listas de palavras com informações prosódicas e morfológicas; enumeram muitos paradigmas gramaticais, como os verbos irregulares, os nomes anómalos, os advérbios, e as partículas da oração, sempre emparelhados, de forma recíproca, nas duas línguas em confronto. Além deste “corpus” de tipo para-lexicográfico, disseminado geralmente na maior parte dos manuais escolares gramaticais, destinados a aprender as línguas estrangeiras, e eventualmente também a língua vernácula, acrescentam-se agora vocabulários que dão conta do léxico básico elementar para a comunicação oral e escrita, e que sistematizam a sua apresentação como se se tratasse de um pequeno dicionário. Tomo para exemplo a já referida *Grammatica italiana e Arte para aprender a Lingua Italiana por meyo da Lingua Portugueza*, publicada em Lisboa pelo teatino Luís Caetano de Lima, em 1734 e reeditada em 1756 e 1784 sem alterações apreciáveis. Serve de referência a ed. de 1756.

A informação especificamente lexical ocupa cerca de 140 páginas e divide-se em duas partes: italiano-português e português-italiano. A primeira corresponde ao capítulo (XXXII, p.

273-351) e tem o título seguinte: *De alguns Nomes e Verbos, que encerrão alguma dificuldade mais particular; e das observaçoens que sobre elle fazem os Academicos da Crusca, ou algum author dos de melhor nota, pôstos por ordem Alfabetica.*

Apresenta cerca de 900 artigos de tipo dicionarístico, compostos pela entrada em italiano e pelas equivalências em português, com alguma expansão sinonímica. Em muitos artigos acrescentam-se frases em italiano que são também objecto de tradução em português. Começa este breve vocabulário com a entrada *Acconciare*. à qual corresponde o artigo seguinte:

“*Acconciare*. Concertar, preparar, pôr em bom estado. *Acconciarsi la testa*. Concertar o cabelo, tocar-se. *Acconciarse* sómente. Concertar-se, vestir-se, compor-se. *Acconciarsi insieme*. Ajustar-se entre si, compôr-se, reconciliar-se. *S'aconciò cò Fiorentini*. Ajustou-se com os Florentinos.” (p. 273)

Trata-se de uma recolha dicionarística com importância linguística, pedagógica e cultural. Entre outros artigos bem preenchidos poderão assinalar-se os correspondentes às entradas: *biasimare, brusco, caldo, Crusca*³, e ainda *Morbido, Schiudere, Spavento, Scrocare, vago*⁴.

A informação lexicográfica, do português para o italiano é acrescentada na parte final, como um anexo que não vem incluído entre os 34 capítulos do índice inicial da gramática. Tem o título seguinte: *Compendio de varios nomes propios, e termos particulares de artes e sciencias, divididos por classes de materias.*

Estende-se da p. 351 à 412. Trata-se de um pequeno vocabulário, organizado metodicamente, com preocupações didáticas, composto por cerca de 2000 palavras, distribuídas por domínios de significação. O modelo destes “vocabularetos” é certamente muito remoto. Temos notícia da sua utilização nas escolas conventuais da Idade Média para o ensino do latim. Em toda a Europa foram impressos em grande número, a partir do séc. XVI. Um destes pequenos manuais lexicográficos inaugurou mesmo o bibliónimo “dictionarium” na tipografia portuguesa em 1551: *Hieronymi Cardosi Dictionarium Iuventuti studiosae admodum frugiferum.*

Os vocabulários de Caetano de Lima são suficientemente amplos e bastante cuidados para fornecerem uma competência lexical muito semelhante, ou talvez mesmo superior, à que hoje propõem os vocabulários básicos ou fundamentais, elaborados com recurso à estatística das línguas. O *Vocabulário do Português Fundamental*, por exemplo, publicado em 1984, tem justamente 2 217 palavras e apresenta um “corpus” lexical correspondente, *grosso modo*, à mesma lógica de um universo semântico determinado pelas necessidades da comunicação elementar. O contraste diacrónico entre os dois vocabulários oferece informação muito pertinente para a história das duas línguas e para a história da vida quotidiana, e de um modo geral para a memória da cultura.

Este manual em particular, com as suas reedições, documenta o elevado interesse pela língua italiana em Portugal ao longo do séc. XVIII. O interesse pelo italiano justificou mesmo, no final do século, a publicação de um volumoso dicionário de que adiante daremos notícia, e repercutiu-se ainda no século XIX com a divulgação do *Thesouro da Lingua Italiana* (1803) de António Michele⁵.

³ “Farello. Nome que tomou a famosa Academia da Crusca, para mostrar que com o seu trabalho separa a farinha mimosa dos farellos, isto he, as palavras boas das más.” (p. 285).

⁴ “Errante. *Le stelle vaghe*. As estrelas, os astros errantes. Significa tambem desejoso. *Queste cose mi fanno vago di saper chi tu sii*. Estas cousas me fazem vir a curiosidade de saber quem tu és. Tambem se diz daquillo que dá gosto, que agrada. *Di questo sogliono le donne essere più vaghe*. Disto se costumaõ pagar, ou aggradar mais as mulheres. Algumas vezes quer dizer gentil, engraçado. *La sua vaga bellezça*. A sua engraçada formosura.” (p. 344).

⁵ Personagem interessante que exerceu em Lisboa o officio de “Professor de lingua Italiana, Francesa e Inglesa”.


No quadro desta interlexicografia com a língua portuguesa, que podemos considerar pré-dicionarística, merece destaque a obra de Carlos Folqman *Grammatica hollandeza, ou Methodo compendioso para aprender a bem fallar, e escrever a lingua Hollandeza*.

Também aqui a componente lexicográfica se integra no âmbito de um manual para o ensino da língua, em que, para além da parte gramatical, se acrescenta — lê-se no próprio título — “*huma nomenclatura copiosa, varios Dialogos, e huma collecção dos mais selectos Proverbios de ambas as linguas*”. É um vocabulário menos dimensionado do que os anteriores, tem cerca de mil palavras diferentes, oferece, em parte, o mesmo universo de referência: a vida quotidiana e o espaço burgês. Em todo o caso na nomenclatura de Folqman, a língua de entrada é o holandês, as equivalências portuguesas não correspondem assim a uma nomenclatura com tradição já estabelecida, e deixam transparecer a originalidade e o idiolecto do autor. São também um interessante testemunho para a história da língua. Pode citar-se, como exemplo, um núcleo temático com um título inesperado: (p. 92) *Qualidades Infames* ao qual correspondem os nomes: *matador, traydor, feiticeiro, ladrao, puta, putanbeiro, ladrao de estrada, prézo, agarrador, quadrilheiro, forca, carrasco*.

PORTUGEESE ¹³⁶
EN NEDERDUITSE
SPRAAKKONST,
MET EENE WYDLOOPIGE NAAM-NOEMINGE,
Vercheide t'zamenpraaken, en eene verzamelin-
ge van de uitgelezenste spreekwoorden
van beide taalen.
*Is nu bygevoegd eene verhandeling van de Portu-
geese Speld'-konst.*

GRAMMATIC A
HOLLANDEZA,
OU
ARTE COMPENDIOSA
Para hum Portuguez aprender a lingua
Hollandeza.
COM HUMA NOMENCLATURA COPIOSA,
*varios Dialogos, e huma Collecção dos mais
selectos Proverbios de ambas as linguas.*
Pelo P. CARLOS FOLQMAN,
Clerigo Presbytero do habito de S. Pedro,
e Capellaõ mór de S. Bartholomeo
dos Alemães.
LISBOA:
Na Offic. dos Herd. de ANTONIO PEDROZO GALRAM,
M. DCC. XLII.
Com todas as licenças necessarias.

COLLECCÃO
DE
PALAVRAS
FAMILIARES,
PORTUGUEZAS, FRAN-
cezas, Latinas, e Britanicas,
Com huma breve instrução para perce-
ber, e ainda fallar o Idioma Frances.
AUTHOR
BARTHOLOMEU ALVARES
DA SYLVA.



COIMBRA:
Na Real Officina da Universidade, Anno
de 1764.
Com as licenças necessarias.

7. O contacto interlinguístico, pré-dicionarístico, desenvolvido em manuais para o ensino das línguas, teve expressão plurilingue num opúsculo publicado em 1764 por Bartolomeu Álvares da Silva: *Collecção da palavras familiares portuguezas, francezas, latinas e britanicas: com huma breve instrução para perceber e ainda fallar o idioma frances*.

É um pequeno volume orientado para o ensino, em que o português se encontra com o latim e as duas línguas modernas que começariam a ter mais procura e que haveriam de emergir como opções predominantes no processo de escolarização interlinguístico europeu. Começa com um vocabulário geral de 45 páginas (sobretudo de nomes substantivos), organizado por domínios de significação, ou núcleos temáticos, retomando o modelo e a

própria nomenclatura já anteriormente ensaiados nas “artes” publicadas para o ensino das línguas. Depois de uma *Brevissima instrução para perceber com brevidade o Idioma Frances* (46-100), acrescentam-se ainda 10 páginas (100-110) de verbos. O português é a língua de entrada, seguido do francês, do latim e do inglês; a lista dos verbos, é ordenada pela sequência: francês, português, latim, inglês. Contém cerca de 1800 palavras (incluindo os verbos). Trata-se de um registo linguístico que dificilmente poderia corresponder às necessidades da vida quotidiana e ao espaço familiar, que o título parece sugerir.

Não sabemos qual terá sido o acolhimento deste livrinho, que teve certamente trânsito escolar e que assinala a intensificação do ensino das línguas mais procuradas. A partir desta data vai alargar-se consideravelmente a oferta de textos escolares para a aprendizagem das línguas modernas, e os dicionários bilingues vão começar a aparecer, no início volumosos e abundantes, depois em formato de bolso e com mais quantiosas e frequentes tiragens.

Para o confronto lexical do português com o alemão, os primeiros vocabulários encontram-se em dois manuais de gramática impressos em 1778, e 1785: *Portugiesische Grammatike* de Jung, publicada anónima em Frankfurt; e *Nova Grammatica Portuguesa* de Abraham Meldola, publicada em Hamburgo. A informação lexical bilingue foi também organizada por grupos temáticos e apresenta uma dimensão apreciável. O primeiro texto tem 1870 entradas, polarizadas em 41 domínios de significação. A gramática de Meldola oferece um confronto bilingue mais amplo. Além de uma antologia de textos literários acompanhados da respectiva tradução, propõe um vocabulário Português-alemão composto por 37 grupos temáticos com um total de 2708 entradas.⁶

Francês-português (século XVIII)

8. A lexicografia bilingue moderna, motivada e esperada pelo público, e com aptidão comercial, surge em Lisboa na segunda metade do século XVIII. Começam então a publicar-se os primeiros dicionários em que o português emparceira com os vernáculos europeus, quarenta anos antes da dicionarização monolingue. Entretanto, o grande terramoto de Lisboa em 1755 destruiu e queimou, pelo menos em parte, três dicionários, entre os quais a edição do primeiro dicionário de Francês-Português elaborado pelo P. José Marques. A notícia encontra-se num texto introdutório (“Avis au public”) do dicionário de francês-português publicado pelo mesmo autor em 1758: “Nous donnames il y a quatre ans [1754?] au public ce Dictionnaire François, & Portugais, mais l'incendie du Tremblement de Terre du premier Novembre de 1755 en aiant consumé toute l'impression, ainsi que tout ce que nous avions de librairie...”⁷

O terramoto deve ter também contribuído para atrasar a edição do primeiro dicionário de Português francês, composto pelo mesmo autor J. Marques. O original foi visto pelos censores e licenciado para entrar nos prelos ainda em 1748, mas a publicação teve lugar apenas em 1764.

⁶ Sobre o valor testemunhal deste “corpus” linguístico para a memória histórica ver Fernando Clara, 1989 e 1997.

⁷ Dois outros dicionários foram inutilizados pela catástrofe: um dicionário português, feito como complemento do *Vocabulário* de Bluteau, por José Caetano (1690-?), que se encontrava já em parte impresso, (I. Silva, *Dicionário Bibliográfico*, t. IV, p. 282); e, segundo o testemunho de Joaquim José da Costa e Sá no “Aviso ao Editor” do *Diccionario portuguez-francez-e-latino*, 1794 — “O Diccionario Portuguez e Latino do Padre *Carlos Folqman*, impresso em Lisboa por Miguel Manescal da Costa no anno de 1755. Esta Obra he Muito rara, por se ter queimado quasi toda a Impressão no incendio, e terremoto, succedido no mesmo anno.”

Entretanto, a recuperação, na sequência dessa tragédia, foi surpreendente. Nas últimas décadas do século XVIII produziram-se dicionários em elevado número, mais de meia centena, preenchendo o período mais fecundo da história da lexicografia portuguesa — falamos, é claro, em termos relativos, tendo em conta o quadro demográfico e os índices de escolarização e de consumo de escrita. Publicaram-se, por estes anos, três grandes conjuntos dicionarísticos, além de outras obras menores, um para o francês, outro para o inglês e outro para o italiano. A língua de Camões começou assim a ficar dotada de um “corpus” lexicográfico definitivamente desbloqueado para a intercomunicação europeia.

A elaboração destes dicionários foi certamente conseguida com o aproveitamento da intermediação latina oferecida pelos vocabulários da tradição humanista que transformaram o latim na língua de encontro entre os diferentes vernáculos europeus. Além disso, neste fim de século, a maior parte das línguas europeias já podia dispor de dicionários monolíngues, com uma acumulação lexical recorrida e teorizada, e os lexicógrafos portugueses puderam socorrer-se sobretudo dos modelos franceses, espanhóis, italianos e ingleses.

Os dicionários começaram a alargar a sua presença para além do mundo académico e cultural. Ganharam espaço como objecto de civilização. Foram-se configurando como um produto composto e depurado em que se verificava a sobreposição dos nomes de vários lexicógrafos e de editores e em que se melhoravam as soluções tipográficas e sobretudo a dimensão e a funcionalidade dos volumes oferecidos ao público. Tornaram-se um bem comercial muito apetecido e com valor saliente, no mercado livreiro.

Os dicionaristas portugueses integraram-se neste quadro europeu; aproveitaram os novos recursos, e deram início a uma lexicografia interlinguística já consideravelmente evoluída. A parceria com a língua francesa foi a primeira e a mais cultivada nesse momento de rápida e progressiva expansão do dicionário no espaço da língua portuguesa.

Não temos ainda um levantamento completo e rigoroso da emergência dos dicionários de português e francês; do seu percurso de divulgação e expansão; dos seus autores, “revisores” e “aumentadores”; e dos parâmetros da sua recepção e repercussão nos territórios falantes da língua portuguesa, mas temos já elementos suficientes para reconhecer e avaliar alguns destes aspectos.

Os autores são parcialmente conhecidos, embora algumas edições tenham aparecido anónimas. Entre os nomes fundadores, destacam-se: José Marques (1758/1764), Manuel de Sousa (1784/86), Joaquim José da Costa e Sá (1784/86/94), e Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo (1769/78). Outros nomes são referidos, mas a sua colaboração, comparada com a destes iniciadores, parece ter sido menos importante. Em todo o caso, poderão ainda lembrar-se, entre outros, os seguintes dicionaristas: Vicente Pedro Nolasco da Cunha, Vicente de Bastos Teixeira, Manuel Joaquim Henriques de Paiva, Pedro Mariz de Sousa Sarmento.

No encontro lexicográfico entre o português e o francês, foi predominante a sequência francês-português, correspondendo certamente a uma procura sobretudo motivada pelo conhecimento passivo do francês e pela necessidade elementar de aceder à compreensão da língua, na leitura das publicações francesas. O público português era menos solicitado para o uso activo da língua francesa, era um receptor passivo, não precisava de falar e, por isso mesmo, necessitava menos de um dicionário de português-francês.

Até ao início do séc. XIX é possível referenciar quatro realizações dicionarísticas de francês-português, publicadas em Lisboa com alguma diferenciação entre elas. Três delas correspondem a dicionários grandes, de nomenclatura não excessiva, mas com uma considerável acumulação textual. Podem ser identificados pela referência autoral:

José Marques 1754; 58-64; 75-76;

Manuel de Sousa - Joaquim José da Costa e Sá 1784-86;

Manuel de Sousa - Joaquim José da Costa e Sá - Vicente Pedro Nolasco da Cunha 1811.

Estes três dicionários, de francês português, são obras de formato amplo, muito preenchidas, tipografadas com letra miúda e com abundante informação textualizada. Declaram entre as suas fontes os melhores autores e dicionaristas franceses: da Academia Francesa, de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Para além de outros aspectos, no âmbito da dicionarística e das relações culturais entre Portugal e a França, e a Europa em geral, são um repositório precioso para o conhecimento do léxico português, são bastante copiosos, dão notícia de uma documentada neologia e acrescentam uma perspectiva diacrónica do percurso que vai desde 1750 a 1811.

Entre este conjunto, merece destaque o *Nouveau Dictionnaire François-Portugais, composé par le Capitaine Emmanuel de Sousa, & mis en ordre, rédigé, revû, corrigé, augmenté, & enrichi de tous les termes techniques, & propres des sciences, des arts, des métiers de geographie; &c. sur la dernière édition de celui de M. l'Abbé François Alberti, & des Tables de l'Encyclopédie par Joachim Joseph da Costa & Sa,* (1784-1786).

Trata-se de um obra de grande vulto, que inova consideravelmente, em relação aos anteriores dicionários de francês-português, pela qualidade e pela quantidade. Compõem-se de 1200 páginas com tipografia densa e miúda; com uma nomenclatura francesa muito abundante; e com uma parte portuguesa cuidadosamente textualizada e bem preenchida com expansão sinonímica, com muitas frases e textos proverbiais, corroborando plenamente as afirmações do texto prefacial:

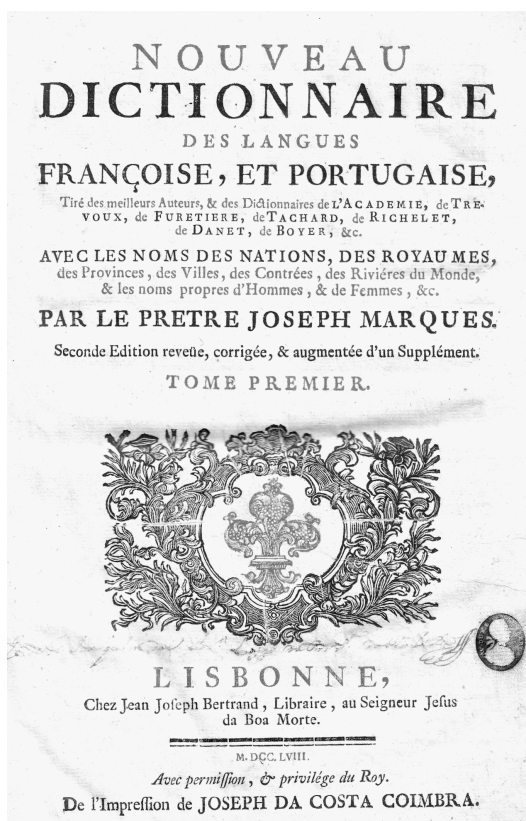
“He superior este Dicionario, pois nelle se encerra hum copiosissimo Thesouro da Linguagem Portugueza dos Sabios da Idade aurea da nossa lingua; e nelle se encontrarão por sua ordem, methodicamente, e em seu justo lugar as denominações, ou significações primigenias de todos os Termos, e Vocabulos, com as Synonymas; as suas accepções translatas, ou figuradas; as Locuções, Frases, e Proverbios; &c. tudo sobre maneira digerido, e ordenado, que facilmente se poderão achar ao primeiro golpe de vista.

Houve hum vigilantissimo cuidado de se lhe acrescentarem todos os termos technicos, e facultativos das Sciencias, e das Artes; &c. Os Anatomicos, Botanicos, Physicos, Jurisconsultos, Theologos; &c. acharão nelle se não tudo, ao menos quasi tudo, o que respeita as suas Faculdades.” (Aviso dos Editores).

A tiragem destes dicionários deve ter sido modesta, e não terão sido objecto de retoma editorial. Deveriam ter um custo elevado e eram pouco funcionais. Os editores, respectivamente Bertrand e Borel, tiveram um conflito sobre os direitos de edição. À viúva Bertrand e Filhos foi negado o privilégio de prolongamento do direito exclusivo de publicação do dicionário de francês-português, por decisão da Real Mesa Censórea de 11 de outubro de 1781. No recurso da casa Borel invocava-se, entre outras razões, a inferior qualidade da obra do P. Marques que seria uma “tradução servil do Dicionario de Sobrino”, de espanhol-francês (várias vezes reeditado em Madrid, na primeira metade do século XVIII)⁸.

Bem diferente foi a sorte de um outro dicionário de francês-português, que surge como o primeiro dicionário prático publicado em Portugal, num tempo de grande mudança, no mundo da política, da cultura e especialmente da história da língua portuguesa, que vivia um momento sensível da sua transumância para o Brasil.

⁸ Real Mesa Censórea, caixa 179, processo iniciado em 30 de Julho de 1767. Encontra-se esta informação numa pesquisa elaborada por João Paulo Silvestre sobre a história editorial da lexicografia portuguesa do final do século XVIII, que aguarda publicação.



**NOUVEAU
DICTIONNAIRE
FRANÇOIS-PORTUGAIS,**

COMPOSÉ
PAR LE CAPITAINE EMMANUEL DE SOUSA,
&
MIS EN ORDRE, RÉDIGÉ, REVU, CORRIGÉ, AUGMENTÉ, & ENRICHÉ DE TOUS LES TERMES
TECHNIQUES, & PROPRES DES SCIENCES, DES ARTS, DES MÉTIERS, DE GÉOGRAPHIE, &c.
SUR LA DERNIÈRE ÉDITION DE CELUI DE M. L'ABBÉ FRANÇOIS ALBERTI,
& DES TABLES DE L'ENCYCLOPÉDIE
PAR
JOACHIM JOSEPH DA COSTA & SA,
*Professeur de Belles-Lettres, & officier de l'Académie Royale
des Sciences de Lisbonne;*

**DEDIÉ À SON ALTESSE ROYALE
MONSIEUR
LE PRINCE DU BRÉSIL.
TOME PREMIER.**

A=K



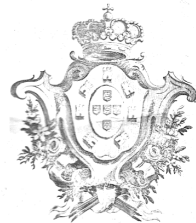
A LISBONNE:

Chez Borel, Borel, & Compagnie, grande rue de Notre-Dame
des Martyrs.

M. DCC. LXXXIV.
DE L'IMPRIMERIE DE SIMON THADDÉE FERREIRA.
Avec Approbation & Permission du Tribunal des Censeurs Royaux.

**DICCIONARIO
PORTUGUEZ-FRANCEZ-E-LATINO**

NOVAMENTE COMPILADO,
QUE
À
AUGUSTÍSSIMA SENHORA
D. CARLOTA JOAQUINA,
PRINCEZA DO BRASIL,
OFFERECE, E CONSAGRA
JOAQUIM JOSÉ DA COSTA E SÁ,
*Professor Régio de Lingua Latina, e Socio da Academia Real das Sciencias de
Lisboa.*



LISBOA. M. DCC. LXXXIV.

NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.
*Com Licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame, e Censura
dos Livros, e com Privilégio Real.*

Vende-se na loja da Viuva Bertrand, e Filhos aos Martyrs.

Foi taixado este Livro em papel a 4800 réis.

Lexicografia prática e escolar: *Novo dicionário francês-português*

9. A partir do final do século XVIII, a produção lexicográfica portuguesa, particularmente a produção bilingue, passa a ser luso-brasileira e é já neste quadro que surge o primeiro dicionário prático de francês português. Um volume manual, in 8º que começou a publicar-se em 1769, e que teve sucessivas reedições (“numerosas”, no dizer dos editores: 1772, 1777, 1778, 1786, 1796, 1803, 1817). Transcreve-se a portada da 4ª edição — 1778, única que traz indicação de autoria: *Novo Diccionario Francez-Portuguez, composto sobre os melhores dictionarios, illustrado com os termos facultativos das sciencias, e artes liberais e mecanicas ... por Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo.*

Parece ter tido um percurso editorial perturbado pelo desencontro e pela concorrência entre editores, e entre o autor e reeditores. Encontram-se acentuadas variantes quando se colaciona o “corpus” lexicográfico das diversas edições, nas entradas e no texto dos artigos, e o próprio título sofreu também algumas alterações, entre a 4ª ed. e a 5ª., por exemplo: *Novo Diccionario Francez e Portugues, composto segundo os mais célebres dictionarios e enriquecido de muitos termos de medicina, de anatomia, de cirurgia, de farmacia, de quimicia (sic), de historia natural, de botanica, de mathematica, de marinha, e de todas as outras artes e sciencias, notavelmente corrigido, emendado, e adicionado com hum sem numero de termos, e locucoes, e algumas frazes em ambos os idiomas.* Trata-se, em todo o caso, do mesmo dicionário, como pode depreender-se pela insistência na ordem numérica das sucessivas edições. A referência autoral a Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo (1730?-1794) deverá aceitar-se, mesmo em relação às edições que não trazem indicação de autor. Inocêncio (t. 6, p.17) dá notícia de uma revisão (5ª ed. 1786), ou provável colaboração em quase co-autoria, atribuída a Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1755-1829) que é considerado um dos mais representativos intérpretes da intercomunicação de Portugal com o Brasil, no início do século XIX.

Continha cerca de 34.000 artigos, que foram, como já notámos, objecto de numerosas variantes, suprimidos e acrescentados, reescritos, reduzidos e ampliados, ao longo das várias edições. Em todo o caso, a nomenclatura (que foi igualmente objecto de alterações), manteve, de modo mais ou menos preponderante, e de acordo com a lição francesa, um critério de selecção orientado no sentido do uso mais necessário e mais frequente. Era útil e prático.

Este dicionário merece referência por muitas razões que o tornaram particularmente interessante: marcou, em absoluto, o início da dicionarística moderna em Portugal; assinalou a intensificação do relacionamento linguístico e cultural com a Europa; assistiu a um importante momento de forte interacção da língua portuguesa no Brasil; documentou a renovação da técnica lexicográfica, confrontando e motivando o “corpus” do vocabulário português com a nomenclatura francesa, já então depurada por uma preenchida e exigente tradição lexicográfica. A parte portuguesa beneficiou da simplificação da massa metalexográfica. O dicionário adquiriu assim uma leveza e legibilidade que o tornaram mais maleável e fruível, correspondendo certamente às solicitações de um público que progressivamente beneficiava de um ampliado acesso à leitura e ao consumo do livro francês, e que recebia um forte incremento da participação do Brasil. A rápida difusão desta obra pode ser tomada como um primeiro indício da democratização do dicionário no espaço lusófono.

A divulgação e o uso generalizado do dicionário prosseguiria, logo no início do século XIX com os dicionários “portáteis” (v. *infra*) ainda mais pequenos, em tamanho de bolso, mais numerosos e com mais concorrência, em autores e editores, e com um inevitável empobrecimento no respeitante ao agenciamento linguístico e à sua elaboração lexicográfica.

DICCIONARIO ABREVIADO
DAS LINGUAS
PORTUGUEZA, E FRANCEZA,
O U
COMPENDIO
DO GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ,
FRANCEZ, E LATINO,

COMPOSTO POR JOAQUIM JOSÉ DA COSTA E SÁ,
*Professor Regio de Lingua Latina, e Socio da Academia Real
das Sciencias de Lisboa:*

Accrescentado, e enriquecido com os Termos proprios, e
technicos de todas as Sciencias, e Artes, extrahidos dos
Classicos Antigos, e Modernos de melhor nota, que se
achão universalmente recebidos.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1808.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

*Vende-se na Loja da Viuva Bertrand e Filhos, Mercadores de
Livros, junto á Igreja dos Martyres, N. 45.*

NOVO
DICCIONARIO
FRANCEZ-PORTUGUEZ,
COMPOSTO
SOBRE OS MELHORES DICCIONARIOS,
ILLUSTRADO
COM OS TERMOS FACULTATIVOS
DAS SCIENCIAS, E ARTES LIBERAES, E MECANICAS,
DEDICADO
AO ILLUSTR.^{MO} E EXCELLENT.^{MO}

SENHOR
MARQUEZ DE ANEJA,
DOS CONSELHOS DA RAINHA N. SENHORA, E DE GUERRA,
*Gentil-homem da sua Camara, Tenente General dos seus Exercitos, Mi-
nistro adjunto ao despacho do seu Gabinete, Presidente do Erario
Regio, Intendente Geral da Marinha, Commandador da Or-
dem de Christo, e Sant-Iago, &c. &c. &c.*

POR
MIGUEL TIBERIO PEDEGACHE BRANDÃO IVO
QUARTA EDIÇÃO
Examinada, revista, e addicionada.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCCLXXVIII.
Com licença da Real Meza Censoria.

*Vende-se em casa de Valentin Lagier, Mercador de Livros, no Bairro Alto
à Cruz de Pás.*

Português- Francês

10. A produção de dicionários luso-franceses, florescente a partir do meio do século XVIII, ocupa um lugar axial na modernização da lexicografia portuguesa. A par do convívio interlinguístico, que suscitou uma abundante transfusão lexical, no sentido francês-português, foi igualmente proveitosa a importação dos modelos de dicionários bilingues que então começaram a proliferar em toda a Europa, com a preponderante parceria do francês.

No espaço da língua portuguesa, não obstante a assimetria já assinalada (pela hipertrofia da procura do francês-português no encontro das duas línguas), parece, em todo o caso, notar-se um certo esforço de reciprocidade na elaboração destes primeiros dicionários bilingues. A versão português-francês, apesar da previsível menor procura, surgiu num processo de quase simultaneidade com a de francês-português.

A obra inaugural em que se dicionariza a sequência português-francês foi publicada em Lisboa em 1764, mas traz licenças de impressão datadas de 1748 e é considerada como um segundo tomo do conjunto em que deveria apresentar-se em primeiro lugar o dicionário de Francês-português (impresso em 1758 e distribuído com um “Supplement” em 1764, como acima se refere). O terramoto justifica certamente a descoordenação destas datas. A catástrofe destruidora de 1 de Novembro de 1755 perturbou gravemente a actividade tipográfica em Lisboa e, muito particularmente a impressão de dicionários, que exigia editores qualificados e oficinas bem fornecidas.

O primeiro Dicionário de português-francês tem na página de rosto um longo título em que, entre outras informações, dá notícia das principais fontes:

Novo Dicionario das línguas portugueza, e franceza, com os termos latinos, tirado dos melhores Authores, e do Vocabulario Portuguez, e Latino do P. D. Rafael Bluteau, dos Dictionarios da Academia Francez, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Com os nomes proprios das Naçoens, dos Reinos, das Provincias, das Cidades, das Comarcas, dos Rios do Mundo, &c. pelo Padre Joseph Marques,

O “corpus” do português, incluindo a nomenclatura e o texto dos artigos, foi retomado do *Vocabulario* de Bluteau, sem critério e com pouco senso lexicográfico. A gestão dos artigos é desequilibrada. Alarga-se de maneira disforme o texto noticioso sobre palavras exóticas, e omitem-se muitas formas de uso quotidiano e do vocabulário essencial. Deve ter sido um livro de pouca utilidade. Todavia, sendo único, esgotou-se em poucos anos, como novidade esperada.

A dicionarização do português-francês foi retomada por Joaquim José da Costa e Sá, certamente um dos mais operosos lexicógrafos portugueses de sempre.

Em 1794 publica um *Dicionario portuguez-francez-e-latino* que passou a constituir uma referência também para os dicionários monolíngues do português. No *Aviso dos editores* (Viúva de Bertrand e Filhos) que introduz o volume, relembra-se o dicionário de José Marques, que era o único até então existente e esclarece-se que a “Obra precisava para a sua melhor perfeição de outra ordem mais methodica, e que requeria se enriquecesse de maior número de Termos, e de Frases”. A esse desígnio procuraram corresponder os dois imponentes volumes, que perfazem, no seu conjunto 1229 páginas, bem preenchidas e com uma informação lexicográfica muito auferível. Este dicionário é um dos monumentos da lexicografia portuguesa e bem merecerá um estudo monográfico.

Subsistiu como acontecimento isolado. Não teve sequência editorial, para além de uma versão abreviada (Sá 1808), que parece ter sido pensada como um dicionário prático monolíngue do português, em que se acrescenta uma anotação acessória e muito sumária das equivalências francesas.

Os dicionários de português-francês teriam certamente uma escassa procura e por isso a resposta editorial, ao longo da primeira metade do séc. XIX, limitou-se à publicação de dicionários portáteis com um formato muito reduzido, esquemáticos e com uma informação lexical extremamente elementar.

Depois da obra de Costa e Sá, o mais interessante dicionário de português francês foi elaborado por Inácio Roquete, e publicado em Paris, em 1841, com o título: *Nouveau dictionnaire portugais-français...* de que adiante se dá notícia.

Vieira Transtagano: Inglês-Português / Português-Inglês

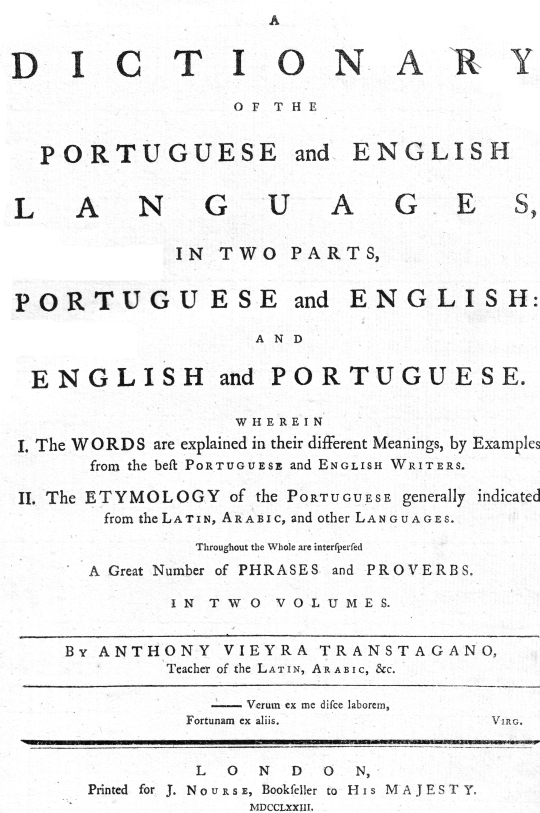
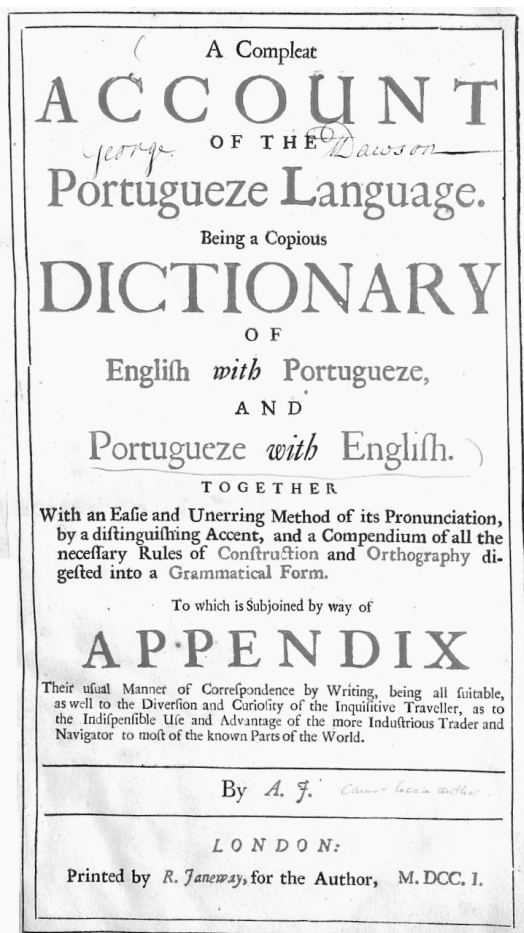
11. O encontro com o inglês, descontando a episódica e certamente obliterada publicação do “copioso dicionário” de 1701, foi auspiciosamente retomado em 1773 com a obra de António Vieira Transtagano (1712-1797): *A Dictionary of the Portuguese and English Languages, in two parts, Portuguese and English: and English and Portuguese.*

É um empreendimento marcante na história da lexicografia portuguesa este dicionário que emparceira as duas línguas, nas sequências português-inglês e inglês-português. Teve um afortunado sucesso editorial, foi muitas vezes reeditado, revisto, aumentado, e também reduzido e abreviado. Preencheu, de modo quase exclusivo, durante mais de um século, o campo lexicográfico luso-britânico, e teve ainda repercussões epigonais até ao fim do século XX. A obra de Vieira Transtagano é certamente um dos objectos mais implicados no relacionamento entre os espaços linguísticos do português e do inglês.

Vieira declara que a sua obra é inteiramente nova, e refere-se mesmo com algum desdém ao dicionário que o precedeu no início do século, cita-o como “a thing called a Portuguese and English Vocabulary published many years ago”, acrescentando “I say with truth, that it has not been to me of the smallest use”. A observação é certamente marcada por alguma parcialidade. Vieira, além da utilização sistemática do *Vocabulário* de Bluteau, mencionado no Prefácio, pôde também contrastar e aproveitar alguma informação oferecida pelo *Compleat account of the Portugueze language*, publicado cerca de 70 anos antes.

Os prefácios do autor (*To the Reader*, na parte I — Português-Inglês; *Ao Leitor Portuguez*, na parte II) oferecem alguns esclarecimentos sobre as características e as motivações da elaboração do dicionário. Na parte I enumera seis objectivos:

- I. To make it as copious as possible.
- II. To exemplify the different significations of the same word in both languages with such accuracy and clearness, as might give a perfect and distinct knowledge to the learner, of their true genius and idioms.
- III. Generally to authorise, in the Second Part, the words by the names of the principal English writers, in whose works they are found.
- IV. To point out the Etymology of many Portuguese words from other languages, not omitting even the Arabic and Persian.
- V. To insert a considerable number of technical words.
- VI. To indicate the Portuguese and English words that are either obsolete, or little used; and those that are only poetical.



Não obstante os bons propósitos do autor, a nomenclatura portuguesa da parte I é manifestamente pouco copiosa, não atinge as 25.000 entradas, contando mesmo com os prosónimos e topónimos. Para além da instabilidade ortográfica, que se repercute por vezes na ordenação alfabética, esquece muitas formas, algumas delas frequentemente solicitadas pelo uso comum e quotidiano e que tinham sido já dicionarizadas no *Tesouro* de Bento Pereira e no *Vocabulário* de Bluteau. Um número considerável de artigos prolongam-se desmesuradamente com dezenas de subentradas. Por exemplo o artigo dedicado à entrada “Mão” ocupa quatro colunas e tem 119 subentradas, com muita informação redundante, pouco prestável e pouco funcional para um dicionário prático, bilingue. A mesma desadequação se encontra em muitos artigos que se alongam em informação geográfica, histórica e enciclopédica, sem proveito evidente para os estudiosos ou solicitantes do saber linguístico. Pode servir de amostra a entrada “Architectura”, que dicionariza um surpreendente e erudito discurso sobre a lição de Vitruvíus e a superior dimensão artística desta ciência:

“Architectura, s. f. architecture. Vitruvius defines it a science qualified with sundry other arts, and adorned with variety of learning, to whose judgment and approbation all other works of art submit themselves. The word is Greek, and is sometimes taken for the art itself, and sometimes for the work.”

Numa das subentradas do adj. “Duro”, acrescenta-se a expressão “Versos duros”, com a seguinte glosa:

“so they call those verses that appear to the ear to be longer than they ought to be, by having many synalephas. They are opposed to those called *versos desmaiados*”.

Estas glosas e muitas outras, com digressão enciclopédica e ornamento erudito, foram retomadas e traduzidas, quase “*ipsis verbis*” a partir de Bluteau:

“Verso duro. Na Poësia Portuguesa, he aquelle, que em razão das muitas Synalephas parece ao ouvido mais comprido, do justo, he o contrario do verso, a que os Portuguezes chamaõ Desmayado” (Bluteau, *Vocabulário*, 1713, t. 3, p. 315).

Nas reedições do séc. XIX uma grande parte dos artigos empolados com erudição antiga foram cuidadosamente abreviados, melhorando a racionalidade e adequação lexicográfica do dicionário.

A parte II (inglês-português) é tratada com mais equilíbrio e apresenta uma nomenclatura mais extensa (embora tenha apenas 384 páginas, menos 24 do que a parte I). Para o estabelecimento do “corpus” de entradas do inglês, o autor pôde socorrer-se da tradição lexicográfica britânica, já então preenchida com o dicionário de Nathan Bailey publicado em 1730, com cerca de 48.000 palavras, e sobretudo com o de Samuel Johnson, publicado em 1755, com menos entradas (cerca de 43.000), mas com muitos milhares de citações que foram trasladadas para o *English and Portuguese Dictionary*, como parece declarar o autor no paratexto inicial:

“Em quanto a segunda parte desta obra, enxeri nella grande numero de phrases; exemplifiquei muito a miudo as varias significaoens das palavras com as authorities dos mesmos authores que nomeo, e indiquei as palavras que são antiquadas, pouco usadas, ou somente poeticas. Não toquei porem a etymologia dellas; como fiz na primeira parte: porque quem tiver essa curiosidade podera satisfazella con prover-se dos Dictionarios da lingua Ingleza de Johnson, Bailey, e outros authores Inglezes que tem esquadrinhado a parte etymologica da sua lingua.” (“Ao Leitor Portuguez”, 1773, t. II)

O dicionário de Vieira Transtagano foi sucessivamente retomado e várias vezes corrigido, actualizado, e modificado, em relação à sua configuração original, perfazendo, pelo

menos, uma dezena de edições até 1860 (1773, 1782, 1794, 1805, 1809, 1813, 1827, 1840, 1851, 1860). Logo em 1782, num anúncio do *Catálogo* da casa Borel, Borel e Companhia, a par da notícia sobre o preço, publicita-se uma improvável revisão: “nesta segunda edição acrescentado com hum copioso número de vocabulos, e frases, bem correcto, e emendado, 2 vol. 4. Pequeno. Londres 1782. Preço 2880”.

Na realidade, não se encontram melhorias, nem mudanças apreciáveis, na 2ª, ou nas restantes reedições, até 1813, ano em que, pela primeira vez foi publicada uma edição consideravelmente revista e ampliada. Foi depois objecto de novas e importantes melhorias na edição de 1827. O editor J. P. Aillaud que atribui a si próprio a autoria da revisão de 1813, dá notícia num paratexto inicial dessa melhoria e de uma considerável ampliação do número de artigos, “*twelve thousand new articles*”:

“ADVERTISEMENT TO THIS NEW EDITION.

THE Dictionary of M. Vieyra, of the Portuguese and English Languages, which was originally published in 1773, having passed through several impressions, without any material alterations, except in the orthography, which was greatly amended in the last edition. Since the above period the great improvements which have taken place in the Portuguese Language, particularly in Commercial, Nautical and Military concerns, have induced the Proprietors of the Work to spare neither pains nor expense to have it carefully revised and improved throughout, and I was invited to prepare a new Edition, with such Improvements as I might think would render it more worthy the acceptance of the public.

To enable me to perform this task with propriety, I deemed it right to consult, and avail myself of EVERY DICTIONARY OF ESTABLISHED CHARACTER, as well as EVERY APPROVED WORK OF SCIENCE OR ART, which had been produced since the date above mentioned. The result of unremitting labour in this particular has been, that I have not only introduced into the present Edition more than TWELVE THOUSAND NEW ARTICLES, but very materially, (as, I trust, will appear,) corrected and improved the work of the original compiler; paying especial attention, throughout, to the ACCENTUATION of the Portuguese language.

An undertaking of this kind, always tedious and irksome, is rarely rewarded either by profit or fame. The principal object of my exertions, however, has been, to render a service to the public: I shall therefore think no recompence more estimable, than the honour of its approbation.

London, Dec. 3, 1812. J. P. AILLAUD.”

No conjunto dos artigos acrescentados de novo, nesta revisão, destacam-se as entradas resultantes da formação de palavras novas por derivação. Entre os elementos inovadores observa-se, por exemplo, a crescente disponibilidade do sufixo *-ismo*. Anotaram-se, numa releitura não sistemática, as seguintes formas novas, nas entradas ou no texto dos artigos:

Anglicismo, maquinismo, arianismo, embolismo, gallicismo, francesismo, idiotismo, latinismo, modernismo, parabolismo, anachronismo, patriotismo, platonismo, probabilismo, realismo (do âmbito semântico de “*realeza*”), *scepticismo*.

Sob o ponto de vista da língua portuguesa, o que parece mais interessante, tendo em conta as edições revistas e ampliadas de 1813 e 1827, é o quadro de interacção inglês-português, em que a língua portuguesa se confronta com um universo lexical com muita informação nova, em relação à base tradicional latina, e com uma criatividade linguística que propõe a exploração de outros recursos, com especial incidência, no concernente à formação de palavras por derivação. Além do exemplo já citado, correspondente às formas com o sufixo *-ismo*, observe-se a sequência de entradas: *Calculado, Calcular, Cálculo*, das primeiras edições, ampliada a partir da ed. de 1813, com as novas entradas: *Calculista, Calculador, Calculavel* (descuidando, em todo o caso a ordem alfabética).

Na revisão de 1827 colaborou Jacinto Dias do Canto (1797-1852) quando se encontrava em Londres como refugiado liberal — provável amigo e parceiro de Almeida Garrett. Procedeu a uma revisão, acrescentando novas entradas e reduzindo e expurgando alguns artigos que se alongavam em informação histórica sem interesse linguístico. Por exemplo, as

34 linhas dedicadas ao artigo “Calatrava” foram substituídas por uma informação breve: “Calatráva, s. f. a military order in Spain.”

Dias do Canto acrescentou um nota introdutória — *Advertisement to the new edition* —, em que justamente considera que a sua reformulação resultou numa obra diferente: “Indeed, from the extensive reform I have been enabled to effect, the Work assumes a character altogether different from any previous Edition”; e dá notícia ainda de alguns aspectos da reflexão metalexicográfica orientadora do trabalho de revisão:

In a work of this kind, the task of the Compiler is, generally, literal translation, or a simple comparison between the two Languages. This has been greatly neglected by Vieyra, who seems to have forgotten that the Student's object is to acquire, not the signification or meaning of the word, but the word itself, in its foreign garb. Definition and translation are two different offices; and the Learner will find his progress little facilitated by reference to a book which merely defines the expression, without rendering that expression by a single corresponding word; for example, if the English Learner consulted Vieyra's for the Portuguese term expressing “amiability”, instead of finding, “amabilidade,” its Portuguese corresponding word, he would read, “a qualidade do que faz huma pessoa amavel,” a knowledge of which he is already possessed, while his ignorance of the simple Portuguese expression for that quality is left as profound as ever. This so frequent error, and others numerous, though not of so much consequence, have been carefully and accurately corrected.

Dias do Canto preparou também uma edição abreviada (1826) que foi frequentemente reeditada ao longo do século XIX.

Italiano-português

12. A lexicografia bilingue portuguesa do século XVIII foi ainda especialmente valorizada com um dicionário muito original, de italiano-português, “coordenado” por Joaquim José da Costa e Sá: *Diccionario Italiano e Portuguez; Extrahido dos melhores lexicógrafos, como de Antonini, de Veneroni, de Facciolati, de Franciosini, do Dicionário de Crusca e do da Universidade de Turim*. Publicado em dois tomos em 1773 e 1774.

Este dicionário, que é um acontecimento singular, na história do contacto entre as duas línguas, não foi, pelo que sabemos, até ao presente, objecto de qualquer recensão ou referência filológica⁹. Trata-se de uma obra monumental, composta por dois volumes in-folio, que perfazem, no conjunto, 1650 páginas, com cerca de 70.000 entradas italianas, desdobradas, por sua vez, em muitos milhares de frases, e com uma expansão textual hipertrofiada, na parte das equivalências portuguesas.

Não foi ainda possível verificar em que medida este dicionário aproveita, de modo mais ou menos imediato, a nomenclatura dos dicionários italianos, nem sabemos se ele poderá ter informação com alguma utilidade, no âmbito da língua e da lexicografia italianas. Observa-se que transcreve longas séries de especificações de tipo semaseológico, com enumeração das várias acepções que se podem subordinar num lexema comum, como por exemplo, 'cavalo' e que dá lugar a uma acumulação de mais de 50 qualificações:

CAVALLO. s.m. Cavallo, animal de quatro pés muito conhecido.
Cavallo bajo. Cavallo baio, de cor baia.
Cavallo di bagaglio. Cavallo de carga, de albarda
Cavallo da somma.
Cavallo da basto.
Cavallo corsiero. Cavallo corredor.

⁹ Vd. infra texto de M. Lupetti.

Cavallo da posta. Cavallo da posta, ligeiro, que vai de andadura, ou de furtapasso.
Cavallo castrato. Cavallo capado, castrado.
Cavallo salvatico. Cavallo silvestre
Cavallo bolso. Cavallo asmatico, cançado, que lhe custa a respirar.
Cavallo calcitroso. Cavallo, que atira couces.
Cavallo frisone. Cavallo frizão, Cavallo malhado.
Cavallo pomellato.
Cavallo pomato
Cavallo ginetto. Cavallo ginete, quartão, Cavallo pequeno.
Cavallo ambiente.
Cavallo chinea.
Cavallo griccioloso. Cavallo, que deita o cavalleiro ao chão.
Cavallo domato. Cavallo manso,
Cavallo indomito. Cavallo indomito.
Cavallo intero. Cavallo inteiro, não castrado, garanhão, cavallo de lançamento
Cavallo stallone.
Cavallo roano. Cavallo alazão, ruivo.
Cavallo sauro. Cavallo alazão,
Cavallo leardo rotato. Cavallo ruço rodado.
Cavallo morello. Cavallo morzelo,
Cavallo ombroso. Cavallo tímido, medroso, timorato.
Cavallo senza freno. Cavallo desenfreado. (t. I., p. 269)

Estas sequências de tipo semaseológico e outras enumerações onomaseológicas, encontram-se já na tradição pré-lexicográfica medieval e humanista e foram certamente recolhidas em dicionários italianos.

No que respeita ao português, este dicionário poderá ser uma fonte muito proveitosa para o estudo do léxico, para a sua formação e datação. O autor não hesitou em promover o enriquecimento da língua portuguesa aceitando uma intercomunicação activa com o vocabulário italiano, e aportuguesando muitas formas que certamente vieram alargar o horizonte lexical português. No texto introdutório, o autor justifica a interacção italiano/português.:

“Muitas vezes me vi obrigado, especialmente nos Nomes abstractos, de que tanto abunda a lingua Italiana, a dar-lhes terminação Portugueza; não deixando com tudo de definir a sua significação por hum circumloquio mais estenso. Eu me imagino que as pessoas razoaveis, e doutas me desculparão a temeridade de innovar alguns Vocabulos; o que só pertence aos sogetos de mais fundamental conhecimento na nossa Lingua. Eu confesso porém, que muitos dos que usei se achão nos Escritos, que ha tres annos a esta parte se tem divulgado, os quaes são mui authorizados para qualificarem proprios do Lusitanismo os taes Vocabulos. O certo he, que nas Linguas vivas a Regra infallível da sua pureza he o uso, e o costume das mesmas // Nações, á qual se encostão os Homen doutos, e polidos, cuja authoridade he bastante para provar de classicos, e proprios os Termos, ou Frases, que se adoptão. Èsta razão só poderia livrar-me de todo o cuidado nesta parte; mas tambem me lembro, que como a lingua Portugueza he irmã, e mui semelhante da Italiana, não lhe fiz injuria de tomar della o que faltava na nossa, o que succedeo com bastante raridade.”

Por esta via foram introduzidas formas com “gigantesco”, “sonata” e outras que integram o superstrato italiano do português. Todavia, a parte mais criativa deste dicionário encontra-se na exploração sinonímica e na abundante inovação derivacional dentro do espaço lexicográfico português. O autor procurou assegurar uma larga margem de equivalências para cada entrada italiana e, deste modo, hipertrofiou a parte portuguesa com um vocabulário copiosíssimo. Abrindo inteiramente ao acaso, encontramos por exemplo, a forma PIACÈVOLE e PIACEVOLEZZA com os seguintes equivalentes:

PIACÈVOLE. adi. m. Agradavel, cortez, affaveI, civil, que se accomoda ao genio dos outros, tratavel, humano, benigno, brando, plácido, manso. *Piacèvole*. Agradavel, grato, que causa gosto, engraçado, festivo, divertido, lindo, galante, aceito.

Ragionamento piacèvole. Discurso galante, e engraçado.

Luogo piacèvole. Lugar agradavel, divertido.

PIACEVOLEZZA. s.f. Affabilidade, cortezia, humanidade, brandura, facilidade, gentileza, doçura, que tem as acções, ou as palavras de alguem.

Piacevolezza. Prazer, gosto, appetite, jucundidade.

Piacevolezza. Zombaria, cousa dita, ou feita para divertir, galanteo, galanteria, brinco, gracejo.

Piacevolezza. Mansidão, brandura.

Senza piacevolezza. Defengraçado.

E logo a seguir:

PIAGGIAMENTO. s. m. Adulação, lisonja, complacencia, affago, carinho; a acção de adular.

PIAGGIARE. v. a. Costear o mar, navegar por junto de huma costa.

Piaggiare. no fig. Adular, lisonjear, comprazer, obsequiar, assentir, condescender, ir com a vontade de alguem, favorecer com a doçura das palavras a opinião de alguem para vir cautamente, e quasi com engano muito de mansinho ao fim do seu pensamento.

Este dicionário bilingue acumula uma abundantíssima sinonímia da língua portuguesa. Foi um exercício fecundo de lexicografia e uma fonte copiosa para uma outra obra do mesmo autor, *Dicionário português francês e latino*, que se publicou em 1794 (cf. supra).

A interlexicografia luso-italiana foi retomada ao longo dos séculos XIX e XX por vários dicionaristas, mas não voltou a atingir as dimensões deste texto fundador.

Síntese conclusiva sobre a lexicografia do século XVIII

13. As últimas décadas do séc. XVIII constituem, como acima se observa, um período áureo da lexicografia portuguesa, uma espécie de galeria de honra preenchida com nomes da dicionarística monolíngue e bilingue: Carlos Folqman (flor. 1755), José Marques (flor. 1758), José Caeiro (1712-1792), Francisco José Freire (Cândido Lusitano) (1719-1773), Pedro José da Fonseca (1737?-1816), Miguel do Couto Guerreiro (c. 1720-1793), António de Morais Silva (1755-1824), Manuel de Sousa (c. 1737- a.1786) António Vieira Transtagano (flor. 1773), Joaquim José da Costa e Sá (1740-1803), Miguel T. Pedegache Brandão Ivo (c. 1730-1794), Francisco Luís Ameno (1713-1793), Bernardo de Lima e Melo Bacelar (1736-1787), Frei João de Sousa (1735-1812), Fr. Bernardo da Encarnação (†1781), Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (1744-1822), Manuel de Pina Cabral (1746-c.1810), para além de outros autores menores, que beneficiaram também com o seu apreciável contributo o estudo da língua e a elaboração metalinguística, sobretudo no âmbito da lexicografia, coligindo glossários de termos técnicos, vocabulários didáticos, prontuários de informação histórica e literária e promovendo pesquisas lexicais sobre alguns dos mais importantes escritores que preenchem o cânone clássico do património textual português.¹⁰

Num conspecto geral, pode verificar-se que a lexicografia interlíngue ocupou um lugar de relevo nesse momento de fecunda produção lexicográfica, de fundação da dicionarística moderna e de intensificação do percurso histórico da língua portuguesa. Muito esquematicamente, poderão salientar-se alguns aspectos que particularmente caracterizaram este período.

¹⁰ Relembrem-se os trabalhos suscitados pela Academia Real das Ciências, nomeadamente os de António das Neves Pereira, Francisco Dias Gomes e António Pereira de Figueiredo.

O facto mais determinante foi certamente a auspiciosa transumância da língua portuguesa para o Brasil, recriando e ampliando o seu espaço linguístico de maneira irreversível. Para além de muitas outras consequências, o consumo de dicionários no Brasil haveria de condicionar toda a produção lexicográfica subsequente.

Em segundo lugar, observa-se o início de um processo de escolarização e democratização dos dicionários que os vai tornar mais práticos e funcionais, breves e portáteis, mais legíveis mas naturalmente menos compendiosos e, alguns deles, com informação excessivamente simplificada.

Por outro lado, as línguas modernas reajustam-se a um progressivo alargamento da escrita literária e funcional, com subalternização do uso do latim, e a correspondente intensificação de um novo convívio interlinguístico, que se encontra eloquentemente documentado na produção dos dicionários bilingues e plurilingues.

Finalmente, as últimas décadas do século XVIII assistem ao desencadear de inovações e transformações no uso da língua, e especialmente do seu “corpus” lexical, por via da aceleração neológica e desse alargado convívio com outras línguas europeias. É o começo do grande fluxo dos tecnolectos e da hipertrofia prefixal e sufixal que vai abranger todas as línguas e que encontra na interlexicografia um factor sinérgico preponderante. Quase todos os dicionários se louvam do seu enriquecimento com o grande caudal das terminologias da técnica e da ciência. Despontam entretanto alguns paradigmas de derivação que incrementam a diástole das línguas, mobilizam-se certos conjuntos de sufixos que alguns gramáticos chamam hoje “constelações sufixais” e que vão hipertrofiar os dicionários imesuradamente.

Nos dicionários do séc. XVI encontram-se, por exemplo, três ou quatro palavras formadas com o sufixo -ismo; no final do séc. XVIII os vocábulos terminados em — ismo terão ultrapassado a meia centena. É o início da grande expansão dos sistemas derivacionais que, nos dicionários contemporâneos, manifestam um crescimento exponencial, preenchendo vários milhares de entradas.

Dicionarística bilingue no século XIX

14. No séc. XIX a extração comercial da lexicografia bilingue, com parceria do português desenvolve-se de modo expansivo. Numa perspectiva muito abrangente podem adiantar-se algumas observações, correspondentes às principais características dessa progrediente produção dicionarística.

Verifica-se, desde logo, que os dicionários já publicados no século XVIII, são parcialmente retomados, actualizados e reconfigurados em novos formatos tipográficos. Mantém-se, por um lado, uma edição mais volumosa e textualizada que dá sequência à genealogia dos “grandes dicionários”; surge, por outro lado, uma nova modalidade de pequenos dicionários, de formato reduzido, abreviados e simplificados, disponíveis para o trânsito escolar e para a sua utilização em viagem.

A oferta predominante do francês avulta ao longo de todo o século XIX e, em segundo lugar, do inglês, como línguas mais solicitadas, entre o conjunto da lexicografia bilingue publicada; o alargamento a outros espaços do mosaico linguístico europeu (alemão, italiano e espanhol) é muito descontínuo, modesto, geralmente tardio e escassamente procurado.

A escolarização das línguas estrangeiras, intensifica-se em Portugal um pouco antes dos meados do século XIX, com a criação dos liceus (1836) e a regulamentação do ensino secundário, e aumenta a procura e a exigência de qualidade dos dicionários escolares, com preferência justamente do francês e do inglês.

O ensino das línguas estrangeiras intensifica-se também no Brasil, não obstante uma certa descontinuidade, na estruturação do ensino secundário. Avulta, neste âmbito, a promoção de escolas públicas como a de Itajaí em 1835, a criação de faculdades (de Direito 1827, em Olinda e São Paulo) e de várias academias de motivação científica; a instalação do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro em 1837, e depois no Recife (1850) e em Salvador (1863); a fundação do Colégio Dom Pedro II (Rio de Janeiro, 1838) e outras várias iniciativas, que vão institucionalizando a instrução pública e alargando o estudo e a leitura das línguas estrangeiras, especialmente do francês.

A lexicografia portuguesa experimenta, neste período, uma importante renovação, com alguma elaboração original, em relação à lexicografia anterior, mas com uma crescente influência dos modelos europeus.

A feitura de dicionários portugueses, durante quase todo o século XIX, deslocou-se para centros tipográficos estrangeiros (sobretudo para França), mantendo todavia, de um modo geral, a responsabilidade lexicográfica assumida por autores portugueses. O universo editorial português, procurou, de modo preferencial, apoio para a realização tipográfica em França. Imprimiram-se em Paris grandes quantidades de livros portugueses e, entre eles, a parte mais importante foi provavelmente composta pela produção dicionarística, não tanto pelo número de títulos, mas sobretudo pelo caudal e frequência das tiragens.¹¹

A produção desses dicionários em Portugal era extremamente difícil, não só pela carência de recursos financeiros e de tipógrafos qualificados, mas sobretudo pelas exigências do suporte técnico no domínio das artes gráficas. A indústria francesa aperfeiçoara-se e melhorara a sua produção, em contraste com a tipografia portuguesa, que era rudimentar e com um desactualizado enquadramento técnico.

Não havia em Portugal equipamento industrial e mão de obra especializada para a fabricação de livros como os dicionários, com qualidade e com viabilidade económica. Os dicionários mobilizavam todos os recursos das caixas dos tipógrafos; exigiam uma quantidade e um tempo de composição dilatados, que os tornavam mais dispendiosos do que um livro normal; tinham tiragens abundantes e frequentes, geralmente pressionados pela súbita urgência da procura. Os tipógrafos portugueses não tinham capacidade de resposta para uma solicitação de tais dimensões.

Além disso, em França, era possível contar com uma frota transportadora, mais disponível para atravessar o Atlântico e abastecer o mercado brasileiro, que solicitava e absorvia, cada vez mais, não só dicionários e outros livros escolares portugueses, mas também toda a espécie de literatura francesa e alguma inglesa.

As tipografias portuguesas, até ao último quartel do século XIX imprimiram, a pesar de tudo, alguns dicionários bilingues, mas a sua qualidade gráfica é pobre e o sucesso comercial parece ter sido muito modesto.

Dicionários portáteis

15. A reconfiguração dos modelos lexicográficos em novos formatos torna-se particularmente evidente quando se observa a dimensão e o enfileiramento dos dicionários estanteados em bibliotecas que preservam o património lexicográfico português. Os grandes volumes “in quarto” e “in folio” do século XVIII e dos primeiros anos do século XIX, pesados e de manuseio incómodo, contrastam com o perfil aligeirado e prático dos volumes

¹¹ Entre 1797 e 1850, foram publicados, em Paris, cerca de 563 títulos em português (Ramos 1972).

“in quarto” pequeno e “in octavo” e, ainda mais, com o vulto inesperadamente comprimido dos pequenos dicionários de bolso (formato 12 e 16).

A mudança corresponde a uma dupla oferta da informação lexicográfica, de modo a contemplar não só o público leitor e estudioso, que procura dicionários de referência e de informação fundamentada, erudita e autorizada, mas também um outro público, agora pela primeira vez emergente, que procura soluções expeditas para aceder facilmente ao uso da língua estrangeira. Neste grupo se podem incluir os estudantes de iniciação, as pessoas que emigram ou viajam, e as que fazem negócios com o estrangeiro.

Os novos dicionários “portáteis”, que surgem nos albores do século XIX, caracterizam-se pela sua reduzida dimensão, pela procura de formatos leves e de fácil utilização, e pela restrição extrema ou mesmo esvaziamento de toda a instrumentação metalexográfica. Em alguns deles o encontro bilingue reduz-se a uma relação esquemática de simplificada equivalência simétrica entre os lexemas das línguas em confronto, sem qualquer glosa ou descrição metalinguística.

Por vezes, em contraste com a sua desvalorizada aparência e com o forçado e empobrecido isomorfismo lexicográfico, estes pequenos dicionários, reivindicam o ideal “multum in parvo”, publicitam-se como grandes obras, citam fontes bibliográficas prestigiadas e, entre os seus méritos, apregoam uma singular quantidade de palavras dicionarizadas. De facto, em alguns casos, oferecem nomenclaturas com uma considerável extensão, atingindo várias dezenas de milhares de palavras e ultrapassando o número de entradas dos dicionários práticos mais lastrados. Não será essa, em todo o caso, a sua principal virtude.

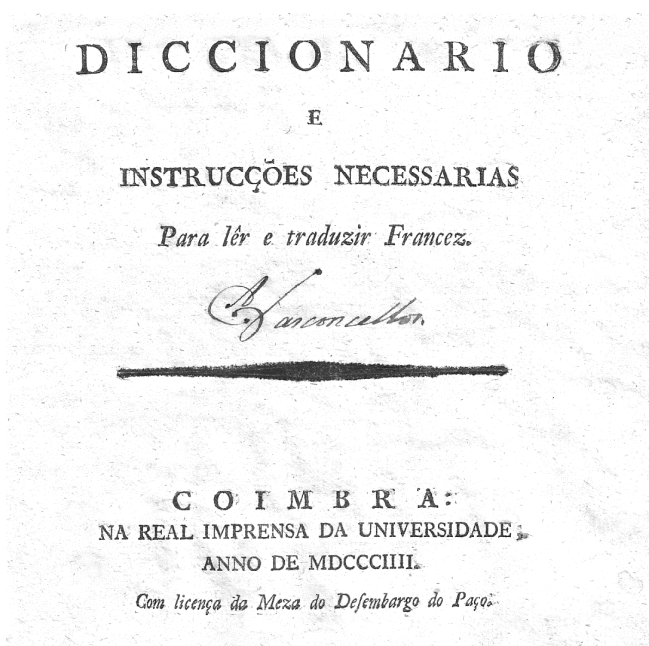
Os dicionários “portáteis”, “abstémios e magros” no dizer de Camilo Castelo Branco (“Prefácio” ao *Grande dicionario contemporaneo francez-portuguez* de Domingos de Azevedo, 1887), recriam um novo tipo de configuração biliográfica, que subsiste no mercado livreiro ainda hoje, levando ao extremo a experimentação de microformatos sempre mais surpreendentes pelo seu pequeno tamanho.

O primeiro dicionário portátil bilingue, com a parceria do português, terá sido publicado em 1804, em Coimbra, na Imprensa da Universidade, mas, logo a seguir, foi sobretudo a partir de França, que se expandiu a produção lexicográfica portuguesa bilingue. Ao longo de todo o século XIX, foram lançadas no mercado abundantíssimas quantidades destes pequenos dicionários, alguns anónimos, outros com reivindicada autoria e com alguma competição entre os seus produtores, sobretudo na primeira metade do século.

A dicionarística portátil constitui um importante capítulo da lexicografia portuguesa. Foi produzida em grandes quantidades e deve ter tido uma larga divulgação, em Portugal e no Brasil. Foi um instrumento linguístico e cultural privilegiado, na formação escolar, no uso quotidiano e no relacionamento do português com todo o universo interlinguístico.

Dicionários portáteis, parceria com a língua francesa

16. A parceria com o francês foi preponderante e ficou assinalada, logo no início dos anos oitocentos, com a publicação (sem atribuição autoral) do *Diccionario e instruções necessarias para lêr e traduzir francez* (Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade, Anno de MCCCIII). Um surpreendente dicionário de bolso, de formato anómalo (oblongo, 16x14 cm.), com cerca de 26.000 entradas, que inaugura esse abastecido caudal de lexicografia “portátil” ou “abreviada”. É este um primeiro indicador do novo rumo da dicionarística bilingue do século XIX, motivada, como já notámos, pelo alargamento da procura, correspondente à intensificação do ensino das línguas e ao crescente intercâmbio comercial e cultural, entre as nações da Europa.



D I C T I O N N A I R E P O R T A T I F

FRANÇAIS-PORTUGAIS

ET

PORTUGAIS-FRANÇAIS,

PRÉCÉDÉ

DES CONJUGAISONS DES VERBES DES DEUX LANGUES,
TANT RÉGULIERS QU'IRRÉGULIERS.

FRANÇAIS-PORTUGAIS.

PARIS,

DE L'IMPRIMERIE DE CRAPELET.

1812.

NOUVEAU
D I C T I O N N A I R E P O R T A T I F
FRANÇAIS-PORTUGAIS
ET PORTUGAIS-FRANÇAIS

PAR

JOSEPH DA FONSECA

NOUVELLE ÉDITION, CORRIGÉE ET AUGMENTÉE.

PARTIE FRANÇAISE-PORTUGAISE.

LISBONNE,
DE L'IMPRIMERIE DE ROLLAND.

1839.

NOVO
D I C C I O N A R I O P O R T A T I L
PORTUGUEZ-FRANCEZ
E FRANCEZ-PORTUGUEZ

POR

JOSEPH DA FONSECA.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA E AUGMENTADA.

PARTE PORTUGUEZA-FRANCEZA.

LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1840.

É um pequeno e inesperado livro, com um particular valor simbólico, por ter sido um dos iniciadores da vulgarização e democratização do dicionário, e pela sua publicação no âmbito da Universidade. Merece, além disso, uma nota de leitura pelo seu enquadramento metalexigráfico, original e engenhoso, mas com pouca eficácia e provavelmente sem sucesso.

No texto introdutório, com o título: “Plano e Uso da presente Obra”, censura-se a lexicografia então disponível, que era volumosa, pouco económica e pouco prática, e tinha muita informação supérflua e desadequada. É um documento para a história da reflexão metalexigráfica.

“...saõ os *Diccionarios* que de presente correm, excessivamente volumosos, e por tanto muito caros e pouco maneiros. Por quatro razões principalmente, saõ estes Diccionarios de hum taõ grande volume; 1ª porque em vez de observarem os seus Autores, como acima dissemos, nos diversos discursos as diferentes significações de cada palavra, e põem sómente as significações, puzeraõ os mesmos discursos, pagando o Leitor mais cara a Obra, porque lhe resta para fazer o que áquelles competia; 2ª porque metterãõ palavras que pouco ou nada differem das Portuguezas: nós com hum simples artificio que se exporã, poupamos mais de 20:000 termos deste genero; 3ª porque tendo posto huma palavra Portugueza naõ menos vasta e appropriada que a Franceza, lhe amontoaraõ outras palavras ou significações escuzadas; 4ª porque ajuntaraõ ao termo Francez varias notas grammaticaes taõ pouco filosoficas, como desnecessarias a quem só pertende achar huma expressaõ Portugueza que posta no discurso em lugar da Franceza, exprima o mesmo sentido, e nada lhe importa se a palavra he *masculina* ou *feminina*, ou *neutra*; se *adjectivo*, ou *substantivo*, &c.: algaravia, que, á falta de melhor couza, serve sómente a quem trate de compôr em Francez; e por tanto só tem lugar em hum Diccionario de Portuguez para Francez.”

O discurso metalexigráfico prossegue em nota:

“Hum Diccionrio de Traducçaõ naõ he hum Livro, que se haja de ler seguidamente, e que por tanto deva fazer em cada Artigo hum sentido completo: he sim a collecçaõ das palavras de huma Lingua com as suas correspondentes na outra; e esta correspondencia naõ he dalli mesmo, mas do contexto que se deve tirar.”

Nos paratextos iniciais, apresenta-se ainda uma abreviada e esquemática informação gramatical, acompanhada da “Taboa de terminaçoões” que deveria servir para identificar e encontrar a significação das formas flexionadas dos verbos e dos adjectivos, omitidas no corpo do dicionário. Não parece que este artificio, um tanto enredoso, tenha tido acolhimento na lexicografia subsequente. De resto, ao longo de todo o volume, não se encontra nenhuma outra informação gramatical ou metalexigráfica, para além de um asterisco que serve para assinalar os arcaísmos, que surgem integrados em largo número na nomenclatura francesa.

O “corpus” do vocabulário português, que responde à nomenclatura francesa, manifesta uma certa recursividade sinonímica (“Eclaircir: esclarecer; ilustrar; aclarar; lustrar; clarificar; rarefazer; alargar; pulir.”); “Demangeaison: comichão; coegas; tentação; ardor; paixão; appetencia; vontade.”); observa-se também um bom aproveitamento da criatividade sufixal, mantendo, em todo o caso, algumas marcas diacrónicas de obsolescência (“ceremonieux: ceremoniatico”; “Deflegmation: defleumação; rectificação”; “Desinfecter: desinfectonar; purificar”; “Horlogerie: relogiaria”).

17. Os dicionários “abreviados” ou “portáteis” que se lhe seguiram (feitos para o francês e para o inglês), foram fabricados em França, com excepção das tentativas isoladas do livreiro Roland, que publicou em Lisboa, com muito esforço e modesta qualidade, algumas edições paralelas das francesas, a partir do final dos anos 30. A dicionarística portátil surge, em catadupa, a partir de 1809/1811.

Um dos primeiros é o *Novo dictionario portatil: portuguez e francez // Nouveau dictionnaire de poche. français-portugais. Par une Société de gens de lettres*. Impresso em Bordéus, com a indicação de que se vendia em Lisboa “Chez Pierre et George Rey, Libraires au Xiado, vis-à-vis des Martyrs”, com data de 1811 (francês-português) e 1812 (português-francês). Foi continuado a partir de 1820, com a assinatura de Solano Constâncio (1777-1846) e prolongou-se em várias edições (dezassete, pelo menos), ao longo do século (1828/1830, 1834, 1837, 1842, 1847, 1856, 1862(?), 1867, 1870(?), 1874, 1877, 1880(?), 1887).

Os textos introdutórios das três primeiras edições, adiantam alguns esclarecimentos sobre a elaboração lexicográfica, sobre as fontes e sobre a concorrência, e constituem um interessante testemunho que ajuda a conhecer este episódio da história da lexicografia e da cultura portuguesa. Os editores estranham a inexistência de dicionários portáteis e lamentam a má qualidade dos restantes dicionários. Diz-se no “Prologo” de 1811:

“He de admirar que havendo em todas as lingoas cultas da Europa Dictionarios portateis, ou como dizem d'algibeira, só em portuguez não tenha apparecido até agora huma obra semelhante. [...] Os Dictionarios que existem de francez em portuguez, e de portuguez em francez, são de hum tamanho tão volumoso e pouco maneiro, que não podem servir senão para o estudo de gabinete. [...] e os melhores, sobre serem raros e de hum preço exorbitante, parecerão-nos mui pouco apurados pelo que respeita a execução typographica. [...] achámos nestes huma serie d'eros que prevtertem o sentido de hum grande numero de palavras.”

A Necessidade, a funcionalidade, o preço, e a qualidade do uso e do conhecimento linguístico, são naturalmente factores preponderantes neste empreendimento.

Interessante é a notícia de que o dicionário é autorizado por “hum dos mais distinctos socios da Academia real de Lisboa” que o emendou e melhorou com a sua revisão, mas que quis ficar anónimo entre a “sociedade de literatos” que o redigiu.¹² Trata-se, sem dúvida de José Francisco Correia da Serra, o conhecido e conceituado Abade Correia da Serra (1750-1823) que viveu em Paris no início do séc. XIX, até 1813 e cujo nome vem assim, discretamente, honrar a galeria dos lexicógrafos portugueses. É possível que o ilustre cientista tenha participado também na elaboração de um outro dicionário publicado em 1812, em Paris, (v. infra).

Na 2ª edição, em 1820, Solano Constâncio assina um novo “Prefacio” (na 3ª, em 1828, acrescenta uma “Advertência”) em que refere o favorável acolhimento do público, censura um outro dicionário portátil das duas línguas, entretanto publicado em 1812 (“obra cheia de erros e summamente incompleta”, v. infra), e dá notícia de um considerável alargamento da nomenclatura nas referidas edições. A parte de francês-português tinha em 1811 cerca de 17.000 entradas, e na 3ª ed. cerca de 30.000; a parte de português-francês atinge em 1828 cerca de 35.000 entradas. Solano Constâncio adianta que tomou como referência para o francês, o Dicionário de 1762 da Academia Francesa, e para o português o Dicionário de Morais Silva “de que pouco me afasto”.

O dicionário censurado por Constâncio publicou-se efectivamente em 1812, em Paris: *Dictionario Portatil Portuguez-Francez e Francez-Portuguez*, atribuído por Átila Almeida (1988, p. 37; v. também Inocêncio, t. 2, p. 184) a Domingos Borges de Barros (visconde de Pedra Branca,

¹² No “Avertissement” que precede a segunda parte (português-francês), alarga-se a notícia da sua colaboração: “...nous nous plaignons ici à témoigner de nouveau notre reconnaissance à l'Académicien distingué de Lisbonne, qu'à bien voulu donner à cette seconde partie les mêmes soins qu'à la première: c'est à ses lumières que nous sommes redevables de l'amélioration de notre ouvrage, et de la correction des fautes commises par nos devanciers dans la même carrière.”

1780-1855). Um testemunho manuscrito confirma este nome, mas atribui também a autoria ao Abade Correia da Serra (1750-1823).¹³

Assinale-se, em todo o caso, a progrediente participação do Brasil na elaboração lexicográfica do português. O texto do dicionário é precedido de uma síntese gramatical, correspondente à conjugação dos verbos regulares e irregulares e à informação ortográfica e prosódica. Parece ter sido elaborado com algum esmero lexicográfico. Não tem textos prefaciais, mas acrescenta uma tabela de abreviaturas com cerca de meia centena de classificadores que remetem para a identificação gramatical e para o domínio da significação e da referência. Tem um “corpus” lexical adequado às dimensões de um dicionário portátil (cerca de 25.000 entradas no franc.-port.; e cerca de 30.000, no port.-franc.).

18. José da Fonseca (1788-1866) que será autor do dicionário de referência de francês-português, que preencheu o século XIX (v. infra), concorreu com Solano Constâncio na produção de um outro conjunto de dicionários de bolso, com edições igualmente copiosas.

Os dicionários emparceirados português-francês (“portátil”) e francês-português (“portatif” ou “de poche”) de José da Fonseca iniciaram a sua publicação em 1836, em Paris e ali tiveram sucessivas tiragens, sem alteração, para além de breves correcções na 4ª ed. (1850) “de quelques fautes qui s'étaient glissé dans la troisième”). Uma edição paralela, mais ou menos simultânea e, graficamente mais rudimentar, foi publicada em Lisboa, na tipografia rolandiana.

Estes dicionários acompanham os de Constâncio de modo demasiado próximo, de tal modo que poderá questionar-se a reivindicação duma autoria própria. Apresentam em todo o caso, um certo alargamento da nomenclatura, com cerca de 35.000 entradas no tomo de francês-português, e 40.000 no português-francês. Por sua vez, o texto dos artigos é menos amplo, oferecendo um reduzido número de sinónimos ou formas equivalentes, na língua de resposta. Para os seus pequenos dicionários, Fonseca nomeia uma ilustre genealogia: os dicionários da Academia Portuguesa, de Bluteau e de Morais Silva para a parte portuguesa; e os dicionários da Académie Française, de Laveaux e Boiste, para o francês. Num breve prefácio ao leitor estrangeiro, retoma, com nova “ciência linguística”, os temas do louvor e ilustração da língua portuguesa, atribuindo-lhe as cinco condições: “que doit réunir toute langue parfaite et cultivée, savoir: l'abondance, la douceur, l'énergie, la propriété de se prêter à toutes sortes de sujets, et de s'écrire comme elle se parle.” Discorre sobre a excelência da fonética e a simplicidade da morfologia e da sintaxe que lhe dão vantagem entre as outras línguas antigas e modernas e que fazem do português uma língua de eleição, na Europa e nas costas do Oriente: “aucune langue n'est plus connue et plus parlée que la portugaise”. Além desta hipérbole patriótica, acrescenta um interessante testemunho sobre o património literário português, no domínio da história, da oratória e da poesia, citando cerca de dezena e meia de autores, desde João de Barros e Camões, até Bocage, António Ribeiro dos Santos e Francisco

¹³ Lê-se num exemplar da Bibliothèque Cantonale du Canton de Vaud (tem ainda um carimbo da Bibliothèque de F. C. de La Harpe), reproduzido em http://books.google.com/books?id=DV8_AAAAcAAJ (acedido em 1/12/2010) A anotação manuscrita encontra-se na primeira contracapa:

“Ce dictionnaire fut composé à Paris, par 2 portugais, qui avoient été forcés de s'y réfugier, pendant la domination française, et dont les revenus avoient été saisis.

Ces portugais étaient

1) Mr. Corrêa de Serra, ecclésiastique, Secrétaire de l'Académie des Sciences de Lisbonne, membre de la Société royale de Londres, Correspondant de l'Institut de France, botaniste distingué, depuis Ministre plénipotentiaire de Portugal près les Etats-Unis, mort à Londres en 18?

2) Mr. Borges né à Baya dans le Brésil, depuis Viconte de ... Bresil...”

Manuel (Filinto Elísio) o poeta que mais se repercutiu no pensamento linguístico dos lexicógrafos portugueses do século XIX.¹⁴

19. Os pequenos dicionários de Constâncio e de José da Fonseca foram abastecendo a procura ao longo do séc. XIX, com dezenas de edições e abundantíssimas tiragens. A partir de 1870, entrou no mercado a editora Garnier Frères, particularmente voltada para o comércio brasileiro, com a publicação do *Novo Dictionario Francez-Portuguez e Portuguez-Francez // Nouveau Dictionnaire Portugais-Français et Français-Portugais*, assinado por Souza Pinto. No texto prefacial transparece a concorrência com os outros editores: “...temos intima segurança que a nossa publicação será julgada muito superior, a todos os respeitos, aos vocabularios publicados até ao presente”. Observa-se a acumulação dos tecnolectos no estabelecimento da nomenclatura — “...inserimos a maior somma possível de termos de sciencias, de botanica, de medicina e de marinha, bem como de nomes proprios e de geographia”—; justifica-se o condicionamento da informação referente à pronuncia do francês e, elemento dirimente para um novo editor que entra na competição, assinalam-se as vantagens da inovação tipográfica: “O trabalho typographico tambem foi zelado quanto possível. A palavra em typo gordo no principio de cada artigo dá na vista e facilita as pesquisas, bem que o Dictionario esteja impresso com typo miudinho, o que consentio introduzir-lhe a materia de dous volumes em-8º.”

Este pequeno dicionário tem efectivamente uma apresentação gráfica muito cuidada, com boa legibilidade, não obstante o “tipo miudinho”. O “corpus” lexicográfico apresenta alguma actualização e inovação em relação aos dicionários anteriores. É mais rigoroso, mais depurado na escolha da nomenclatura e mais abundante na procura de formas equivalentes na língua de resposta. Parece ser mais prestável do que os dicionários da primeira metade do século. Acumula cerca de 35.000 entradas na parte portuguesa e tem a originalidade de oferecer, possivelmente pela primeira vez, na história da nossa lexicografia, uma transcrição fonética integral da língua.¹⁵

A editora Garnier Frères lançou, 30 anos mais tarde (em 1900), um *Nouveau vocabulaire Français-Portugais, contenant tous les mots usuels avec leur prononciation figurée // Pequeno dicionário, contendo todas as palavras usuas com a pronuncia figurada. Portuguez-francez*, por Simões Fonseca.

¹⁴ José da Fonseca deve ter sido o mais versátil de todos os dicionaristas portugueses. Além do conjunto de dicionários da língua portuguesa, monolingues e bilingues, foram publicados com o seu nome dicionários portáteis de francês-espanhol e espanhol-francês e também de francês-italiano e italiano-francês. O seu nome ficou ainda ligado a um episódio jocoso da história da relação interlinguística. Trata-se do *Novo guia da conversação, em portuguez e inglez; ou, escolha de dialogos familiares sobre varios assumptos...* publicado provavelmente por Pedro Carolino Duarte, em 1855, a partir do *Novo guia de conversação em portuguez e francez*, elaborado por José da Fonseca e publicado em 1853. Este *Novo guia* teve uma primeira versão, com permuta do título *Novo guia da conversação em francez portuguez*, editada em Paris (1836) e no Rio de Janeiro (1849). Pedro Carolino Duarte substituiu o francês pelo inglês (língua para a qual não tinha competência) traduzindo letra a letra os modismos do português, sem acautelar a equivalência semântica das expressões idiomáticas entre o português e o inglês. O texto foi depois publicado, com reedições, no espaço da língua inglesa, como objecto de divertimento, pelo insólito da incoerência linguística, com o título: *English as She is Spoke*. (Pereira 216 e segs.). Carolino Duarte foi também co-autor de um guia poliglota publicado pouco depois (1859?): *Manuel de la conversation et du style épistolaire en six langues: français-anglais-allemand-italien-espagnol-portugais*.

¹⁵ Não temos dados biográficos sobre Souza Pinto. Parecem ser infundadas as indicações que se encontram nas fichas bibliográficas do catálogo de várias bibliotecas, que o identificam como “Adriano Antero de Sousa Pinto” ou “João Sousa Pinto de Magalhães”. Sabemos apenas, com base na informação que se recolhe no texto prefacial, que em 1870 “tinha quarenta anos de prática” das línguas portuguesa e francesa. Trata-se certamente do mesmo autor que assina, em parceria com Artur Enenkel, o *Novo Dicionário Português-Alemão e Alemão-Português*, (Garnier, Paris, 1895).

Trata-se do mesmo dicionário publicado com o nome de Sousa Pinto. Foi retomado “ipsis verbis” com eliminação de algumas entradas e com reduções pouco significativas no texto dos artigos.

20. Entretanto o editor Baptiste Louis Garnier, estabelecido no Brasil, desavindo dos Garnier Frères de Paris, e em concorrência com eles e com os editores Aillaud e, em menor escala, com o impressor Rolland em Lisboa, que tinham, até então abastecido o mercado da dicionarística portátil e escolar, promoveu, a partir de 1875, a publicação de um conjunto de dicionários bilingues (começou pelo inglês-português, v. *infra*), com um formato e um perfil lexicográfico intermédios entre o dicionário portátil e o dicionário prático, de uso geral. A responsabilidade autoral foi assumida por João Fernandes Valdez (†1881?), cidadão de nacionalidade brasileira, mas provavelmente de origem peruana. Estes dicionários foram impressos em França e depois distribuídos em Portugal, com eventual colaboração da editora Bertrand, e sobretudo muito profusamente no Brasil. Depois do falecimento de Baptiste Louis Garnier (1893), a casa editora brasileira foi reanexada pela francesa Garnier Frères, dando seguimento ao percurso editorial dos dicionários de Valdez que, ao longo do século XX, continuariam a ser assiduamente publicados.

A parceria com o francês começou em 1880, com o título: *Novissimo dictionario francez-portuguez e portuguez-francez*, retomando o modelo já ensaiado nos dicionários de inglês. Integra a pronúncia “figurada” e informação parcial sobre a conjugação dos verbos irregulares. Fala-se na página de rosto de um aumento do vocabulário da ciência e da técnica em “mais de 25.000 termos de medicina, cirurgia, veterinaria ...” e acrescenta-se a notícia de que foi “composto com o auxilio dos Dictionarios Portuguezes de Moraes e de Vieira, dos melhores dictionarios francezes e do Grande Dictionario Universal do XIX seculo, de Pierre Larousse”. Foi reeditado com o título de *Nouveau dictionaire français-portugais // Novo dictionario português-francês*, a partir de 1887 (?), e 3ª edição em 1893. A versão francês-português // português -francês dos dicionários de Valdez foi “soigneusement revue par J[osé] J[úlio] A[ugusto] Burgain¹⁶. Tomou o formato “in quarto”, alargou consideravelmente o texto dos artigos e redimensionou-se como um dicionário complementar.

Os dicionários de Valdez tiveram pouco mercado em Portugal, sofreram a concorrência dos *Dicionários do Povo*, e dos dicionários de Domingos de Azevedo que surgiram pouco tempo depois da publicação de Valdez (provavelmente inspirados e motivados por este), e rapidamente conquistaram e ocuparam o espaço comercial europeu. (v. *infra*).

Dicionários portáteis, parceria com a língua inglesa

21. Na lexicografia luso-inglesa, os dicionários portáteis surgiram como versões abreviadas da obra de António Vieira Transtagano. Temos notícia de *A new pocket dictionary of the Portuguese and English languages: Abridged from the dictionary of Mr. Vieyra ... having the Portuguese words properly accented for the use of learners*, publicado em 1809, “Printed for F. Wingrave, J. Johnson [etc.]”. Foi reeditado em Lisboa em 1820, “in octavo” pequeno, em dois tomos finos.

Jacinto Dias do Canto, o principal reformulador do Dicionário de Vieira Transtagano, elaborou também uma versão portátil que começou a ser publicada em 1826. A dicionarística portátil de português-inglês e vice versa teve depois uma preenchida sequência editorial. Foi retomada em 1837 pelo editor J. P. Aillaud como se não tivera existido o trabalho de Dias do

¹⁶ J. J. A. Burgain era filho de Luís António Burgain, pedagogo brasileiro e autor dramático de origem francesa.

Canto. Aillaud refere-se apenas à primeira tentativa de edição portátil de um Dicionário Português-Inglês em 1809, da qual, segundo declara no prefácio, promove uma nova edição, naturalmente com “mudanças e numerosos melhoramentos que lhe dão o carácter de obra completamente refundida, ou nova”.

Uma versão abreviada foi também retomada e publicada anónima, em Lisboa, por iniciativa do impressor Rolland, a partir de 1841. Em todo o caso, as diferentes edições reivindicam (sem efectivo fundamento) a tutela autoral de Vieira. Torna-se evidente que poucos vestígios da obra do Transtaganos podem subsistir nestes dicionários. Por outro lado, as variantes que se observam entre as versões concorrentes, parecem ser pouco diferenciadoras. As edições parisienses são muito mais cuidadas na apresentação e na confecção tipográfica; oferecem, além disso, uma nomenclatura um pouco mais ampla (cerca de 45.000 entradas) e alguns artigos são mais preenchidos. A edição rolandiana mantém ainda a indistinção das letras ramistas na ordenação alfabética, embora atribua valor diferenciado (vocálico *i / u* e consonântico *j / v*) a cada um dos símbolos gráficos.

Excedendo um pouco o âmbito dos dicionários portáteis, surgiram os “Novíssimos / *newly composed* Dicionários” compostos por João Fernandes Valdez, e publicados pela editora B.-L. Garnier. Eram volumes aligeirados na sua configuração, mas ofereciam uma nomenclatura ampla, próxima das 50.000 entradas e apresentavam um formato mais encorpado do que os dicionários portáteis. Mantinham todavia a leveza e manuseabilidade que faziam deles dicionários práticos, adequados ao uso escolar e às solicitações assíduas dos utilizadores mais exigentes.

A primeira edição (Rio de Janeiro e Paris, Livraria Garnier) foi publicada em 1875, mas começou a ser elaborada, declara o autor na breve nota prefacial, em 1864. A principal e importante novidade destes dicionários é o esforço de informação sobre a pronúncia da língua de entrada, que os anteriores dicionaristas consideravam dificuldade inultrapassável.

Na página de rosto apresenta-se um título alargado e esclarecedor: *Novissimo diccionario inglez-portuguez: composto sobre os melhores dictionarios das duas linguas, contendo a pronuncia figurada e augmentado com mais de quinze mil termos de todas as sciencias e artes, enriquecido com as irregularidades dos verbos, muitos idiotismos, phrases familiares e um vocabulario geographico, e outro de nomes proprios, etc., etc., etc.* João Fernandes Valdez, Rio de Janeiro, Paris, Livraria Garnier, 1875.

Na parceria português-inglês, a informação sobre a pronúncia é ainda mais valorizada, destacando-se logo na sequência inicial do título: *A Portuguese and English Pronouncing Dictionary, newly composed, from the best dictionaries of both languages containing a great number of terms connected with all the sciences and arts, short sentences and expressions illustrating such acceptations as present and difficulty many idiotisms and familiar phrases and followed by vocabularies of the names of places and persons, etc, etc, etc.* By João Fernandes Valdez. Rio de Janeiro, Garnier, 1875.

A parte português-inglês poderia ser particularmente interessante, porque Valdez tinha condições privilegiadas para dar testemunho do português do Brasil, no entanto, os abundantes brasileirismos, do domínio da fauna e da flora, que entraram na nomenclatura, parece terem sido directamente transcritos do *New dictionary of the portuguese and english* de D. José de Lacerda (*v. infra*). Também na anotação da pronúncia que, pela codificação demasiado dependente da ortografia portuguesa, deveria ter pouca utilidade para os leitores ingleses, Valdez parece ter optado inteiramente pelo modelo ortoépico do português europeu.

Este dicionário procurou corresponder às solicitações do desenvolvimento da escolarização do inglês. Realizou, com louvável esforço, um exercício de simplificação e de síntese. Manteve, em todo o caso, uma nomenclatura de mais de 43.000 entradas, com muitas palavras supérfluas, de ocorrência improvável e, por outro lado, esqueceu muitas formas de

uso comum, justamente as mesmas que faltavam no dicionário de Lacerda que terá sido, ao que parece, a sua fonte preponderante.

As sucessivas edições, pelo menos até à 10^a, (sem data, mas distribuída já no século XX) correspondem a uma única composição tipográfica e a uma só passagem pela máquina impressora, com excepção da página de rosto que foi sendo alterada com actualização da referência editorial. A produção tipográfica, em todo o caso, foi feita de modo muito esmerado. Os volumes iam sendo periodicamente lançados no mercado, com a aparência de renovadas edições, com uma apresentação muito cuidada e com encadernações artísticas estampadas, de cor verde, rosa ou outras cores igualmente atraentes.

Os “Dicionários do Povo”

22. A partir de 1882, surgiram, no espaço comercial português e brasileiro os “Dicionários do Povo” que deram uma nova configuração à dicionarística portátil ou de bolso, bilingue e também monolíngue. A iniciativa partiu de David Corazzi (1845-1896), um editor português muito inovador e ousado no âmbito empresarial e no planeamento e produção das suas edições. Redimensionou o panorama editorial português com edições práticas, úteis, esteticamente muito cuidadas e preocupadamente económicas. Publicou, além de um conjunto amplo de obras literárias, uma série muito copiosa de textos de divulgação enciclopédica e de apoio escolar (a “Biblioteca do Povo e das Escolas”). Sob o lema de “Propaganda de instrução para portugueses e brasileiros”, promoveu a importante colecção lexicográfica “Os dictionarios do povo”. Deve advertir-se que o termo propaganda era um latinismo recente, na língua portuguesa, não tinha ainda sofrido a erosão do seu uso na linguagem política e significava simplesmente “divulgação missionária, fervorosa e caritativa”. Era um ideal benevolente, desinteressado e filantrópico e, neste sentido, a “propaganda” é invocada, no prefácio do *Dicionário inglês-português* como um objectivo do editor que aceita ampliar os volumes, com prejuízo dos seus interesses: “Em questão de interesses reservamos sempre o ultimo lugar, porque os nossos interesses estão mais na razão directa dos serviços que prestamos á instrução e ás letras, do que na proporção dos lucros materiaes que auferimos. Esta empresa não é simplesmente uma industria, porque é principalmente uma propaganda.”

Foram publicados numa sequência numerada, os seguintes dicionários:

- 1 - *Diccionario da lingua portugueza etymologico prosodico e orthographico* — 1882
- 2 - *Diccionario francez-portuguez* — 1882
- 3 - *Diccionario portuguez-francez* — 1885 (?)
- 4 - *Diccionario inglez-portuguez* — 1885
- 5 - *Diccionario portuguez-inglez* — 1888
- 6 - *Diccionario latim-portuguez etymologico prosodico e orthographico* A-O (2^a ed. 1910)
- 7 - *Diccionario latim-portuguez etymologico prosodico e orthographico* P-Z (2^a ed. 1910).¹⁷

Os “Dicionários do povo” correspondiam à tendência democratizante da produção editorial da segunda metade do século XIX. Eram destinados a um público muito alargado, todavia, procuravam simultaneamente oferecer uma qualidade e quantidade de informação

¹⁷ Nas páginas de publicidade anexadas no princípio e fim dos volumes, publicados nos primeiros anos do século XX, a seguir à notícia destes volumes, já publicados, acrescentava-se: “seguir-se-hão os de italiano-portuguez, portuguez-italiano, hespanhol-portuguez, portuguez-hespanhol, alemão-portuguez, portuguez-alemão, de synonymos e rimas, de artes e industrias, de verbos e proverbios, de geographia geral, de historia, de mythologia, de botanica, analogico, etc.”. Não temos notícia de que esta futuração tenha tido presente.

satisfatórias para uma clientela medianamente exigente. Eram: “... portateis, economicos, completos, indispensaveis em todas as familias, escholas, bibliothecas, escriptorios commerciaes e repartições publicas.”

Foram publicados sem qualquer indicação de autoria, sabemos apenas que tinham a direcção literária de José Joaquim Ferreira Lobo (1837-1909). Em todo o caso, os lexicógrafos anónimos fizeram um trabalho considerável. Os dicionários de francês-português e português-francês (2º e 3º da série “Dicionários do povo”) apresentam claras melhorias, em relação aos dicionários anteriores. Têm uma nomenclatura mais abrangente (cerca de 40.000 entradas no francês e 42.000 no português); têm mais informação gramatical e lexical e mantêm a anotação prosódica (aliás fonética). Na “Advertencia” do francês-português salienta-se e justifica-se esse complemento de informação fonográfica, que se encontrava já em outros dicionários e que se tornaria usual na lexicografia bilingue:

“ Este dictionario, alem de conter todos os vocabulos e phrases da lingua franceza, que estão em uso, e de abranger todos os seus equivalentes em portuguez, é *prosodico*, isto é, não comprehende um unico termo cuja pronuncia não se encontre figurada ao lado d'elle. Sabemos. perfeitamente que sem a lição da pratica — em todos os ramos a mais proficua das lições — não é possivel adquirir a harmonia dos sons peculiares a cada lingua; mas tambem sabemos — e isso diligenciámos conseguir — que se pode figurar na pronuncia da nossa lingua a pronuncia de qualquer lingua extranha. A harmonia do som, essa não se póde dar no dictionario, porque o dictionario é um expositor escripto e não um expositor fallado”. (1882, III).

No *portuguez-francez* retomou-se integralmente, a nomenclatura do *Diccionario da lingua portugueza* da mesma colecção de “Os dictionarios do povo”, e acrescentou-se também uma transcrição fonética baseada no código fonográfico francês: “Outubro (*autou'brou*)...), com uma estranha solução para a representação dos sons vocálicos nasais, particularmente do ditongo *ão*: (*un'ou*). A representação fonética do português foi omitida nos dicionário de português-inglês (v. infra).

No “Prefacio”, anunciam-se alguns aspectos que o distinguem dos dicionários de bolso anteriormente publicados, concorrentes dos novos “dicionarios do povo”:

“A maior parte dos dictionarios têm mais definições do que significados; o nosso tem mais significados do que definições. Em muitas hipoteses, definir é pronto e facil, achar o significado é impertinente e difficil. Preferimos o mais arduo. (...) Evitando as definições, não omitimos as frases — as que têm a sua individualidade propria, não as que se traduzem ao pé da letra, e cuja significação ou tradução está, portanto, nas proprias palavras que as constituem.” (1909, 3ª edição correcta e augmentada, III).

Teve correcções e aumentos a partir da 3ª edição, em 1909, e depois oportunas actualizações ortográficas. Ao longo do século XX, preencheu um prolongado percurso, com cerca de 3 dezenas de edições e várias mudanças de propriedade editorial.

O editor David Corazzi fez um investimento muito ousado em recursos técnicos, no segmento da fabricação e da produção dos seus livros, e os dicionários dão testemunho de uma renovada legibilidade gráfica e de uma artística apresentação, mas a qualidade do papel, em alguns volumes e a reprodução tipográfica (sobretudo a irregularidade da impressão e da tintagem) das primeiras edições, nem sempre correspondiam ao voluntarioso ideal da sua publicidade.

Os “dicionários do povo” Cumpriam razoavelmente os objectivos do editor, eram efectivamente “portáteis” e “económicos”, com abundante e renovada informação lexical. Foram, por outro lado, objecto de solicitação quotidiana nos circuitos da língua escrita, no espaço doméstico, na escola, nos escritórios e na administração. Adequaram-se à expansão do sistema educativo e especialmente a uma alargada procura de aprendizagem das línguas; e integraram-se no impulso dinamizador da actividade editora, ensaiada em Portugal na segunda

metade do século XIX. A produção de texto impresso aumentou, embarateceu e vulgarizou-se. Cresceu o público e surgiram iniciativas editoriais com assinalável sucesso, como a publicação do *Diário de Notícias* (1864), ou o *Manual Enciclopédico* de Aquiles Monteverde (1803-1881) que também contribuíram para desbloquear o âmbito do espaço público de comunicação. A produção de “Os Dicionários do Povo”, nas parcerias com as línguas francesa e inglesa, foi oportunamente estimulada por este renovado condicionamento da técnica e do público leitor.

23. Os dois dicionários da parceria com o inglês, editados por David Corazzi, na mesma colecção integravam-se no plano projectado para o português e para o francês. O *Diccionario inglez-portuguez* saiu em 1885, com o número 4, com uma primeira tiragem de 20.000 exemplares, e o de portuguez-inglez em 1888, com o número 5 e com a mesma tiragem de todos os números anteriores.

O nº 4 (inglês-português) sofreu um considerável aumento da paginação, por causa da transcrição fonética (“pronuncia figurada”) que absorvia, segundo os editores, “um número considerável de paginas”, e ultrapassou a dimensão inicialmente projectada para cada volume da colecção, que era de 10 fascículos (640 páginas). Na sua primeira edição o *Diccionario inglez-portuguez* estendeu-se até às 919 páginas, muito mais do que o nº 2 (francês-português) que já se expandira também até às 720.

OS DICCIONARIOS DO POVO

PROPAGANDA DE INSTRUCCÃO

PARA PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

N.º 2

DICCIONARIO
FRANCEZ-PORTUGUEZ

De

I.ª TIRAGEM, 20:000 EXEMPLARES

Yague de Campos Aguado

Collecção de dictionarios portateis, economicos, completos, indispensaveis em todas as familias, escholâs, bibliothecas, escriptorios commerciaes e repartições publicas. Cada um d'elles trata de sua especialidade e não poderá custar mais de 500 réis em brochura e 600 réis encadernado, tendo ainda os assignantes, se assim o preferirem, a vantagem de dispender apenas 50 réis, de quinze em quinze dias, por cada fasciculo de 64 paginas pelo menos, composição perfeita, edição esteriotypada, typo miudo mas legivel, em papel optimo e consistente.

LISBOA

DAVID CORAZZI—EDITOR

EMPRESA HORAS ROMANTICAS

Premiada com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro

Administração, Rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa

Filial no Brazil, 40, Rua da Quitanda, sobrado, Rio de Janeiro

1882

Não foi só a transcrição fonética que absorveu maior número de páginas, houve também um aumento significativo do número de entradas que se aproximaram das 50.000. Por outro lado, cultivou-se neste dicionário uma propositada atenção às sequências sintáticas obrigatórias, às regências às expressões habituais: à entrada *Water*, por exemplo, corresponde um artigo que ultrapassa a ocupação de uma coluna em que se registam e traduzem várias dezenas de frases.

O *Dicionário português-inglês* foi publicado com 644 páginas; as últimas dez são ocupadas, como era já habitual, nos dicionários anteriores, com um vocabulário de antropónimos e outro de topónimos. A nomenclatura, tal como a do *português-francês*, é transcrita do *Diccionario da lingua portuguesa*, nº1 da colecção e colige cerca de 40.000 entradas.

Todavia, diferentemente deste, muitos artigos apresentam uma abundante selecção de expressões habituais e de sequências de contextualização. Os verbos *levantar* e *levar*, por exemplo, ocupam uma coluna cada um, o verbo *fazer* estende-se por duas colunas, e o artigo dedicado ao substantivo *mão* alonga-se por quase duas colunas e meia, recolhendo, no seu conjunto centenas de frases.

“Os dicionários do povo” devem assinalar-se entre as mais interessantes realizações da dicionarística portuguesa, não tanto pelo seu trabalho especificamente lexicográfico que, em todo o caso, não é destituído de algum merecimento, mas sobretudo pela quantiosa difusão, pela facilitação do acesso ao dicionário e pela generalização do seu uso, na escola e no espaço extra-escolar.

Dicionários complementares

O *Novo dicionario* (1836) de Fonseca

24. A elaboração dicionarística bilingue portuguesa, sobretudo a partir da década iniciada em 1830, transferiu-se para os prelos da indústria tipográfica francesa e pode acompanhar o apreciável ímpeto modernizador que se encontra reflectido na reconfiguração dos formatos, no aperfeiçoamento da fabricação gráfica e de um modo geral na legibilidade dos dicionários.

A lexicografia complementar que poderíamos classificar “de mesa”, ou de “escritório”, por oposição a portátil, patenteia uma clara melhoria, em aspectos como: a depuração e o alargamento do “corpus” dicionarizado; a fixação alfabética; a crescente estabilização ortográfica; e sobretudo um trabalho metalexicográfico de maior rigor na selecção das formas equivalentes, na descrição gramatical e na definição e contextualização semântica.

A interacção europeia foi naturalmente importante, também nestes aspectos da lexicografia bilingue, bem como a evolução da indústria tipográfica, mas não se pode desconsiderar o contributo de um pequeno grupo de dicionaristas portugueses, entre os quais merecem destaque Solano Constâncio (1777–1846), José da Fonseca (c.1788-1866) e Inácio Roquete (1801-1870) que, emigrantes em Paris, e provavelmente acompanhados e apoiados por outros conterrâneos, se dedicaram a este empreendimento, com honesto estudo, persistente labor e curiosa lição no reconhecimento da língua portuguesa e da sua memória textual.

Na história da dicionarística bilingue portuguesa do século XIX, o acontecimento mais notório e o mais importante empreendimento foi certamente a parceria partilhada do francês-português e português-francês realizada pelos lexicógrafos José da Fonseca e Inácio Roquete.

José da Fonseca terá emigrado para França à volta de 1817, conheceu ainda o exilado Pe. Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819), que lhe deve ter incutido um zelo de linguístico patriotismo e que muito provavelmente o despertou para a militância

dicionarística.¹⁸ Começou pela publicação de dicionários portáteis monolíngues, incluindo um dicionário de sinónimos, da língua portuguesa (1830). Em 1836 publicou o dicionário de referência, (que qualificou de “grande”, no “Discurso preliminar” do *Diccionario portátil*) apresentando-o com uma minuciosa página de rosto, em que fornecia algumas informações oportunas e esclarecedoras. Eis a sua transcrição integral:

Novo Diccionario Francez-Portuguez composto sobre os melhores e mais modernos dictionarios das duas nações, e mui particularmente sobre os novissimos de Boiste, Laveaux, Raymond, Etc.; augmentado com mais de doze mil Vocabulos novos e grande variedade de pbrases e locuções, assim como de muitos termos de Sciencias e Artes, de Medecina, de Chymica, Historia natural e Botanica, Commercio, Marinha, d'um Vocabulario Geographico, e outro de Nomes Proprios, etc. etc. etc.; e enriquecido com a pronuncia figurada da lingua franceza, de maneira a facilitar-a ao Leitor sem ajuda de mestre: Offerecido á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil, por José da Fonseca. Paris, em casa de J.-P. Aillaud. Quai Voltaire, 11. 1836.

Trata-se de um realização lexicográfica essencialmente determinada por motivações linguístico-literárias. O dicionário era um meio de acesso ao universo cultural, científico e sobretudo literário francês e, ainda nesta ordem de ideias, era também um instrumento de defesa da língua portuguesa, oferecendo equivalências vernaculares para uma tradução adequada e apropriada do francês, evitando os desnaturados galicismos que inçavam as versões dos textos franceses publicados em Portugal e “estragavam” a língua.

O relacionamento com a produção bibliográfica francesa tinha-se desenvolvido, a tradução e a leitura literária tornaram-se muito assíduas e eram um campo exigente de solicitação do dicionário a que não podiam corresponder os dicionários portáteis, que transitavam nas escolas e acompanhavam os viajantes.

A tradução literária e científica implicava, por sua vez, uma elaboração linguística e textual cultivada e “autorizada”, com recuperação da memória clássica da língua. Neste quadro “vernaculista”, a produção dos dicionários acompanhou, de algum modo, o ciclo linguístico-literário, que se prolongou pelo século XIX e parte do século XX. Os dicionários bilingues propiciaram e assistiram ao alargamento do convívio interlinguístico, sem todavia deixarem de exaltar os idiomas identificadores nacionais. Por isso procuraram recolher e oferecer informação escolhida que deveria estar disponível para apoiar e acautelar a qualidade das traduções que continuaram em progressivo crescimento.

Correspondiam a este pensamento linguístico as motivações lexicográficas exaradas no “Aviso do Editor” (que antecede todas as edições) e no “Discurso preliminar” (omitido nas primeiras distribuições do dicionário), onde se ensaia um breve esquema com uma teoria da tradução. O objectivo do dicionário, anunciado pelo editor, era “verter em linguagem os vocabulos e phrases Francezas, sem nunca sacrificar, mas antes fazer sobresahir, a pureza, riqueza e abundancia da preciosa lingua dos Portuguezes”. A sua publicação era sentida como uma necessidade instantânea pelos “sinceros e genuinos conhecedores da excellencia da Lingua Portugueza”. Não existindo, até então, para a tradução do francês, “um diccionario perfeito, e completo”, tornava-se necessário e urgente este novo empreendimento.

“De todos os que atéqui se tem publicado, se exceptuarmos o do capitão Manoel de Souza, impresso em 1811, podemos affirmar nao haver um só, que, ou por nimamente pobre, ou por se resentir a cada passo da impericia ou negligencias de seus auctores sobre a lingua materna, não induza o joven traductor a

¹⁸ José da Fonseca escreveu para um jornal português, publicado em Paris, *O Contemporaneo Politico e Literario*, uma “Breve notícia Sobre a Vida e Escritos de Filinto Elysio”, (t. II, p. 131-147, 1820), nela confirma o relacionamento com o escritor (“As pessoas, que, como eu, tiverão a ventura de o tratar...” p. 132), e acrescenta uma informação sobre as preocupações lexicográficas do árcaide exilado em Paris, que terá trabalhado durante catorze anos na composição de um *Diccionario Francez-Portuguez*.

produzir em suas traducções, e até nos seus discursos familiares, erros e gallicismos intoleráveis, que assim vão dando golpe de morte na preciosa lingua de Camões, Barros, Souza, Vieira, e de tantos outros.” (“Aviso do Editor”)

Afortunadamente, esclareciam os editores, foi possível encontrar um “incansavel e discreto auctor” para este *Novo Dictionario* na pessoa de José da Fonseca, e por outro lado, observavam ainda os editores, verificava-se, naquele momento, uma oportuna renovação da lexicografia anfitriã, que fora, em boa hora, beneficiada com os “dicionarios Francezes de Laveaux, Boiste, Raymond e outros”. O editor anunciava ainda cinco argumentos que recomendavam o novo dicionário e o distinguiam dos anteriores:

“1º mais de *doze mil vocabulos* Francezes, que faltão em todos os dictionarios Francezes-Portuguezes atéqui publicados; 2º toda a nomenclatura das sciencias e artes no seu estado actual; 3º dous vocabularios addicionaes, um dos nomes proprios de Geographia, e outro dos nomes proprios de homens [...]; 4º (o que sobre tudo mais val) achará correctos um numero infinito de significados, e sobre tudo de locuções viciosas, que a impericia da lingua Portugueza introduzira em quasi todos os dictionarios existentes; [...]; 5º a *pronuncia figurada da lingua Franceza*, com tal escrupulo executada, que o porá quasi n'huma independencia absoluta de recorrer a mestre, para poder, alem de a bem comprehender, tambem fallal-a.”

O “Discurso preliminar”, assinado pelo autor, não acrescenta reflexão metalexigráfica asinalável. Retoma o compromisso da salvaguarda da língua e da literatura portuguesa, valoriza o exercício da tradução, regulado pela memória das boas palavras dos autores clássicos e propõe “em grosso, alguns preceitos indispensaveis aos que começam a traduzir.” Começa justamente por lembrar as exigências de “pureza” e “elegância”:

“É mui conveniente pois, que o joven alumno, antes de emprender uma versão, se dê com summo cuidado á leitura dos bons *Escriptores Nacionaes*; mórmente d'aquelles, que por pureza, elegancia, e força no dizer, já adquirirão a prerogativa de classicos; e isto sempre com a penna na mão, lançando em nota todas as elegancias, phrases, ou locuções, que designem o genio particular do idioma patrio. Trabalho, que de muito lhe valerá, quando se vir precisado a equivaler com huma phrase portugueza, outra phrase franceza, cuja traducção não possa accomodar-se em linguagem.” (Discurso preliminar, p. VII e VIII).

A bibliografia dos “Traductores Portuguezes, e dos Auctores Francezes” citados como fontes: “d'onde estrahi as locuções e phrases que vão n'este dictionario” é muito modesta e contrasta com a suficiência anunciada no “Discurso”. Não eram muitos os textos que José da Fonseca teria disponíveis para o seu trabalho:

Duarte Ribeiro de Macedo, Traducção d'*Aristippo, ou Homem de Corte* de Balsac.
Manuel de Sousa (o Capitão), Traducção da *Historia de Theodosio o Grande*, de Flechier. — do *Telemaco* de Fenelon.
Francisco Manuel, Traducção dos *Martyres*, de Chateaubriand. — do *Zadig*, de Voltaire. — da *Andromacha* de Racine. — do *Tractado do Sublime*, de Longino, vertido por Boileau. — do *Vert-Vert*, de Gresset. — das *Fabulas* de La Fontaine.
Francisco Joseph Freire (Candido Lusitano), Traducção da *Athalia*, de Racine.
Pedro José da Fonseca, Traducção do *Diccionario da Fabula*, de Chompré!
Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Traducção de *Gil Braz*, de Lesage. — dos *Jardins*, de Delille. — das *Plantas*, de Castel.

O *Novo Dictionario* foi um acontecimento marcante na lexicografia bilingue portuguesa.

Teve uma sequência editorial muito copiosa, com registo de edições quase anuais, em que se substituiu apenas a página de rosto, com alteração da data da distribuição e eventuais mudanças na fórmula da assinatura dos editores. No trânsito tipográfico, observámos apenas duas composições diferentes: 1ª — desde 1836 até 1870, com 955 ps., e depois, até 1885, com 955 + 96 pp. de suplemento; 2ª — nas restantes edições, até ao final do século com 1155 pp.

A nomenclatura abrangia, na versão inicial, cerca de 48.000 entradas. O suplemento, anexado nas edições dos anos 70, e depois integrado no corpo do dicionário, a partir de 1885, acrescentou cerca de 7.000 novas entradas.

Os artigos do *Novo Dicionario* valorizam, por vezes com algum excesso, a componente portuguesa. Acumulam sinónimos e para-sinónimos, como quem quer oferecer, para além do acesso à simples compreensão da palavra francesa, uma ampla variedade de opções que auxiliem o tradutor no bom uso e no ornamento do estilo. A entrada “Coeur”, por exemplo dá lugar a um espreado artigo em que se traduzem cerca de meia centena de contextos franceses, mas, antes de apresentar essas frases, oferece uma glosa de equivalências, com 33 formas portuguesas: “coração - estomago - (*fig.*) espirito - animo, bravura, intrepidez, valor - centro, gemma, meio - amago, medulla - força, vigor - honra - sensibilidade - gesto - fereza - ressentimento - lembrança, memoria - reconhecimento - amor - cordialidade - desejo - affecto, amizade - inclinação - sinceridade - vontade - ternura - copas (naipe) - olho (de alface, etc.)”.¹⁹

O *Nouveau dictionnaire* (1841) de Inácio Roquete

25. Em parceria, mais ou menos simétrica, com o *Novo Dicionario* de francês-português de José da Fonseca, foi publicado em 1841, o *Nouveau Dictionnaire* de português-francês composto por José Inácio Roquete, lexicógrafo, filólogo, hermeneuta, doutrinador e sobretudo um pedagogo dos mais operosos, na história da cultura portuguesa. Exilado em Paris, entre 1834 e 1857, produziu uma obra vastíssima, com destaque, naturalmente, para este *Nouveau Dictionnaire* em que trabalhou regularmente “oito a dez horas por dia, durante mais de quatro anos”. Publicou ainda os dicionários monolíngues do português (que foram os dicionários práticos mais divulgados e mais populares, ao longo do século XIX e parte do século XX), e um conjunto de outros manuais para a formação escolar dos portugueses e brasileiros, para a exercitação da escrita e da oratória e para a aprendizagem do francês e do inglês. Inocêncio dedica-lhe uma ampla notícia biobibliográfica (t. IV, 373-377 e t. XIII, 15-16) e assinala a publicação de cerca de três dezenas e meia de livros (alguns bastante volumosos) durante os vinte e três anos de exílio.

Roquete foi contemporâneo em Paris de todo um escol de intelectuais portugueses e brasileiros e outros, entre os quais se destaca Ferdinand Denis (1789-1890) o mais notável lusitanista e brasilianista francês do século XIX. A sua produção lexicográfica repercutiu este convívio de bons espíritos e de vários saberes. Recebeu a mensagem de renovação, no referente à técnica dicionarística e promoveu a recolha, cada vez mais numerosa, do “corpus” lexical, ampliado pelas terminologias da política, da ciência e da técnica; pelos exotismos provenientes do Brasil; e também pela criatividade lexical, exercitada no francês e nas outras línguas que se encontravam no cosmopolitismo parisiense.

O pensamento linguístico que motivava o dicionarista e que estava em sintonia com as ideias que se professavam na Academia Real das Ciências (à qual o *Nouveau Dictionnaire* é dedicado) e em outras academias europeias, foi determinante para a sua obra filológica e lexicográfica.

¹⁹ A abundância sinonímica de José da Fonseca tinha já sido ensaiada no *Dicionário de sinónimos portugueses*, publicado pelo mesmo editor, em Paris, em 1830.

NOVO
DICCIONARIO

FRANCEZ-PORTUGUEZ,

COMPOSTO

SOBRE OS MELHORES E MAIS MODERNOS DICCIONARIOS DAS DUAS NAÇÕES.

E MUI PARTICULARMENTE

SOBRE OS NOVISSIMOS DE BOISTE, LAVEAUX, RAYMOND, ETC.,

augmentado

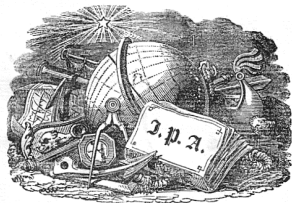
Com mais de doze mil Vocabulos novos e grande variedade de phrases e locuções, assim como de muitos termos de Sciencias e Artes, de Medicina, de Chimica, Historia natural e Botanica, Commercio, Marinha, d'un Vocabulario Geographico, e outro de Nomes Proprios, etc.; e enriquecido com a pronuncia figurada da lingua franceza, de maneira a facilitala ao Leitor sem ajuda de mestre.

OFFERECIDO

A' Mocidade Estudiosa de Portugal et do Brasil,

POR JOSÉ DA FONSECA.

TOMO PRIMEIRO.



PARIZ,

J. - P. AILLAUD, EDITOR,

QUAI VOLTAIRE, Nº 41.

1844.

NOUVEAU DICTIONNAIRE
PORTUGAIS-FRANÇAIS

COMPOSÉ

SUR LES PLUS RÉCENTS ET LES MEILLEURS DICTIONNAIRES DES DEUX LANGUES

AUGMENTÉ

de plus de 10,000 mots nouveaux, et d'un grand nombre de phrases familières, idiotismes, proverbes, etc.; enrichi des nomenclatures et des termes d'Histoire Naturelle et de Botanique, d'après BROTERO, des termes de Marine, de Commerce, etc.; selon les Dictionnaires polyglottes et spéciaux de J.-H. RODING et de P.-A. NEMNICH,

et d'un grand nombre de termes de sciences, d'arts et de métiers;

CONTENANT

les noms des principales villes et tous les termes de géographie

ET SEUVI D'UN VOCABULAIRE DES NOMS PROPRES PORTUGAIS ET FRANÇAIS;

DÉDIÉ

A L'ACADÉMIE ROYALE DE LISBONNE

Par **J.-I. ROQUETTE,**

MEMBRE CORRESPONDANT DE LA MÊME ACADÉMIE.

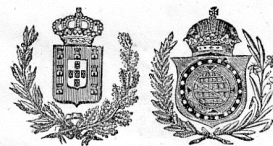
Le vocabulaire d'une nation est une table assez fidèle de toutes ses connaissances.

DIDEROT, *Réflexions sur les langues.*

E na lingua, na qual quando imagina

Com pouca corrupção creó que he latina.

CAMÕES, *Lusiad.*, 1, 33.



PARIS

Vº P.-J. AILLAUD, MONLON et C^{ie},

Libraires de leurs Majestés l'Empereur du Brésil et le Roi du Portugal.

47, Rue Saint-André-des-Arts.

1856

Roquete assumiu o discurso tradicional de defesa, louvor e ilustração da língua, valorizou patrioticamente a memória autoral e textual portuguesa, e parece ter sido já sensível ao enunciado humboldtiano que especificava a língua como um identificador de nacionalidade. Nesse sentido se deve entender o cuidadoso exergo, com a citação de Diderot (de certo modo predecessor do filósofo alemão), que se lê na página de rosto: “Le vocabulaire d'une nation est une table assez fidèle de toutes ses connaissances.” Diderot, *Réflexions sur les langues*.

O título do dicionário, retomando a tradição das discursadas páginas de rosto dos livros dos séculos XVII e XVIII, alarga-se numa informação sumária, em que se lê a notícia da actualização e alargamento da nomenclatura até então coligida. Apresentou-se em francês, significando a eleição dos falantes desta língua como destinatários preferenciais:

Nouveau Dictionnaire Portugais Français, composé sur les plus récents et les meilleurs dictionnaires des deux langues; augmenté de plus de 10.000 mots nouveaux et d'un grand nombre de phrases familières idiotismes, proverbes, etc.; enrichi des nomenclatures et des termes d'Histoire naturelle et de Botanique, d'après Brotero; des termes de Marine, de Commerce, etc., selon les Dictionnaires polyglottes et spéciaux de J.-H. Roding et de P.-A. Nemnich, et d'un grand nombre de termes de sciences, d'arts et de métiers; contenant les noms des principales villes et tous les termes de géographie, et suivi d'un vocabulaire des noms propres portugais et français.... Paris, J.-P. Aillaud, Editor, Quai Voltaire, nº11, 1841.

A dedicatória à Academia Real das Ciências e o “Préface” confirmam a doutrina linguística, e a motivação patriótica do autor, e esclarecem os objectivos e o plano do dicionário.

O texto prefacial é um dos mais interessantes entre os paratextos dicionarísticos portugueses. Começa por documentar com notas eruditas o louvor da língua e da literatura, que os franceses não podiam conhecer por falta de um dicionário: “...cette belle langue, dans laquelle tant d'historiens et tant de poètes illustres ont transmis à la postérité les exploits et les hauts faits des héros leurs compatriotes; la langue portugaise, enfin, qui inspira à Camões les doux accents d'*Inez de Castro* et le magnifique épisode du géant *Adamastor*, n'était, pour ainsi dire, pas connue en France, faute d'un dictionnaire”.

Apresenta uma revisão crítica dos dicionários anteriormente publicados e explicita, em dez alíneas, o plano do seu *Nouveau dictionnaire*, especificando alguns domínios do universo de referência do vocabulário recolhido:

“...tous les mots usuels de la langue portugaise, tous les mots de littérature ancienne et moderne, tous les termes généraux des sciences et des arts avec leurs définitions ou leurs explications, et avec toutes leurs acceptions anciennes et modernes dans leur ordre rationnel et logique, presque toujours autorisées par des exemples puisés dans les meilleurs écrivains. Nous avons tâché de rendre les mots portugais, non pas par des périphrases et des circonlocutions comme ont fait souvent les lexicographes dont nous avons parlé plus haut, mais par des équivalents, autant que cela était possible, et ainsi de même pour les phrases familières, les idiotismes, les proverbes, etc.”

Valoriza nomeadamente os arcaísmos (cita o *Elucidário* de Viterbo), “afin que les littérateurs français puissent comprendre nos anciennes chroniques, (...) et la littérature des anciens Portugais”; e enumera ainda, como campos de referência, a botânica (cita Brotero, Cuvier e Nemnich); a terminologia referente à marinha; os tecnolectos da ciência e das artes e officios; os provérbios, idiotismos e locuções familiares; e finalmente, os nomes da geografia e os correspondentes etnónimos. Dedicar uma alínea ao tratamento do verbo, e outra à notação dos casos de assimetria de género, entre o português e o francês. O tratamento do verbo, declara o autor, foi a parte mais trabalhosa: “...souvent un verbe seul nous a occupé plusieurs jours: nous avons consacré une semaine entière au verbe *dar*. Qu'on lise cet article avec attention, qu'on le compare avec celui de *Moraes* et de *Constancio*, et que l'on juge ensuite.” Efectivamente, a integração sintagmática do verbo, as regências e sequências obrigatórias ou preferenciais constituem uma informação nova e meritória, mas falta neste dicionário a gramática elementar da flexão e da conjugação verbal. É certo que os destinatários não eram os estudantes (para os quais existiam já os “portáteis”), mas sim os estudiosos do português, que deveriam ter já todas as competências gramaticais para o bom uso da língua.

O *Nouveau dictionnaire* oferece, em 1841, a mais extensa nomenclatura do português, entre todos os dicionários (incluindo os monolíngues) até então publicados. Em nota ao texto prefacial, diz o autor que o dicionário contém “environ 56,000 mots, non compris les participes et un grand nombre de superlatifs, d'augmentatifs et de diminutifs”(p. IX); todavia, no conjunto, incluindo os participios e as abundantes formas derivadas, a nomenclatura ultrapassa as 62.000 entradas. Acolhe o conjunto amplo de palavras que tinham sido dicionarizadas pela primeira vez no *Novo dictionario critico e etymologico da lingua portugueza*, por Solano Constancio (Paris, 1836) e acrescenta ainda o registo de novos termos, sobretudo brasileirismos, termos do domínio da botânica, e ainda muitas formas obtidas por derivação, explorando a crescente produtividade do sistema sufixal, induzido certamente pelo confronto com o francês.

Roquete melhora a informação dos dicionários anteriores, renovando, pelo rigor das equivalências francesas, a interpretação semântica de muitos vocábulos. Parece particularmente sensível às significações ou conotações do vocabulário político daquele tempo, como se pode observar em entradas como *desafecto* (“...contraire, opposé, adversaire...” p.396); *jacobinismo* e *jacobino* (“... En Portugal, on donnait ce nom aux partisans des Français au temps de leur invasion” p.716); *liberal*, *liberalão*, *liberalismo* (744); *partidario*., *partido* (879), etc.

Roquete cita várias fontes e menciona explicitamente dois colaboradores que lhe prestaram informação útil: o oficial de marinha português M. A. E. de Lemos (?) ao qual agradece “presque toutes les recherches qui avaient rapport à la science nautique”; e C.[aetano] L.[opes] de Moura (1780-1860), destacado vulto da cultura brasileira, que lhe terá dado apoio na revisão literária e científica e certamente no agenciamento do abundante vocabulário referente à geografia e à fauna e flora brasileira.

O *Nouveau dictionnaire* teve uma recepção e um percurso editorial com mediano sucesso. Algumas tiragens são lançadas em simultaneidade com o dicionário de francês-português de José da Fonseca. Tratava-se todavia de operações comerciais de distribuição em que se actualizava apenas a página de rosto, com a data e designação do editor. Observando vários exemplares com diferentes datas, parece poder concluir-se que o dicionário teve apenas duas composições tipográficas diferentes, a primeira (1841), que foi sendo distribuída ao longo de cerca de quarenta anos, com 1238 páginas, e a 2^a, nas últimas décadas do século, com 1290 páginas.

Os dicionários de Castro Freire (1879), Domingos de Azevedo (1887/1889) e de Valdez (1887)

26. Antes de concluído o século XIX, foram ainda promovidas duas importantes iniciativas editoriais, no âmbito da lexicografia luso-francesa: o *Novo dictionario francez-portuguez com a pronuncia franceza figurada composto à vista dos dictionários antigos e modernos mais acreditados*, pelo Conselheiro F. de Castro Freire, em Paris, em 1879; e os dois volumes do *Grande Dictionario Contemporaneo Francez-Portuguez / Grand Dictionnaire contemporain Portugais-Français*, por Domingos de Azevedo, em Lisboa, em 1887 e 1889 respectivamente.

Por iniciativa dos editores francezes Aillaud, Guillard & Ce., publicou-se, ainda em França, um volumoso dicionário, “mais completo” que os publicados até então, com a assinatura autoral de Francisco de Castro Freire, 1809-1884, lente de matemática da Universidade de Coimbra (tendo desempenhado durante algum tempo o cargo de Vice-Reitor) e sócio fundador do Instituto de Coimbra.²⁰

Este *Novo dictionario francez-portuguez* foi censurado por Camilo Castelo Branco, no texto prefacial do *Grande Dictionario* de Domingos de Azevedo, numa recorrida alusão crítica, precedida pela evocação ironizada do prestígio académico de Castro Freire.²¹

O escritor anotava e exemplificava muitas “negligencias” que “desafinam” o *Novo Dictionario*, v.g. a ausência de formas como “agitation”, “bibelots”, ou a tradução de “Pèse-lettres” por “pesa-lettres” (aliás: “Instrumentozinho para pesar as letras” p. 972), e sobretudo observava a “bizarra por vezes esteril riqueza” da nomenclatura. Com efeito, acolhendo cerca de 60.000 entradas, quantidade apreciável para a lexicografia da época, e muito aceitável para um dicionário “complementar”, evidenciava, todavia, pouco critério selectivo, registava muitas derivações redundantes, como advérbios de modo em “-ment” e tecnólectos de uso improvável. Por outro lado, a elaboração das glosas com as equivalências portuguesas era

²⁰ Francisco de Castro Freire foi avô materno do poeta Eugénio de Castro (1869-1944), que será mais lembrado do que o avô, como Professor na Faculdade de Letras e figura de relevo na difusão da literatura e da cultura francesas em Portugal.

²¹ Camilo mantinha uma antiga relação de atrito com os lentes e com o Instituto de Coimbra, e por isso, em referência caricatural, evocava os “ocios inspirativos das margens do Mondego” e desdourava o brasão da “doutoral estampilha do seu auctor” com o título, hiperbólico de “sabio ... de tão grada auctoridade” (Prefácio, 1887, II).

pouco sintética, as descrições, enredadas num estilo um tanto pesado, sobrecarregavam o texto com escassa vantagem para a informação lexicográfica.

Em todo o caso, o *Novo dictionario* de Castro Freire oferece uma substancial superação da obra de José da Fonseca, propõe uma redacção diferente e mais textualizada para a maior parte dos artigos, e marca um novo ciclo na dicionarística do francês-português.

Nos registos bibliográficos encontra-se notícia de duas reedições (1881 e 1887). Trata-se de simples artifício editorial, correspondente a uma eventual diligência de distribuição comercial. O dicionário deve ter sido objecto de uma única impressão.

27. O conjunto dicionarístico com a indicação autoral de Domingos José de Azevedo (1841-1910) foi, até ao final do século XIX, o último e o mais conseguido empreendimento, no domínio da lexicografia bilingue portuguesa. Apareceu ao público com uma preenchida página de rosto (correspondente à parte francês-português 1887) em que avulta a recomendação protectora de Victor Hugo e de Camilo Castelo Branco (autor do Prefácio).

Além do título e dessa autoridade tutelar, a página de rosto, um tanto prolixa, apresenta um sumário, com os atributos e propostas inovadoras do dicionário; acrescenta ainda uma breve referência à bibliografia prestigiada que lhe serviu de fonte; e cita em exergo um texto emblemático de Littré e outro de Fénelon. Transcreve-se integralmente, pelo interesse da informação que nela se encontra.

Grande Dictionario Contemporaneo Francez-Portuguez

Publicado com a approvaçao e sob os auspicios de Victor Hugo

E prefaciado pelo Ex.mo Sr. Camillo Castello Branco

Contendo todas as palavras que se encontram no Dictionario da Academia franceza, e ainda muitas outras de uso moderno na vida pratica; os termos usuaes das ciencias, artes e officios; as phrases, locuções, idiotismos e proverbios da lingua franceza e a seguinte materia que não se encontra nos dictionarios francezes-portugueses até hoje publicados:

Os particípios passados; a conjugação completa, nos tempos simples de todos os verbos irregulares e a indicação das pequenas irregularidades nos verbos considerados regulares;

indicação dos auxiliares com que se conjugam, preposições que regem os seus particípios, apoiadas com exemplos dos auctores classicos francezes; os pluraes irregulares; a pronuncia figurada das palavras pelo modo mais claro que é possível e por meio da divisão das syllabas phonicas até á ultima predominante; indicação das consoantes finaes das palavras que devem ou não ligar-se á vogal inicial da palavra immediata; as regras da grammatica que tenham de ser observadas no emprego das palavras, apoiadas com exemplos selectos tambem dos principaes escriptors francezes antigos e modernos, os synonymos, etc., etc.

Redigido segundo o dictionario da Academia Franceza, os dictionarios de Littré, Brachet, Bescherelle e Larousse e os melhores dictionarios portuguezes.

Por Domingos de Azevedo, e revisto pelo Exmº Sr. Luiz Filippe Leite. Vice-reitor e professor de francez do Lyceu Nacional de Lisboa, e vogal da Commissão Inspectoras das Escolas Normaes.

“L'usage contemporain est le premier et le principal objet d'un dictionnaire. C'est en effet pour apprendre comment aujourd'hui l'on parle et l'on écrit, qu'un dictionnaire est consulté par chacun.” Littré

“Il serait à désirer, ce me semble, qu'on joignît au dictionnaire une grammlre française; elle soulagerait beaucoup les étrangers que nos phrases irrégulières embarrassent souvent.” Fénelon

Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira — Editor, 50 — Rua Augusta — 52, 1887.

A página de rosto da parte português-francês é um pouco mais sóbria, mas mantém a invocação tutelar de Victor Hugo.

Grand Dictionnaire Contemporain Portugais-Français

Publié sous les auspices de Victor Hugo

Contenant la prononciation de chaque mot figurée; la conjugaison des verbes irréguliers; les pluriels irréguliers; un grand nombre de termes usuels des sciences, des arts, des métiers et de la vie pratique; les définitions; les diverses acceptions, rangées dans leur ordre logique; les locutions familières; les proverbes; les synonymes; etc, etc.

Composé sur les meilleurs dictionnaires français et portugais par Domingos de Azevedo.

Revu par Luiz Filipe Leite, Professeur au Lycée National de Lisbonne.

“L’usage contemporain est le premier et le principal objet d’un dictionnaire. C’est en effet pour apprendre comment aujourd’hui l’on parle et l’on écrit, qu’un dictionnaire est consulté par chacun.” Littré.

Lisbonne, Antonio Maria Pereira — Libraire — Editeur 52 — Rua Augusta — 54, 1889

Entre os aspectos que conferem uma certa modernidade à obra de Domingos de Azevedo e a distinguem dos dicionários anteriores, poderá salientar-se, uma selecção mais criteriosa da nomenclatura, que se limita a cerca de 50.000 entradas, em cada um dos dicionários; a redacção dos artigos, mais objectiva e simplificada; uma informação complementar, gramatical e literária com grande sentido de utilidade; e finalmente, uma realização tipográfica bastante cuidada e com boa legibilidade.²²

Estas vantagens justificam o percurso editorial prolongado até à actualidade, naturalmente revisto e melhorado. No prefácio à 4ª edição (Parte Francês-Português, 1952), considerava Vitorino Nemésio que esta obra de Domingos de Azevedo se revelava uma “honesto ferramenta, a melhor que o território de língua portuguesa possui para os que têm de carpintear um pouco, dia a dia, em francês”. O mesmo prefaciador observava, em todo o caso, que o dicionário sofria ainda de algumas “faltas graves”, em contraste com “uma certa profusão desconcertante e supérflua”. Os revisores da 4ª edição (J.-J. Duthoy, Jean Rousé e Ersílio Cardoso) haveriam de proceder ao aligeiramento da informação gramatical redundante e à actualização das nomenclaturas da ciência e da técnica, que tinham entrado no uso quotidiano, e aos brasileirismos, mais assiduamente dicionarizados na parte português-francês. Vitorino Nemésio explicita algumas dessas melhorias: “Avisadamente suprimiram os participios passados regulares, as palavras obsoletas, o luxo exaustivo dos nomes dos astros, de que o normal consultor não sabe que fazer, enfim vocábulos de um calão demasiado hermético ou perimido”. O saneamento de muita informação supérflua foi a principal melhoria introduzida pelos revisores. Eliminaram as conjugações de verbos derivados como «comprendre», «reprendre», «surprendre», que tinham no verbo simples modelo suficiente; acertaram com maior coerência os critérios de abonação dos autores, e sobretudo simplificaram a redacção dos artigos, substituindo “as longas definições” pela “simples e imediata correspondência vocabular franco-portuguesa, unidade contra unidade”, evitando as “explicações semânticas escusadas num dicionário que deve responder pronta e precisamente ao tradutor.”(Prefácio VI-VII).

A mítica aprovação de Victor Hugo não a poderemos tomar como um indicador da excelência do dicionário, mas o “Prefácio” de Camilo Castelo Branco merece boa nota e valoriza certamente o volume, não só pelas breves reflexões metalexográficas, mas sobretudo pela alusão ao purismo e ao amor da vernaculidade que ambientava o pensamento linguístico e se repercutia na elaboração dos dicionários como instâncias de aporuguesamento dos neologismos interlinguísticos.

²² A nota prefacial de Paul Teyssier (1915-2002), preclaríssimo lusitanista, no início da 4ª ed. da parte português-francês (1953), oferece a melhor síntese de louvores deste dicionário: “Le Grand Dictionnaire Portugais-Français de Domingos de Azevedo, est depuis longtemps familier aux lecteurs de la langue française désireux d’aborder et d’approfondir l’étude du portugais. Assez riche pour être complet, assez léger pour être d’un usage facile, il peut servir aussi bien au spécialiste soucieux de précision qu’à l’“honnête homme” pressé de découvrir le sens d’un mot.”

GRANDE DICCIONARIO CONTEMPORANEO

FRANCEZ-PORTUGUEZ

PUBLICADO COM A APROVAÇÃO

E SOB OS AUSPÍCIOS DE

VICTOR HUGO

E PREFACIADO PELO EX.^{MO} SR. CAMILLO CASTELLO BRANCO

CONTENDO

Todas as palavras que se encontram no Dicionário da Academia franceza, e ainda muitas outras de uso moderno na vida pratica; os termos usuaes das sciencias, artes e officios; as phrases, locuções, idiomatos e proverbios da lingua franceza, e a seguinte materia que não se encontra nos dictionarios francezes-portuguezes até hoje publicados:

Os particípios passados; a conjugação completa, nos tempos simples, de todos os verbos irregulares, e a indicação das pequenas irregularidades nos verbos considerados regulares; indicação dos auxiliares com que se conjugam, preposições que regem os seus particípios, apelladas com exemplos dos auctores classicos francezes; os plurales irregulares; a pronuncia figurada das palavras pelo modo mais claro que é possível e por meio da divisão das syllabas phonicas até á ultima predominante; indicação das consoantes finais das palavras que devem ou não ligar-se á vogal inicial da palavra immediata; as regras da grammatica que tencion de ser observadas no emprego das palavras, apoiadas com exemplos selectos tambem dos principaes escriptores francezes antigos e modernos, os synonymos, etc., etc.

RENDIDO

SEGUNDO O DICCIONARIO DA ACADEMIA FRANCEZA, OS DICCIONARIOS DE LITTRÉ, BRACHET, BESCHERELLE E LAROUSSE E OS MELHORES DICCIONARIOS PORTUGUEZES

POR

DOMINGOS DE AZEVEDO

e reviso pelo Ex.^{MO} Sr. LUIZ FILIPPE LEITE

VICE-REITOR E PROFESSOR DE FRANCEZ DO LYCEU NACIONAL DE LISBOA,

E VOGAL

DA COMMISSÃO INSPECTORA DAS ESCOLAS NORMAES

L'usage contemporain est le premier et principal objet d'un dictionnaire. C'est en effet pour apprendre comment aujourd'hui l'on parle et l'on écrit, qu'un dictionnaire est consulté par chacun.

LITTRÉ

Il serait à désirer, ce me semble, qu'on joignât au dictionnaire une grammaire française; elle soulagerait beaucoup les étrangers que nos phrases françaises embarrassent souvent.

FUNTELON

LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR

50 — Rua Augusta — 52

1887

“Ainda cabe ao sr. Domingos de Azevedo grande louvor por haver dado entrada e circulação a vozes modernissimas que a pratica introduziu na conversação e a miudo se nos deparam em escriptores pouco preocupados de puritanismos de linguagem. Compreendeu cabalmente o dictionarista que toda a velha legislação da linguistica estremadamente luza dos Sousas e Bernardes e Filinthos foi derogada a par e passo que as ideias de coisas novas multiplicadas se sentiam captivas e inexpressaveis no agorentado circulo da velha sciencia, da velha arte, e dos acanhados panoramas da vida antiga. Tudo já agora nos move a indulgenciar a contextura afrancezada da phrase indigena porque insensivelmente e contra vontade nos surprehendemos a pensar em francez, pelo reflexo dos livros elementares da nossa educação litteraria e da nossa convivencia intellectual e recreativa com francezes. O termo *gallicismo*, este monstro, está a ser fechado no archivo das catureiras archeologicas de alguns castiços veteranos, adidos ao paladio dos quinhentistas. Não são esses, todavia, os que hão de aligar ao oiro puro da dicção portugueza a contribuição de vocabulos que a opulentem e equiparem ás linguagens de que de dia em dia auferimos a nomenclatura das artes, das sciencias, dos officios. Afóra isso, a litteratura propriamente dita, como o drama, a novella contemporanea, para que sejam do seu tempo carecem de ferir a nota moderna, a palavra peregrina, de sabor estranho, picante, onomatopaica, para que se faça bem exprimir o nosso cosmopolitismo psicologico.”(Prefácio VI).

O *Grande dicionário* de Domingos de Azevedo, assinala juntamente com os “dicionários do povo”, e o dicionário de inglês-português de Jacob Bensabat, a transferência para Portugal da elaboração e produção tipográfica da lexicografia bilingue.

No Brasil a distribuição do conjunto Fonseca / Roquete deve ter tido a concorrência da obra divulgada sob a autoria de João Fernandes Valdez, sobretudo depois da revisão de José Júlio Augusto Burgain, imprensa ainda em Paris, com o título *Nouveau dictionnaire français-portugais et portugais-français composé sur les meilleurs dictionnaires des deux langues augmenté de plus de*

15,000 mots nouveaux: et comprenant la prononciation figurée, la conjugaison des verbes irréguliers, les termes de médecine, de pharmacologie, de zoologie, de botanique, de minéralogie, de commerce, les innombrables acceptions et les locutions familières et proverbiales, les noms des principales villes et tous les termes de géographie: suivi des noms propres portugais et français. // Novo dictionario portuguez-francez e francez-portuguez, seguido de um vocabulario dos nomes proprios portuguezes e francezes... Estes dois dicionários são bem abastecidos, em três colunas, com uma nomenclatura muito abundante, próxima das 70.000 entradas e com um recorrido enquadramento textual. Tem artigos que se alargam por uma coluna ou mais, com dezenas de expressões ou sequências de uso comum.

Dicionários complementares, parceria com a língua inglesa

28. A lexicografia luso-inglesa foi ocupada, ao longo da maior parte do século XIX pela tradição do título de António Vieira, com base na revisão de Jacinto Dias do Canto e com difusão predominante das edições portáteis. Só na segunda metade do século, surgiram duas ofertas de dicionários complementares que vieram competir com o título do transtagano, e superá-lo com uma ampla renovação de conteúdo e de qualidade: o conjunto inglês-português e português-inglês de D. José de Lacerda (1866 / 1871) e o dicionário de inglês-português de Jacob Bensabat (1880). São obras com características bem diversas, ambas com inegável mérito lexicográfico e com efectiva influência no panorama dicionarístico português, ainda que não tenham tido sequência editorial directa.

Os dicionários de José Maria Almeida e Araújo de Portugal Correia de Lacerda, (1802-1877) apareceram com um formato volumoso, pesado, (inglês-português — 1156 páginas, português-inglês — 946), de manuseio pouco cómodo e já então pouco usado, no âmbito dos dicionários bilingues. O inglês era uma língua subsidiária, com procura insuficiente, no mercado português e brasileiro, para poder justificar a recepção desse par de dicionários, que deveriam ter custos elevados, e que só podiam ser usados sobre uma estudiosa mesa de trabalho, num escritório ou numa biblioteca. Surgiriam entretanto os dicionários práticos de João Fernandes Valdez, e depois os “Dicionários do Povo” que “remediavam” com mediana eficácia quase todas as necessidades da procura.

O *Novo Dictionario Geral das linguas Ingleza e Portugueza augmentado com muitos mil vocabulos do uso commum ou litterario e especial menção dos termos de sciencias, artes, novos inventos, industria, commercio, navegação, etc.* (1866), foi modelado e provavelmente em grande parte “trasladado”, segundo observa Jacob Bensabat, a partir de um grande dicionário de inglês-francês e francês-inglês, elaborado por Charles Fleming e J. Tibbins, publicado em Paris, em 1839 (primeira parte — inglês-francês) e 1843 (segunda parte — francês-inglês), com o título: *Royal dictionary english and french and french and english =Grand dictionnaire français-anglais, anglais-français*. Este dicionário, adequado à dimensão económica, demográfica e cultural das duas línguas, foi retomado em várias edições. Lacerda pode ter utilizado o volume primeiro da 6^a ed. (Paris, 1860).²³

Além da nomenclatura inglesa e do propício aproveitamento da glosa francesa, traduzida e adaptada ao português, Lacerda deve ter aproveitado da mesma fonte a informação ortoépica, adaptando à ortografia portuguesa, a representação fonográfica feita para o francês. Não deixa, em todo o caso de relembrar o seu “empenho”, nesse empreendimento “árduo de

²³ Transcreve-se o testemunho de Jacob Bensabat: “Se com o espirito despreoccupado, e á luz de uma critica sã e imparcial, confrontarmos o dictionario inglez-francez de Flemings e Tibbins publicado em França em 1843, com o que n'este momento submettemos a um leve exame, veremos sem receio de errar, que um, em rigor, pouco mais é que o extracto bem ou mal elaborado do outro...” (1880, “Prólogo” p. VI.)

satisfazer”: “ Tomei o empenho de figurar a pronuncia para auxiliar os principiantes” (1866, “Ao leitor”). A propósito da figuração da pronúncia, acrescenta um texto introdutório, “Advertência àcerca da pronúncia” em que, de modo um tanto prolixo, procura explicar alguns aspectos da sua representação fonográfica. Salienta-se o seguinte enunciado metódico base: “A pronúncia vai pois representada quasi como se a palavra ingleza estivesse escripta em portuguez, devendo dar-se na leitura, assim ás vogaes como ás consoantes, o valor que lhes compete.” Na parte português-inglês não se oferece a transição fonográfica, sob pretexto de que tal informação podia induzir os leitores em erro:

“...it was my first intention to mark out the Portuguese pronunciation for the use of English learners, according to the system that I have adopted with the English language in the *English-Portuguese Dictionary*. But, after having consulted several distinguished professors on this subject, I resolved to lay aside this toilsome task, although considerably advanced, not on account of its excessive arduousness, but because experience has demonstrated that determination to be more frequently an occasion of mistake than improvement. “To the Reader”.

O primeiro volume (inglês-português) foi objecto de acerbas referências críticas, ainda segundo a informação que se lê em nota, no “Prologo” do *Novo Dicionario* de Bensabat:

“Num jornal inglez intitulado *The Tablet*, de 9 de outubro de 1869, deparamos com a seguinte curiosa apreciação do Dicionario inglez-portuguez de Lacerda: — Lacerda's Dictionary. — Issued from the National Press at the expense of the state; handsome in appearance, but is wretched in substance. Swarms with mistakes that disgrace almost every page. There is not a syllable to show that he author ever heard or read of the existence of such things as *photography, stereoscope, collodion, gun-coton, ghyptography, coprolite*, etc. «Dicionario do Lacerda: — Sahido da Imprensa Nacional á custa do Estado. Bonito na apparencia, mas em substancia uma miseria. Abunda em erros que deshonram quasi todas as paginas. Não ha uma só palavra que nos leve a crer que o auctor tenha jámais ouvido fallar ou tenha lido da existencia de cousas taes como: — *photographia, estereospio* (sic), *collodion, algodão explosivo, glycerina, ghyptographia, coprolite*, etc.». (Bensabat, Prólogo VI, nota 1)

Bensabat agrava a apreciação crítica:

“...não é para estranhar, se no livro de Lacerda deparamos não só com muita materia completamente alheia e inadequada a um dicionario de duas línguas — como succede quando o termo equivalente na lingua opposta é substituido impropriamente por urna definição ociosa — mas erros, lapsos, omissões, e mesmo contrasensos e barbarismos em variedade infinita, que demonstram evidentemente que foram tidos em pouca conta o tempo e a attenção necessária para redigir e coordenar com precisão um trabalho, que sobre ser improbo e fastidioso, tinha contra si a condição essencial de abraçar todos os conhecimentos humanos.” (Prologo VI)

Em todo o caso, a boa elaboração da obra que lhe serviu de modelo, conferiu-lhe, não obstante as inevitáveis insuficiências em obra desta natureza, alguma qualidade e fez dele um dicionário com bastante informação, que poderá ainda hoje ser consultado com proveito. Os dicionários de inglês-português que vieram depois, todos o utilizaram oportunamente como fonte.

Oferece, além disso, um “corpus” português muito copioso em que particularmente avulta um abundantíssimo vocabulário aportuguesado, transferido do inglês e do francês. É um bom testemunho diacrónico e uma fonte de indicadores do relacionamento interlinguístico e intercultural com a Europa.

A segunda parte da obra de D. José de Lacerda foi publicada cinco anos mais tarde, em 1871, e parece menos interessante, como testemunho linguístico e cultural. Tem um título que sumaria o conteúdo, retomando a tradição dos seus antecessores: *A new dictionary of the portuguese and english languages containing all the vocables in common use, with a selection of terms obsolescent*

or obsolet connected with polite literature technical terms, or such as are in general use in the arts, manufactures, and sciences, in naval and military language, in law, trade, and commerce, etc., etc., etc.

Trata-se de um dicionário muito opulento. Declara o autor, no breve texto introdutório, “To the Reader” que: “the vocabulary of the Portuguese language, which served as a basis to this Dictionary, is doubtless more extensive than any one of the Portuguese Dictionaries hitherto published.” Efectivamente, a nomenclatura portuguesa ultrapassa as 70.000 entradas, mas parece corresponder a uma selecção pouco criteriosa, com aceitação de formas abstrusas, e a sobrecarga de derivações insólitas como: “Adolescentula”, “adulterioso”, “afadigosissimo”, “affluentissimamente”. A informação metalexigráfica e gramatical e a revisão tipográfica parecem igualmente pouco cuidadas.

Os dicionários para o inglês de D. José de Lacerda devem ter tido um escasso acolhimento comercial. Em todo o caso, subsistem e destacam-se, pela sua dimensão, na galeria da produção dicionarística portuguesa, e justificarão sempre uma revisita, não só pela memória linguística, mas também como documento histórico, pelo tempo e pelo mundo que repercutem e que abundantemente nomeiam.

29. Em 1880 surgiu o dicionário de inglês-português de Jacob Bensabat (1823-1916), obliterando, de maneira decisiva, a obra que, sob a referência autoral de António Vieira se tinha arrastado ao longo de grande parte do século XIX.

A página de rosto integrava-se também na tradição antiga das portadas de livros muito textualizadas com o sumário do conteúdo e dos atributos que inculcam a sua utilização. Para além do título e das fontes de referência, acrescentava uma pormenorizada notícia sobre a componente metalexigráfica; a informação gramatical; os critérios de selecção da nomenclatura e o seu universo de referência; e concluía com uma breve notícia curricular que qualificava e recomendava o autor. Era uma apresentação bibliográfica e sobretudo publicitária:

Novo diccionario inglez-portuguez. Composto sobre os dictionarios de Johnson, Webster, Grant, Richardson, etc. e as obras especiaes de uma e outra lingua. Enriquecido de um grande numero de termos que não se acham nos outros dictionarios, comprehendendo as palavras de Shakspeare e as de uso geral e litterario até aos nossos dias.

E contendo: 1º A pronunciação figurada de todas as palavras inglezas simples e compostas com o accento tónico, e com o accento primario e secundario nos polysyllabos; 2º O genero e o numero dos substantivos portuguezes que representam a accepção das palavras inglezas; 3º Os principaes termos das sciencias, das artes, da industria, da marinha e do commercio; 4º As diversas accepções das palavras classificadas pela sua ordem genealogica; 5º Numerosos exemplos corroborando e esclarecendo as accepções mais importantes e difficeis; 6º As fórmãs do preterito e participio dos verbos irregulares, e as modificações d'essas formas nos verbos regulares; 7º As preposições que regem os verbos e outras partes do discurso; 8º As diversas modificações de que são susceptiveis algumas palavras, quando se lhes ajuntam preposições, adjectivos, adverbios, etc.; 9º As palavras compostas do uso mais geral que não se traduzem litteralmente; 10º Muitos idiotismos e locuções familiares que differem nas duas linguas, etc., etc. Seguido de um vocabulario geographico e outro de nomes de pessoas que se escrevem differentemente nas duas linguas.

Por Jacob Bensabat, auctor de duas grammaticas inglezas theoricas e praticas, de um curso completo de exercicios sobre a etymologia e a syntaxe da mesma lingua, de um novo methodo pratico para aprender a ler, escrever e fallar a dita lingua, de um novo methodo de leitura e traducção ingleza, etc., etc.

No “Prologo” o autor reivindicava a originalidade do seu trabalho: “O diccionario que hoje offerecemos á apreciação do publico foi, como o attesta o proprio livro, confeccionado sob um plano muito diferente do que presidio aos que até hoje teem sido publicados n'esta especialidade em Portugal” (“Prologo” V). Ainda no “Prologo”, que se estende por nove páginas espessas, o dicionarista esclarece os objectivos da sua realização. Propunha um dicionário comedido no preço e no manuseio (“sem avolumar inutilmente o livro e tornal-o

dispendioso” — chegou, apesar de tudo, às 1596 páginas), procurando ser útil para os que frequentavam “as escolas publicas e particulares” e para os “mais proficientes na lingua, e dados a estudos sérios em qualquer ramo de sciencia”. Salientava a necessidade de expurgar da tradição dicionarística tudo quanto fosse alheio às necessidades de intercompreensão, no acesso às duas línguas, valorizando naturalmente a informação propriamente linguística, sem deixar de anotar o renovado e abundante vocabulário correspondente ao “estado actual do aperfeiçoamento das artes e das sciencias”.

O dicionário de Bensabat contou com o de Lacerda e acompanhou-o em permanente colação. Modificou, com poucas vantagens, a codificação fonográfica utilizada na transcrição fonética das entradas de inglês. Todavia, na redacção dos artigos, deixou bem evidente a preocupação de variar e melhorar as equivalências do português. O contributo mais interessante, para a tradição lexicográfica anglo-lusa, foi o esforço de síntese e uma exigente e sistemática simplificação das glosas, tornando o dicionário mais leve e mais legível e simultaneamente capaz de corresponder a uma procura de “banda larga”. Em todo o caso, a extensão da nomenclatura, mais de 70.000 entradas, ficou ainda excessivamente pesada e demasiado parasitada por terminologias muito especializadas e de procura improvável, num dicionário de uso geral.

O *Novo dicionario* de Jacob Bensabat não teve iteração editorial, mas foi efectivamente retomado, ao longo do século XX, em toda a dicionarização subsequente do inglês-português. Os dicionários que se lhe seguiram continuariam o esforço de selecção, depuração e actualização da nomenclatura, estabelecendo um limite médio de 50.000 entradas para os dicionários gerais.

No final do século surgiu ainda um interessante dicionário de português-inglês e inglês-português, sob a autoria de Henriette Michaëlis (1849-?)²⁴, que viria a ocupar, com sucesso, um lugar permanente na dicionarística portuguesa até hoje, particularmente no mercado brasileiro. Impresso no estrangeiro e elaborado excepcionalmente por uma falante de fora do espaço da língua portuguesa, assinala, com boa nota o percurso da internacionalização moderna do estudo do português. O título alargado dá notícia da sua génese e do seu âmbito complementar abrangendo o vocabulário de domínios especializados:

A New Dictionary of the Portuguese and English Languages enriched by a great number of technical terms used in commerce and industry, in the arts and sciences, and including a great variety of expressions from the language of daily life. Based on a manuscript of Julius Cornet. In two parts. First part: Portuguese-English. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1893. Second part: English-Portuguese. Parte segunda: Inglez-portuguez. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1893. VIII, 730, 744 S. 8.

Interessa-nos preferencialmente a primeira parte (português-inglês). Além da sua originalidade e da recorrida informação lexicográfica, semântica e gramatical, incluindo o registo de frases e coocorrências fixas (“Dediquei especial atenção á parte phraseologica recolhendo o maior numero possivel de locuções familiares e profissionaes relativas ao commercio e á industria”), este dicionário ressentia-se da autoria de um não nativo da língua, tem muitas imprecisões na fixação da nomenclatura, e valoriza, com algum excesso, a estrutura morfológica do português. Destaca os radicais na primeira entrada da ordem alfabética e ordena ao longo do artigo todas as formas com o mesmo radical, propondo um modelo lexicográfico bastante diferente dos dicionários anteriores.

²⁴ Irmã senior da preclaríssima filóloga Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a quem agradece, no texto prefacial, os “valiosos subsidios com que enriqueceu esta obra, e pelo cuidado que applicou em corrigir muitos defeitos que tinha encontrado repetidos em quasi todos os dictionarios anteriores.”

NOVO DICIONARIO INGLEZ-PORTUGUEZ

Compilado sobre os dicionarios de Johnson, Webster,
Grant, Richardson, etc.

E AS OBRAS ESPECIAES DE UMA E OUTRA LINGUA

ENRIQUECIDO

DE UM GRANDE NUMERO DE TERMOS QUE NÃO SE ACHAM
NOS OUTROS DICIONARIOS, COMPREHENDO AS PALAVRAS DE SHAKESPEARE E AS DE USO
GERAL E LITTERARIO ATÉ AOS NOSSOS DIAS

CONTENDO

- 1.º A pronunçiação figurada de todas as palavras inglezas simples e compostas com o accento tónico,
- e com o accento primario e secundario nos polysyllabos;
- 2.º O genero e o numero dos substantivos portuguezes que representam a accepção das palavras inglezas;
- 3.º Os principaes termos das sciencias, das artes, da industria, da marinha e do commercio;
- 4.º As diversas accepções das palavras classificadas pela sua ordem genealogica;
- 5.º Numerosos exemplos corroborando e esclarecendo as accepções mais importantes e difficeis;
- 6.º As formas do presente e participio dos verbos irregulares, e as modificações d'essas formas nos verbos regulares;
- 7.º As proposições que regem os verbos e outras partes do discurso;
- 8.º As diversas modificações de que são susceptiveis algumas palavras, quando se lhes ajuntam preposições, adjectivos, adverbios, etc.;
- 9.º As palavras compostas do uso mais geral que não se traduzem litteralmente;
- 10.º Muitos idiosmosos e locuções familiares que differem nas duas linguas, etc., etc.

SEGUIDO DE UM VOCABULARIO GEOGRAPHICO

E OUTRO DE NOMES DE PESSOAS QUE SE ESCRIVEM DIFFERENTEMENTE NAS DUAS LINGUAS

FOR

JACOB BENSABAT.

ACTOR DE DUAS GRAMATICAS INGLEZAS THEORICAS E PRATICAS, DE UM CURSO COMPLETO DE EXERCICIOS SOBRE A ETIMOLOGIA E A SYNTAXE DA MESMA LINGUA, DE UM NOVO METODO PRATICO PARA APRENDER A LER, ESCRIVER E FALAR A DITA LINGUA, A LER, ESCRIVER E FALAR A DITA LINGUA, DE UM NOVO METODO DE LEITURA E TRADICÇÃO INGLEZA, ETC., ETC.

LISBOA

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
67, Praça de D. Pedro, 67
1880

GUIDES POLYGLOTTES

MANUEL

DE LA

CONVERSATION

ET DU STYLE ÉPISTOLAIRE

A L'USAGE DES VOYAGEURS ET DE LA JEUNESSE DES ÉCOLES

EN SIX LANGUES

FRANÇAIS-ANGLAIS-ALLEMAND-ITALIEN-ESPAGNOL-PORTUGAIS

PAR

MM CLIFTON, G. VITALI, EBELING, BUSTAMANTE ET DUARTE

PARIS

GARNIER FRÈRES, LIBRAIRES-ÉDITEURS
6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6.

1869 ?

GUIDE

TO

ENGLISH-PORTUGUESE

CONVERSATION

FOR THE USE OF

Travellers and Students;

BY

SMITH AND ROQUETE.

CONTAINING

a vocabulary of all words in ordinary use, the conjugations illustrated by examples, familiar and elementary phrases, dialogues, idioms, proverbs, models of letters and bills, and comparative tables of the coins, weights and measures of Portugal.

PARIS,

CHARLES HINGRAY, ÉDITEUR,
42, RUE DE SEINE.

LONDON

ROUTLEDGE ET C^o, 2, Farringdon street.

1853.

BAUDRY, LIBRAIRIE EUROPÉENNE.

3, Quai Malaquais, près le Pont des Arts, à Paris.

NOUVEAUX GUIDES

DE

CONVERSATIONS MODERNES

FRANÇAISES, ANGLAISES, ALLEMANDES, ITALIENNES,
ESPAGNOLES ET PORTUGAISES,

OU

DIALOGUES USUELS ET FAMILIERS

CONTENANT EN OUTRE

DE NOUVELLES CONVERSATIONS

sur les Voyages, les Chemins de fer, les Bateaux à vapeur, etc.,

Deux langues réunies en face l'une
de l'autre,

En un joli vol. in-24, cartonné.

Prix : 1 fr. 50 c. SAVOIR :

FRANÇAIS ET ANGLAIS, | FRANÇAIS ET ALLEMAND,
FRANÇAIS ET ITALIEN, | FRANÇAIS ET ESPAGNOL,
FRANÇAIS ET PORTUGAIS.

Quatre langues réunies, savoir :

FRANÇAIS, ANGLAIS, ALLEMAND et ITALIEN, en 1 vol.
in-24, cartonné, 2 fr. 25 c.
FRANÇAIS, ITALIEN, ESPAGNOL et PORTUGAIS, 1 vol.
in 24, cartonné, 2 fr. 25 c.

Ou six langues réunies, savoir :

FRANÇAIS, ANGLAIS, ALLEMAND, ITALIEN, ESPAGNOL
et PORTUGAIS, par MM. Bellenger, Witcomb, Steuer, Zi-
rardini, Pardal et Moura, 1 vol. format carré, 3 fr.

Na entrada “Faz | edóiro - edouiro, *adj. (ant.)*” dá-se início a um artigo em que se encontram integradas as formas: “[faz] -edór”; “-edura”; “-enda” (esta seguida de vinte e quatro palavras equivalentes no inglês, e de nove sequências idiomáticas tais como: “fazenda real”; “conselho da fazenda”; “ministro da fazenda”...); “-endeiro”; “-endinha”. Esta solução reduz consideravelmente o número de entradas, que não ultrapassará as 40.000, oferecendo, em todo o caso, uma nomenclatura muito mais quantiosa.

A autora, declarou ter consultado com escrupuloso cuidado “um sem numero de obras especiaes, tratados, manuaes, guias de conversação, glossarios commerciaes, industriaes e tecnologicos, catalogos, revistas e jornaes”, e teve certamente bom fundamento para a afirmação enunciada no texto introdutório “Ao Leitor”:

“Seja-me permitido esperar que o leitor inglez, portuguez e brasileiro receberão esta tentativa benevolmente, tendo em conta ser este trabalho muito mais completo e rico em termos e locuções que as poucas tentativas anteriores das quaes me aproveitei. Convido o leitor a fazer a confrontação da minha obra com a dos meus predecessores (Valdez, Vieyra, Lacerda etc.), nenhum dos quaes pôde utilizar os recursos que tive á minha disposição durante longos annos, entre os quaes relevo principalmente um manuscrito cuidadosamente elaborado de J. Cornet, o *Diccionario Contemporaneo da Língua Portuguesa de Caldas Aulete* (Lisboa 1881), a ultima edição do *Diccionario da Língua Portuguesa de A. de Moraes*, revista por F. A. Coelho (Lisboa 1878), e enfim o *grande Diccionario de Domingos Vieira* (em 6 volumes, Porto 1871-74).

Henriette Michaëlis foi uma lexicógrafa operosa, autora de vários dicionários bilingues, com parcerias do Alemão-italiano, alemão-português, português-inglês. A obra que sob o seu nome foi divulgada no espaço da língua portuguesa, incluindo um dicionário monolíngue do português, difundiu-se sobretudo no Brasil. Em Portugal teve escasso acolhimento, com excepção do *Novo dicionário da lingua portuguesa e alemã* que foi regularmente distribuído no mercado livreiro europeu, desde a sua primeira edição em 1887.

Dicionários bilingues parceria alemão, espanhol e italiano

30. Ao longo do século XIX, o convívio bilingue do português, além das línguas francesa e inglesa, abrangeu também, entre as línguas europeias, o alemão, o espanhol e o italiano. Guarda-se da parceria com essas línguas um património lexicográfico de proporções relativamente modestas e um tanto descontínuo (cerca de duas dezenas e meia de títulos, com algumas reedições), mas com manifesto interesse linguístico e com valor testemunhal no que respeita ao espaço de relação intercultural, comercial e político do português na Europa.

O espanhol e, em menor grau, também o italiano, línguas românicas, próximas do português, tinham acesso fácil à intercompreensão, com menor dependência do dicionário, bem diferentemente do alemão que era sentido como língua muito distanciada no dispositivo morfológico e na configuração lexical. Em relação ao espanhol, a proximidade tornava quase não necessário o seu estudo e a intercomuniuação fácil pode ter sido um pressuposto desmotivador para os editores de dicionários, sobretudo ao longo da primeira metade do século XIX. Os primeiros dicionários modernos — Manuel C. C. Mascarenhas Valdez 1864; Carlos Barroso e Macedo 1869/70; Jorge César de Figaniere 79/80; Pedro Afonso de Figueiredo Visconde de Wildik 1897-99; Henrique Marques 1897; Isidro Monsó 1900 — surgiram tarde e um tanto descentrados do fluxo do mercado. O dicionário de Valdez, por exemplo, influenciado provavelmente pela tradição espanhola, e distante da procura portuguesa, recolheu uma nomenclatura tão opulenta como prolixa, entumescida de palavras inúteis (tecnoclectos e terminologias esotéricas) que traduziu por palavras equivalentes aportuguesadas

quase com a mesma forma — verdadeiros “hápx” — que nunca terão tido acolhimento até hoje, nem fizeram falta, nos dicionários monolíngues²⁵.

Não obstante a escassa serventia no que respeita à funcionalidade estritamente lexicográfica, os dicionários de espanhol-português e português-espanhol do século XIX são, em todo o caso, um repositório de palavras eloquentes e eruditas disponíveis para uma leitura mais alargada, que possa abranger a dimensão histórica, que observe os contrastes linguísticos, as vivências literárias, e de um modo geral as interações culturais luso-espanholas.²⁶

O italiano teve, no século XIX, uma parceria interlexicográfica com o português menos “faustosa” do que o espanhol, mas mais prática e provavelmente mais útil e mais percorrida, particularmente no Brasil, onde a procura parece ter sido bastante significativa, sobretudo a partir dos meados do século. Em Portugal dá-se continuidade à tradição do século XVIII. António Prefumo (†1857) retoma o dicionário de Costa e Sá, com o seu *Diccionario italiano e portuguez, extrahido dos melhores lexicographos antigos e modernos: contendo as phrases italianas mais escolhidas, e particularmente as que dão a conhecer a regencia dos verbos, com a respectiva traducção portugueza adequada* (Lisboa, Tip. de Antonio José da Rocha, 1853). Observa Inocêncio Silva (t.I p 233) que se trata do “mesmo *Diccionario Italiano-portuguez* de Joaquim José da Costa e Sá, com poucas alterações”.

Não temos conhecimento de nenhum outro dicionário de italiano que tenha sido impresso em Portugal, ao longo do século XIX, mas no Rio de Janeiro e em Paris, foram ainda publicados três dicionários:

— António Bordo (†1865) *Diccionario italiano-portuguez e portuguez-italiano/ Dizionario portoghese-italiano e italiano-portoghese*, Rio de Janeiro, Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1853-1854; reed. em 1864 e de novo reimpresso, no Rio de Janeiro, pelo editor A. A. Cruz Coutinho, em 1880, com “una rivista attentissima di tutta l'opera” por Pietro Enrico Francesco Burgoin d'Orli. Na parte portuguesa acompanha fielmente, apenas com supressão de algumas entradas, a nomenclatura do *Novo Dicionário crítico e etymologico da lingua portugueza* de Francisco Solano Constâncio.²⁷

— Raqueni, Raffaele Enrico [de Florença, professor de lingua e litteratura italiana]; La Fayette, Levindo Castro de [professor do Instituto Mineiro], *Novo Dicionario italiano-portuguez contendo todos os vocabulos da lingua úsual, com a pronuncia figurada, e os nomes proprios geralmente usados / Nuovo Dizionario portoghese-italiano contenente tutti i vocaboli della lingua pratica colla pronuncia figurata delle parole portoghesi*. Paris-Lisboa, Guillard, Aillaud, [1889?]²⁸.

— Arturo de Rozzol, *Novo Dicionario Portuguez-Italiano e Italiano-Portuguez, com a pronuncia figurada em ambas as linguas, composto segundo os melhores dictionarios. / Nuovo Dizionario Italiano-Portoghese e Portoghese-Italiano, composto sul vocabolario degli accademici della Crusca e su' migliori dizionari*

²⁵ A série de lemas começados pela sequência CIC— alonga-se por 154 entradas, e ainda não regista ciclismo nem ciclista (na nomenclatura de Figanieri encontram-se, na mesma janela alfabética, 46 entradas e na de Wildik 18, mas este é um dicionário portátil). Fazendo a colação com a sétima edição do dicionário de Moraes Silva (1877, o mais estimado dicionário desse tempo), encontramos apenas 23 lemas, e ainda acrescenta três formas exclusivas do português (ciciar, cicío, cicioso).

²⁶ Ver infra, os trabalhos de Ignacio Vázquez, Amparo Ricos Vidal e Pilar Salas Quesada.

²⁷ Na Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil, lê-se a seguinte nota bibliográfica: “Antonio Bordo fez presente ao Instituto de um exemplar do seu dictionario portuguez-italiano, e italiano-portuguez: obra em dois volumes e impressa no Rio de Janeiro: o sr. Antonio Bordo não tem a pretensão de haver levado ao cabo um trabalho perfeito e limpo de faltas; mas por certo que póde desvanecer-se de ter prestado um verdadeiro serviço as letras: e com quanto tenha sido o auctor precedido de uma obra do mesmo genero por Jozé Maria da Costa e Sá, não é menos verdade que elle vem contribuir muito para vulgarisar a litteratura italiana, e tornar ainda mais facil no Brazil o cultivo da lingua maviosa do Dante, do Tasso e de Ariosto.” 1854, tomo 17, p. 662.

²⁸ Uma reed. do princípio do séc. XX, tem como editores associados: Aillaud / Francisco Alves.

portoghese colla pronunzia figurata di tutte le parole d'ambe le lingue. Garnier, Rio de Janeiro-Paris, 1897.

Os dois últimos são pequenos dicionários que dão testemunho da competição entre as duas parcerias de editores: Aillaud / Francisco Alves; vs. H.[ypolite] Garnier / Garnier Frères. De qualquer modo, estas edições corresponderam certamente a uma acrescida procura, sobretudo no mercado brasileiro.

O convívio do português com o italiano foi apoiado por vários textos, sem configuração dicionarística, mas com informação lexicográfica sistematizada e orientada especificamente para a aprendizagem de uma das línguas: manuais de gramática, compêndios escolares e guias de conversação. Relembrem-se alguns títulos:

— Michele, Antonio, *Tesouro da lingua italiana, ou seja, metodo para aprendê-la facilmente*, Lisboa: Off. de João Rodrigues Neves, 1807.

— Prefumo, António (†1857), *Grammatica da lingua italiana para uso de portuguezes*, Lisboa, Typ. Bulhões, 1829; 2ª ed. augmentada e corrigida. Lisboa, Tip. de António José da Rocha, 1840; 3ª ed. corrigida e muito augmentada pelo mesmo author, Lisboa, Tip. de Maria da Madre de Deus; 4ª ed. Lisboa, Tip. de Maria da Madre de Deus, 1867.

— Hamonière G., *Nova guia da conversação em italiano e portuguez*. Lisboa, Typ. Rollandiana, 1840.

— Lopes, Antonio Vieira, *Guia da conversação portugueza e italiana para uso dos viajantes e estudantes*. Porto, F. Gomes da Fonseca, 1864.²⁹

— Nabantino, Michele e Monteiro, A., *Guida di conversazione in Italiano e in Portoghese contenente tutti i vocaboli della lingua pratica colla pronunzia figurata delle parole portoghese*. Paris / Lisboa, Guillard, Aillaud, 1889.

— Angeli, Arturo, *Manual da conversação e do estylo epistolar...portuguez-italiano*, Paris, Garnier Frères, 1899?

— Pereira, Joaquim Gonçalves, *O mestre popular ou o italiano sem mestre ao alcance de todas as intelligencias e de todas as fortunas, adequado ao uso dos portuguezes e dos brazileiros*, Lisboa, Joaquim Gonçalves Pereira, [1900?].

A lexicografia que confronta as línguas portuguesa e italiana, ao longo do século XIX, foi produzida por falantes nativos italianos imigrados, e destinada sobretudo aos falantes da língua portuguesa, especialmente no Brasil.³⁰

A lexicografia bilingue luso germânica encontra-se já roteirada por Stefan Ettinger e Sebastião Iken. Tal como para o italiano, os autores dos dicionários foram, na sua maior parte, falantes nativos do alemão e, além disso, quatro, dos cinco títulos conhecidos, foram editados na Alemanha, onde terão tido também uma parte importante do público destinatário.

Num breve conspecto, retoma-se o elenco desse conjunto de dicionários que tiveram curso em Portugal, mas mais anida no Brasil e na Europa germanófona.

João Daniel Wagener (“de nação alemão”, segundo o testemunho de Inocêncio t.III, p.361) publicou em Leipzig, em 1811, o primeiro *Novo Dicionario Portuguez-Alemão e alemão-portuguez* (entenda-se “novo” no sentido de ‘novidade’ e não de ‘renovação / repetição’); ocupa a primeira parte o *Diccionario portuguez-alemão que contem muitas voces importantissimas, que não se*

²⁹ Numa brevíssima nota sobre o ensino do italiano em Portugal, refere a importância do casamento de Dona Maria Pia de Saboia com o rei D. Luís (1862) e acrescenta: Pareceu-me pois que generalizando-se mais entre nós este idioma, e havendo quem o desejasse aprender, seria conveniente coordenar em um pequeno livro portatil as principais regras de grammatica, conjunctamente uma especie de dictionario abreviado e de prompta consulta...” (p. IV).

³⁰ V. infra texto de M. Lupetti.

achão nos dicionários até agora publicados. É um volume bem lastrado com 1096 páginas (960 mais 136 de aditamento “Nachtrag”). A nomenclatura portuguesa, excepcionalmente copiosa para aquele tempo (próxima das 50.000 entradas), constitui um surpreendente testemunho para o reconhecimento da diacronia lexical.

Em 1812 publicou-se a segunda parte alemão-português: *Neues Portugiesisch-Deutsches und Deutsch-Portugiesisches Lexicon* von Johann Daniel Wagener, Doctor und Lehrer der portugiesischen und spanischen Sprache. Foi distribuída em dois volumes de 783 mais 704 ps., (este último inclui um aditamento a partir da p. 613). O vocabulário abundante das glosas, com muita sinonímia e com definições textualizadas em português, oferece também informação muito auferível para a história da língua. Para além de uma certa originalidade ortográfica, os dicionários de Wagener têm frequentes lapsos de escrita, certamente devidos ao desconhecimento da língua portuguesa pelos tipógrafos de Leipzig.

Em Leipzig ainda, em 1844 foi publicado o *Dicionário portátil das línguas portuguesa e alemã*, (reeds: c. 1850, 1856, c. 1860, 1870, 1877?, 1883, 1893), por António Edmundo Wollheim da Fonseca (1811-1884; tradutor de *Os Lusíadas* e erudito poliglota, “Doutor em Phil., Lente Emer. na Universidade Regia de Berlin, membro da Soc. Asiat. de Paris, do Instituto Afr., da Soc. Orient. Allem, Comm, Cav., etc.”).

Em Hamburgo, Eduard Theodor Bosche (fez estadia no Brasil entre 1825 e 1834), publicou o *Novo dicionário portátil das línguas portuguesa e alemã*, 1858, 1868, 1876, 1884, 1888, 1894, 1897. Em algumas tiragens, sem data, saiu com o título: *Novo dictionario geral das línguas portugueza e allemã: com particular menção dos termos de sciencias, artes, industria, commercio, navegação, etc.*

Henriette Michaelis, em Leipzig, publicou o *Novo dicionário da língua portugueza e allemã: enriquecido com os termos technicos do commercio e da industria, das sciencias e das artes e da linguagem familiar*, Leipzig: F. A. Brockhaus, 1887-1896.

O uso dos caracteres góticos, pouco disponíveis na tipografia francesa, e ainda menos nos impressores portugueses, deve ter motivado a edição no espaço germânico. Entretanto, no final do século (1895?), a casa Garnier começou a imprimir em Paris um “tout-petit” *Novo dicionário portuguez-alemão*, integrando o alemão na sua colecção de dicionários bilingues destinados a Portugal e sobretudo ao Brasil, assinados por dois lexicógrafos de serviço geral à editora: Arthur Enenkel e Souza Pinto “autores de varios dictionarios em duas linguas”. As duas partes eram geralmente distribuídas num só volume (16) e ofereciam uma informação lexicográfica muito esquemática, acolhendo embora uma nomenclatura bastante alargada, próxima das 40.000 entradas, na parte portuguesa.

O conjunto do património dicionarístico luso-germânico do século XIX é bem preenchido e foi objecto de um reiterado trânsito editorial, correspondendo certamente a uma procura compensadora. As duas partes do dicionário “portátil” de Vollheim da Fonseca devem ter sido geralmente distribuídas também encadernadas num só volume, diferentemente, o dicionário “geral” de Theodor Bosche, um pouco mais encorpado e com mais texto, optou por dois volumes, que poderiam ser impressos em anos diferentes e distribuídos de modo a responder especificamente ao público lusófono ou germanófono. No que respeita ao português, ambos adoptaram, com mais ou menos reduções, a nomenclatura do *Novo Dictionario* de Solano Constâncio.

O *Novo Dictionario* de Henriette Michaëlis era bastante mais original. A nomenclatura portuguesa foi objecto de uma exaustiva recomposição morfológica. Na entrada *Clar/ /ão*, por exemplo, encontram-se registados e traduzidos os seguintes itens e subentradas: *Clar/ /ões*, *Clar/ /ea*, *Clar/ /eár*, *Clar/ /eiár*, *Clar/ /éira*, *Clar/ /éiro*, *Clar/ /ete*, *Clar/ /eça*, *Clar/ /eça/s*, *Clar/ /idade*, *Clar/ /ificação*, *Clar/ /ifcaç/ões*, *Clar/ /ificár*, *Clar/ /ificar/-se*, *Clar/ /ifcativo*, *Clar/ /ífico*.

No texto introdutório, “Ao Leitor”, a autora esclarece que dedicara ao dicionário “bons dez annos de estudo assiduo” e, além das informações sobre as fontes utilizadas, sobre as

dificuldades da representação fonética do português, entre outras, acrescentava um agradecimento pela colaboração da irmã Carolina Michaëlis de Vasconcelas e, finalmente deixava uma alusão ao espaço de mercado e de recepção: o dicionário dirigia-se a alemães e portugueses, beneficiava ambas as literaturas e, além disso, servia aos agentes do comércio com o Brasil e com Portugal, sem esquecer as suas “importantíssimas colônias” e deveria ainda ser muito útil, aos “membros das florescentíssimas colônias alemãs no Brasil”

O dicionário Michaëlis teve um afortunado trânsito editorial ao longo do século XX, no espaço lusófono.³¹

Dicionários políglotas e paralexigrafia bilingue

31. Uma parte significativa da produção referente ao convívio interlinguístico do português encontra-se, como já notámos acima (“pré-dicionarística bilingue”), nos apêndices ou anexos glossarísticos dos manuais de gramática; nos guias ou manuais de conversação; nas colecções de palavras, frases e diálogos que ofereciam acesso fácil para a intercompreensão de outras línguas. Estes textos destinados a viajantes, a agentes comerciais ou mesmo ao uso escolar, tinham características paradicionarísticas, alargavam-se frequentemente ao confronto plurilingue e continham uma informação lexicográfica próxima dos “dicionários básicos” ou “vocabulários fundamentais” das línguas modernas. Eram publicados geralmente em formatos portáteis, de pequena dimensão, de fácil manuseio e preço atractivo. Tiveram um incremento de produção a partir do século XIX, todavia, a produção com a parceria da língua portuguesa, de que temos conhecimento, é modesta e parece ter tido uma escassa participação de autores portugueses.

Além dessa produção para-dicionarística, mais ou menos heterogénea, o confronto interlinguístico do português encontra-se também em alguns dicionários políglotas gerais e de domínios de especialidade. O convívio multilateral entre os idiomas europeus suscitou mesmo uma produção importante caracterizadamente dicionarística, mas o contributo dos autores portugueses, neste campo da lexicografia políglota, foi também bastante diminuto, e o lugar da língua portuguesa, garantido por lexicógrafos estrangeiros, foi igualmente reduzido, sobretudo se o compararmos com o espaço de outras línguas europeias. Em todo o caso, estes dicionários, de grande abrangência interlinguística, oferecem uma documentação lexicográfica procurada em fontes geralmente negligenciadas e, em relação à nomenclatura recolhida, dão testemunho de uma certa originalidade, ainda no respeitante à língua portuguesa.

Considerando de modo alargado, o convívio plurilingue, incluindo os dicionários e os textos paralexigráficos, temos notícia de uma produção que, com parcimónia relativa, como já notámos, acolheu, apesar de tudo o português em várias parcerias interlinguísticas, sobretudo a partir do final do século XVIII. Percorrendo tão diversificada bibliografia (dicionários políglotas, dicionários de especialidade, textos gramaticais, glossários e guias de conversação), encontra-se a língua portuguesa referenciada em títulos compostos (plurilingues) que reúnem frequentemente a participação de grupos de colaboradores. Entre os nomes de autores, sem presunção de exaustividade, podem lembrar-se os seguintes: Johann Hinrich Roding (1763-1815), 1793-98; Philipp Andreas Nemnich (1764-1822), 1797, 1799, 1803, 1817; Henry Neuman, 1799; Antoine Marie Henri Boulard, 1802; Charles Chrétien de La Jonchère, 1805, 1807; Genlis, 1810; Alexandre de Théis (1765-1842), 1810; Jean-Noël Blondin (1753-1832), 1811; G. Hamonière, 1817, 1825, 1829; O'Hier de Grandpré, 1829; Emílio Aquiles Monteverde (1803-1881) 1829; L. Smith, 1843; Caetano Lopes de Moura

³¹ V. infra, Hoepner.

(1780-1860) 1846; Augustin Jal (1795-1873), 1848; Karel Pieter Reehorst, 1850; Eduard Bobrik, 1850; anónimo (Dicionário marítimo) 1851; Pedro Carolino Duarte, 1855 e 1859³²; Engelmann 1861; Adolfo Tiberghien, 1869; Charles John Sellers, 1880; João Felix Pereira (1822-1891) 1880; Pedro Macedo de Aguiar, 1888; Tomás Lino de Assunção 1897.

Alguns destes autores de dicionários e de manuais paralexigráficos assinaram mais do que um título com a parceria do português. Lembramos por exemplo G. Hamonière (1789-?) que publicou gramáticas e guias de conversação de português-francês, de inglês-português e de italiano-português e, além disso, ensaiou a singularidade de registar a designação de “língua brasileira” para nomear o português, na obra: *Le guide de la conversation brésilienne et française* (1825). No breve texto introdutório (Advertencia/ Avertissement) deste manual, também publicado com o título *O novo guia da conversação, em Portuguez e Francez* (1817), corroborando o interesse da informação lexicográfica destas obras, informa-se que a primeira parte “para facilitar o seu uso”, “contêm hum Vocabulario assaz extenso dos nomes mais usuaes”, acrescentando ainda que o utilizador poderia servir-se dele “como de hum dictionario”.

A lexicografia poliglota parece ter tido mais procura quando serviu para roteirar alguns domínios de especialidade, tais como os dicionários de Nemnich e de Roding, citados entre as fontes de José Inácio Roquete.

Entre a bibliografia paralexigráfica, de âmbito plurilingue publicada em Portugal, além do breve vocabulário coligido por Bartolomeu Álvares da Silva (1764), acima referido, merece lembrança a *Collecção de phrases e dialogos familiares uteis aos Portuguezes, Francezes e Inglezes ou Exercicios para Conversação Portugueza, Franceza e Ingleza*, várias vezes reeditada, a partir de 1829, por Aquiles Monteverde, (autor do *Manual enciclopédico* — o mais importante “Vade-mecum” escolar do século XIX). O autor declara, num texto preliminar, que retomou uma fonte estrangeira, uma “obra intitulada: *Recueil de Phrases utiles aux étrangers ou guide de la conversation Anglaise*, que se publicou em Inglaterra em Francez e Inglez.” Às frases e diálogos franceses e ingleses, acrescentou um vocabulário português bastante abrangente, versando “huma grande variedade de assumptos para se exercitarem na conversação da Língua”. O texto, nem sempre modelo de correcção, no que respeita ao uso das línguas estrangeiras, é condicionado, em parte, pela estrutura dialógica e começa justamente com uma breve nota sobre as formas de tratamento em português: “Il y a plusieurs sortes de traitemens en Portugal qui sont fixés par la loi du 29 Janvier 1739...”. Na primeira edição tinha 139 páginas e oferecia uma informação lexical correspondente ao actual *Português fundamental* (1980). Tem algumas notas com particular interesse diacrónico. Na página 11, por exemplo, comenta a forma francesa “conducteur” que traduz por cocheiro: “(1) Não ha palavra em Portuguez que corresponda exactamente a *conducteur* na accepção em que aqui he tomada. *Conducteur* he hum homem que governa a Diligencia, ou carruagem de posta.”

No conjunto, estas publicações paralexigráficas guardam uma importante memória lexical. Deverão todavia ser lidos com precavida atenção, porque sofreram uma forte interferência das línguas coocorrentes, sobretudo das mais próximas. Os dicionários interlinguísticos, sobretudo os poliglotas foram elaborados por falantes não nativos da maior parte das línguas compulsadas e dificilmente poderiam evitar alguma contaminação entre as línguas em confronto. Os utilizadores da língua portuguesa poderão observar muitos “hapax” modelados sobretudo pelas formas próximas do castelhano ou do francês, ou provocados pela estranheza linguística dos tipógrafos.

³² Pedro Carolino Duarte era, provavelmente de origem brasileira, e Caetano Lopes de Moura (cirurgião, tradutor e escritor) era natural da Baía.

Conclusão

32. A elaboração lexicográfica bilingue portuguesa tem uma tradição modesta. Não é muito abundante, nem de grande qualidade, mas assegurou, desde o final do século XVIII, um convívio intenso e frutífero com as línguas francesa e inglesa, e uma intercomunicação mediana com o alemão, o italiano e o espanhol. Quase toda a elaboração autoral, sobretudo para a parceria com o francês e o inglês, foi desempenhada por nativos da língua portuguesa. No seu conjunto, não obstante as limitações do seu trabalho, formam uma preenchida galeria de benfeitores da língua e de beneméritos da cultura portuguesa.

Numa perspectiva global, com alguma distância, pode dizer-se que o período mais interessante e mais produtivo da sua história (tendo em conta o quadro linguístico e sócio-cultural de cada época) ocorreu justamente nas origens: ao longo da segunda metade do século XVIII.

O encontro com o francês e com o inglês deu lugar a obras instituidoras. A língua francesa foi privilegiada com o trabalho de vários autores e com a publicação de dicionários volumosos, e do primeiro dicionário bilingue prático e fácil de manusear, verdadeiramente moderno (Pedegache Brandão Ivo 1769).

No século XIX, foi importante, na dicionarística bilingue portuguesa, o aparecimento e a grande difusão do dicionário de bolso ou portátil e, do mesmo passo, a democratização do dicionário e a sua trivialização como manual escolar. Na história da produção e do comércio dos dicionários, o século XIX caracterizou-se pelo quase monopólio dos editores franceses e pela emergência do mercado brasileiro.

Na lexicografia bilingue, pra além do confronto e da interação semântica que se promove em todos os dicionários, acontece o encontro de dois idiomas, de dois sistemas linguísticos, por vezes próximos, mas muitas vezes desconhecidos pela estrutura fonográfica e morfossintática de cada uma das línguas, e sobretudo pelo universo semântico e referencial correspondente às diversas culturas. As línguas representam o mundo e organizam a sua percepção recorrendo a mosaicos lexicográficos muito variados e, por outro lado, verbalizam o acontecimento recriando diferentes recursos de expressão. Acresce ainda a originalidade e diversidade das respectivas memórias linguísticas e literárias. Todas as línguas acumulam conotações e fabricam sequências e combinações idiomáticas que ultrapassam a segmentação e a determinação lexical. A lexicografia bilingue é o lugar de encontro e de interação desta variedade e grande criatividade das línguas.

Os dicionários bilingues confrontam e intercomunicam as diferenças e são, por isso mesmo, um agente da mudança linguística, um testemunho privilegiado do movimento transnacional das palavras e das ideias e do percurso diacrónico das línguas.

A lexicografia interlinguística assiste com particular acuidade à inovação ideológica e à transmigração das terminologias da ciência e da técnica. Promove e documenta a relação entre as línguas e as culturas, é uma importante fonte histórica, e participa do grande mistério da intercomunicação entre os humanos e entre as diferentes comunidades falantes.